



ESTEVAM LEÃO BOURROUL

MR 638

Com de R. ...

Museu Republicano
Collecção Prudente de Moedas
Convenção de ITU

1-1

Est-6

Prat 3

J-23v

L-16

DEDALUS - Acervo - MP-REP

923.2
Q41b
(478)

O conde do Parnahyba,



21800005046



Visconde de Parnaíba

em homenagem do Auctor
9/18/90

O CONDE DO PARNAHYBA

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

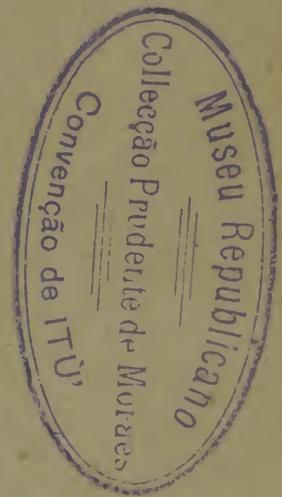
Est - 6
Prat - 3
Y - 23 v

POR

ESTEVAM LEÃO BOURROUL

BACHAREL EM DIREITO

EX-SECRETARIO DA PROVINCIA DE SÃO PAULO



6-3

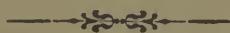
003732

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA A VAPOR DE JORGE SECKLER & COMP.

1890

AO LEITOR



Logo depois da morte do Conde do Parnahyba contrahi o compromisso de publicar a biographia do grande Paulista, cujas eximias qualidades eu tinha, mais do que outrem, tido occasião de apreciar bem de perto.

Até hoje, porém, não me foi possível levar a effeito tal commettimento, e isto por um conjuncto de circumstancias cuja enunciação não cabe neste momento.

Esta publicação não é, portanto, o cumprimento inteiro daquella promessa, o resgate total daquella divida sagrada.

E' apenas uma serie de apontamentos, de notas a lapis, margeadas de algumas apreciações da imprensa sobre a vida e a morte do Conde do Parnahyba.

Como simples apontamentos e méras notas—é que deve ser lido este opusculo.

Trabalho incompleto, embora, doia-me adiar por mais tempo esta modesta homenagem á memoria do grande cidadão. Mais tarde, si Deus me dér vida

e saúde, publicarei a biographia, alargando o quadro deste esboço quanto convém e dando a lume tudo o que sei a respeito do eminente Paulista.

A vida daquelle que no mundo se chamou o Conde do Parnahyba está tão intimamente ligada á politica e ao desenvolvimento agricola e industrial de nossa Provincia, que ella fornece ao historiador e ao biographo um dos capitulos mais interessantes dos *Annaes Paulistas*.

Quando chegar o dia de levantar-se o monumento a que tem direito o grande homem, esta pedrinha servirá ao menos para assignalar as dimensões do futuro edificio.

Hoje, que celebra-se o segundo anniversario annual do chefe e do amigo, sumido tão precocemente na voragem do tumulto, venho depositar o meu tributo sobre a sua campa, unindo as minhas saudades ás da familia, os meus sentimentos aos da Patria, que pranteia, hoje como hontem, como amanha, tão grande vácuo no seio da sociedade brasileira, tão irreparavel perda.

Sirva-nos a sua memoria de pharol por entre os escolhos da vida, e o seu exemplo nos guie nas luctas pelo engrandecimento desta terra, que elle estremeceu com amor inexcedivel,—por Deus e pela Patria.

S. Paulo, em 6 de Maio de 1890.

Estevam Leão Bourrioul.

PRIMEIRA PARTE

I

Na pacifica e pittoresca cidade de Jundiahy, uma das povoações mais antigas e ordeiras do territorio Paulista nasceu, a 16 de Agosto de 1831, Antonio de Queirós Telles, mais tarde Barão, Visconde e Conde do Parnahyba.

Era o oitavo filho de Antonio de Queirós Telles, tambem natural de Jundiahy, onde se tornou lavrador importante.

Sobre ser homem de fortuna, era dotado de alma bemfazeja e generosa. Tornou-se o idolo dos povos do seu municipio, e ali, pelo amor que lhe era tributado em retribuição dos beneficios por elle deramados na localidade e circumvizinhanças, era acatado e obedecido como si fôra monarcha absoluto.

Ante a sua intervenção desappareciam inimizades, materias de demandas e rixas domesticas. Por muitissimas vezes foi eleito membro da Assembléa Legislativa Provincial, onde se distinguiu sempre por seu acrisolado bom senso e sua hostilidade a negocios duvidosos e abusos de toda ordem.

Casou-se com D. Anna Leduina de Moraes, filha do sargento-mór Joaquim José de Moraes e de D. Escholastica Jacintha Rodrigues Jordão, irman do Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão e neta do terceiro

Fernando de Camargo, de cujo consorcio houve onze filhos (1).

Nos ultimos annos de sua vida foi que o Governo Imperial lembrou-se de galardoar os grandes serviços prestados por tão distincto Paulista com o titulo de Barão de Jundiahy.

O avô paterno do Conde tinha o mesmo nome. Era natural do Reino de Algarves, além do Atlantico, de onde vindo á então Capitania de São Paulo, desposou D. Anna Joaquina da Silva Prado, da importante e abastada familia Silva Prado.

Era o guarda-mór Antonio de Queirós Telles homem intelligente ; e, prevendo o futuro valor da propriedade territorial, então tão depreciada, e conhecedor da uberdade das terras do sertão, logo depois do nascimento de seu filho Antonio (pai do Conde), e já estabelecido com lavoura em Jundiahy, emprehendeu uma viagem de exploração ao sertão

(1) O Barão de Jundiahy teve os seguintes filhos :

1.º—Coronel Joaquim Benedicto de Queirós Telles, Barão do Japy, casado com D. Maria Januaria de Moraes Queirós.—Falleceu em Jundiahy pouco tempo depois do Conde do Parnahyba.

2.º—D. Anna Joaquina do Prado Fonseca, Baroneza de Jundiahy, viuva do Senador Manuel José da Fonseca.

3.º—D. Maria Eufrosina de Queirós Guimarães, viuva do Coronel Antonio Joaquim Pereira Guimarães.

4.º—D. Escholastica Jacintha de Queirós Ferreira, casada com o ajudante Francisco Benedicto Ferreira, ambos fallecidos.

5.º—D. Antonia Leopoldina de Queirós, solteira.

6.º—Tenente-coronel Manuel de Queirós Telles, casado com D. Etelvina da Silva Prado Queirós.

7.º—Tenente José de Queirós Telles, já fallecido, casado com D. Angelina Petronilha da Cruz Queirós.

8.º—Dr. Antonio de Queirós Telles, Barão, Visconde e Conde do Parnahyba, casado com D. Rita MBoy Tibyriçá de Queirós.

9.º—Major Salvador Augusto de Queirós Telles, casado em primeiras nupcias com D. Mariana de Almeida Prado Queirós, e em segundas com D. Josephina Eugenia Cavalheiro de Queirós.

10.º—Tenente Francisco Antonio de Queirós Telles, casado com D. Gertrudes Angelica de Queirós Telles.

11.º—Tenente Luiz de Queirós Telles, casado com D. Amand de Barros Queirós.

adiante de Mogy-mirim, naquelle tempo Mogy dos Campos, afim de ali adquirir terras.

No seu regresso, tendo de atravessar o rio Camandocaia em época de enchente, e sem recurso de ponte, pereceu afogado, sendo seu corpo transportado a Jundiahy e ali sepultado.

Este desastre deu-se ha pouco mais de cem annos.

Quer pelo lado paterno, quer pelo lado materno, pertencia o nosso biographado a familia das mais afamadas de S. Paulo, pela nobre origem dos seus maiores, pela posição proeminente que occuparam, pelas virtudes que as caracterisaram.

II

A todos os seus filhos o Barão de Jundiahy procurou dar completa educação, não descurando a cultura das letras pela exclusiva occupação da grande lavoura.

O barão do Japy (coronel Joaquim Benedicto de Queirós Telles) de saudosa memoria, era notavel latinista.

Mas o unico que seguiu a carreira propriamente litteraria foi o seu filho Antonio, que matriculou-se no Curso Jurídico desta capital em 1850, e recebeu o gráu de Bacharel em sciencias sociaes e juridicas em 1854. (1)

(1) No mesmo anno formaram-se, além de outros, os Drs. Francisco Januario da Gama Cerqueira, que foi deputado e ministro, José Maria Corrêa de Sá e Benevides, ex-presidente de diversas provincias e consummado jurisconsulto, Antonio Carlos Carneiro Viriato Catão, Felix Xavier da Cunha, celebre publicista, Francisco Leite Ribeiro Guimarães, Francisco Xavier Paes de Barros, João Feliciano da Costa Ferreira, magistrado, João Paulo de Almeida Magalhães, Joaquim José de Assis, José Joaquim do Carmo, Luiz Silverio Alves Cruz, ex-deputado provincial, Padre Mamede José Gomes da Silva, bom orador sacro, senador Manuel Francisco Corrêa, Manuel Marcondes de Moura e Costa, ex-vice-presidente da provincia, Mathias Antonio da Fonseca Morato, magistrado, Rodrigo Antonio Monteiro de Barros, Sebastião José Pereira Junior, magistrado e ex-presidente desta Provincia, Thomaz Alves Junior, jurisconsulto.

O jovem Paulista entrava na vida publica perfeitamente preparado pela educação ministrada no lar por uma familia exemplar, nas aulas preparatorias e no curso superior, onde sempre se salientara por sua applicação ao estudo, por seu genio investigador e pela pratica constante dos mestres, por uma rara comprehensão dos homens e das cousas.

Logo depois de formado, o Dr. Antonio de Queirós Telles seguiu para a cidade de Ytú, onde abriu escriptorio de advogacia e não tardou a adquirir grande nomeada pelo seu talento fôrense e pela alta posição a que o levaram os seus dótes de espirito e de coração, que lhe grangearam grande influencia e preponderancia.

Os antigos moradores da cidade de Ytú guardam ainda grata memoria do talento e dignidade com que o moço paulista sabia honrar a modesta e trabalhosa profissão com que se iniciára na vida publica.

Convencido defensor da lei e da justiça, nunca o Snr. Dr. Antonio de Queirós Telles procurou na sagacidade e na argucia uma apparencia de legalidade para o que não o era realmente.

Limitando a missão do advogado a um apostolado do direito, não havia interesse nem consideração de qualquer ordem que fosse capaz de o arrastar até o deploravel extremo de pôr a justiça a soldo de quem, não a tendo, pensava poder compral-a.

Em autos e nas tradicções da tribuna judiciaria d'aquelle fôro encontram-se provas eloquentes e brilhantissimas da verdade d'esta nossa asserção. (1)

Na fidelissima cidade, na Igreja Matriz, a 13 de Junho de 1854, o Dr. Queiroz Telles desposou

(1) Artigo biographico do Snr. José Felizardo Junior.

D. Rita MBoy Tibyriçá Piratininga, filha do proprietario territorial daquelle municipio, João Tibyriçá Piratininga, da notabilissima estirpe das Almeida Prado e Tibyriçá e então já fallecido ; e de D. Maria Antonia de Camargo Tibyriçá.

Era neta paterna de João de Almeida Prado e D. Anna Blandina de Almeida Prado ; materna de José Ribeiro de Camargo e D. Maria Angelina de Camargo.

Senhora dotada das mais peregrinas virtudes, foi ella a digna companheira do illustre Paulista, e nisto consiste o seu maior elogio. Nem podia a distincta Ytuana encontrar um esposo mais perfeito, nem este uma consorte mais dedicada e credora do seu affecto, prototypo de amor conjugal e materno. (1)

Em 1855 foi eleito deputado provincial, para o biennio de 1856—57 ; e tomou assento na primeira sessão preparatoria, a 12 de Fevereiro de 1856, ao

(1) O Conde do Parnahyba deixou os seguintes filhos:

1.º—Maria de Queirós Telles, solteira.

2.º—Antonio de Queirós Telles, casado em Ytú a 21 de Maio de 1884' com D. Evangelina da Fonseca, filha do Dr. Francisco Emygdio da Fonseca Pacheco e de D. Anna de Almeida Prado Fonseca.

3.º—D. Anna de Queirós Telles Tibyriçá, casada, a 10 de Abril de 1880 em Ytú, com o Dr. Jorge Tibyriçá, engenheiro, filho de João Tibyriçá Piratininga.

4.º—Jecia de Queirós Telles Moraes, casada em Campinas a 4 de Outubro de 1884 com Candido de Moraes Bueno, filho de Domingos Francisco de Moraes e D. Antonia Bueno de Moraes.

5.º—Jenny de Queirós Telles Moraes, casada na fazenda do Jequitibá, estação da Ressaca, municipio de Mogy-mirim, a 14 de Abril de 1888, com Urbano de Moraes Bueno, irmão de Candido de Moraes Bueno.

6.º—João de Queirós Telles, solteiro.

7.º—Ercilia de Queirós Telles Moraes, casada em São Paulo a 24 de Março de 1890 com Carlos Moraes Bueno, irmão de Candido e Urbano de Moraes Bueno.

8.º—Zenaide de Queirós Telles, solteira.

9.º—Salvio de Queirós Telles, solteiro.

10.º—Adalberto, solteiro. Nasceu em Paris.

11.º—Vasco, solteiro, Nasceu em Campinas.

lado de seu venerando pai e de Paulistas eminentes, que então faziam maximo empenho em constituir o areopago dos eleitos da Provincia.

A nossa Assembléa Provincial gozava outróra de verdadeiro prestigio, que mais tarde, pela propria força das circumstancias, foi diminuindo; e era a digna herdeira do Conselho Geral, cujas actas attestam a virilidade do character Paulista e a energia máscula da geração coeva da Independencia.

O novo deputado era dos mais moços, sinão o mais moço da egregia corporação; e tinha para companheiros homens do póрте do conselheiro Carneiro de Campos, Barão do Tieté, Nebias, Ribas, Ulhôa Cintra, Rosa, Gonçalves de Andrade, Pedro Taques, Valladão, Barboza da Cunha, Carrão, Ribeiro de Andrada, Silveira da Motta, Brotéro, Gabriel e outros.

Foi reeleito em 1858 e 60; e não desmereceu, antes tornou-se saliente no meio das illustrações que tanto brilho espargiram sobre a tribuna provincial.

Filiado, por indole, por estudo e convicção, pela tradicção de familia, ao partido conservador, ao passo que advogava com denodo os principios de sua escóla politica, era por igual o arauto, intemerato e sempre na vanguarda dos interesses da Provincia de S. Paulo, de seu desenvolvimento moral e material e do seu progresso em todas as suas phazes.

Na Assembléa Provincial, em tres biennios, tomou parte em todas as discussões mais importantes; e defendeu com calor e eloquencia, com criterio e largueza de vistas, a causa do partido conservador, dos municipios em que residia, do torrão Paulista em geral.

Attestam esta affirmativa os annaes da Assembléa naquellas sessões legislativas; e em sua nudez (os

annaes não passavam de actas) provam bem alto os esforços do jovem deputado em pról da terra que o viu nascer.

III

O Dr. Antonio de Queirós Telles tinha a exacta comprehensão da Idéa Conservadora: era o verdadeiro representante desse partido, que tem de sobreviver ás ruinas das instituições e ao desmoronamento dos caracteres, ao sopro das revoluções sociaes e politicas.

Partidario inflexivel na defeza do seu programma, não sacrificava jámais o coração á cabeça, o sentimento altruista á razão d'Estado. Era um adversario temivel e temido; mas ao mesmo tempo era amigo de seus adversarios, que depositavam nelle a maior confiança.

Sabiam-n'ò incapaz de sacrificial-os para ter ganho de causa; vencia, mas não dizimava, e perdoava. Era um cavalheiro de fina tempera, e esgrimia as armas brancas do raciocinio e da lealdade com luvas de pellica.

D'ahi a influencia enorme de que gozou em toda a Provincia; d'ahi, a preponderancia incontestavel que assumiu no seio do seu partido. Era verdadeira auréola a que cercava a frente do nobre chefe, e tanto mais crescia, quanto era desinteressado e despido de quaesquer ambições pessoaes.

O popularissimo Dr. Queirós vencia eleições e mais de uma vez decidiu victoriosamente da sorte do seu partido nas urnas; fazia deputados, fez senadores e até ministros. Muitos vultos proeminentes que occuparam o primeiro lugar no scenario politico

da Provincia e até do paiz a elle deveram a satisfação de suas ambições de poder... E elle, modesto e generoso, que podia aspirar aos mais altos postos na governança do Estado, não passou de simples deputado provincial. Elle, que confeccionava chapas e era ouvido em todas as deliberações e combinações partidarias, nunca aceitou uma cadeira de deputado geral nem consentiu que o seu nome fosse incluído em chapa senatorial, depois do advento do seu partido a 20 de Agosto de 1885.

Apenas, por imposição de seus amigos e por aclamação unanime da Provincia, mais tarde, resignou-se a sentar-se na cadeira de presidente; mas, aceitando essa honra, bem sabia elle que ia sentar-se n'uma cadeira de espinhos. Por méra ambição, pela satisfação, aliás legitima, de uma vaidade pessoal, em tempo nenhum teria aceito a presidencia.

Aceitou-a, sim, para cumprimento de um dever civico e para prestar á sua Provincia os serviços do ultimo e mais agitado e fecundo periodo de sua vida.

IV

Em tres quatriennios foi o Dr. Queirós Telles eleito vereador da Municipalidade de Ytú, e mais de uma vez occupou a presidencia daquela corporação.

Numerosos e valiosos serviços prestou elle neste character ao municipio, em cujas obras principaes ficou esculpido em caracteres indeleveis o nome austero do digno Paulista.

A Santa Casa de Misericordia, a Igreja Matriz, o Lazareto, a canalisação d'agua potavel, o Cemiterio, e muitos outros melhoramentos de valia e de

utilidade immediata para o povo, attestam o muito que elle fez pela terra Ytúana.

A população, sem distincção de credos politicos, tributava verdadeira veneração ao seu genio empreendedor, cavalheiresco, bemfazejo e christão.

Exerceu uma influencia decisiva na politica local; e deu uma organização forte ao seu partido na circumscricção eleitoral cuja séde era a Cidade de Ytú, a sua base de operação, o centro de onde irradiava a sua actividade prodigiosa.

Quando em Agosto de 1887, os Ytúanos receberam com festas solemnes o illustre Presidente da Provincia, offerecendo-lhe esplendido baile, pôde ser aferido o graú de apreço em que era tido o preclaro cidadão.

As fervorosas homenagens não se dirigiam ao chefe politico, ao homem publico de alevantada estatura: era alvo das ovações populares o Paulista benemerito, orgulho da sociedade em cujo seio residira por mais de trinta annos, e cujo patriotismo estava rasgando á Provincia de S. Paulo os horizontes de um futuro prospero e risonho, assentando em bases indestructiveis a transformação do trabalho e a salvação da lavoura, isto é, da fortuna publica e particular. (1)

(1) Raros são, com effeito, os homens publicos que, na propria provincia de que são naturaes e collocados a frente do governo della, conseguem, a exemplo do Sr. Visconde do Parnahyba, tão unanimes applausos pelo jámais desmentido proceder na caminho da honra e dedicação á causa publica.

E si entre as localidades da provincia alguma ha que mais expontaneas e sinceras manifestações de apreço tenha dado ao actual presidente, sem duvida que, em primeiro logar, dever-se-ha apontar a cidade de Ytú.

O baile em questão evidenciou de modo inequivoco esse sentimento da distinctissima sociedade Ytuana.

Não se tratou de uma demonstração de caracter partidario ou politico, mas de uma significação ainda mais honrosa, dados os nossos costumes politicos.

V

Embora residente em Ytú, o Dr. Queirós Telles tinha importantes interesses agricolas no municipio de Mogy-mirim, onde estava situada a sua fazenda de café, e na cidade de Campinas, importantissimo emporio commercial, a capital agricola da Provincia.

Por isso, quando no correr do anno de 1872 tratou-se de organizar a Companhia Mogyana, para a construcção de uma linha ferrea entre Campinas e Mogy-mirim, o Dr. Queirós Telles collocou-se á frente da empreza.

Por acto de 5 de Abril de 1873 foi nomeado seu presidente, e nesta qualidade, assignou o contracto de 20 de Junho do mesmo anno com o Governo Provincial, sendo Presidente o distincto Mogyano e illustre philosopho e jurisperito, Dr. João Theodóro Xavier.

Todos os Relatorios dos Presidentes da Provincia tecem elogios e fazem as mais honrosas referencias ao modo energico e brilhante por que o Dr. Queirós Telles dirigiu os trabalhos da construcção da empreza, revelando uma phase nova de sua individualidade, talhada para os ousados commettimentos industriaes. (1)

Na verdade, concorreram para offerecer o baile os mais conspicuos membros dos partidos liberal, republicano e conservador do municipio, procurando os cavalheiros que os representam rodear o hospede illustre de provas de consideração pelo seu patriotismo e finissimo tracto social.

A propria escolha do anniversario natalicio do presidente indica o pensamento pessoal e todo imbuido de cordialidade que presidio á festa.

Consignando as circumstancias alludidas, julgamos, como acima dissemos, cumprir um dever de correspondente, sendo-nos ao mesmo tempo tão licito quanto grato associarmo-nos á brilhante recepção que mais uma vez teve em Ytú o conspicuo cidadão, que aqui goza da mais invejavel e merecida popularidade.— Correspondencia de Ytú, para o *Correio Paulistano* de 21 de Agosto de 1887:

(1) Vide Relatorios dos Drs. João Theodoro Xavier, de 5 de Fevereiro de 1875 e outros posteriores.

Muitas luctas teve elle de sustentar para vêr co-
roada a ingente obra ; e pôde leval-a a cabo, co-
brindo-se de louros immaccessiveis.

Em 27 de Agosto de 1875 foi solemnemente inau-
gurado o trafego da parte da estrada comprehendida
entre as cidades de Mogy-mirim e Campinas.

A essa festa da industria assistiu S. M. o Impe-
rador.

Em 15 de Novembro foi tambem inaugurado o
ramal do Amparo.

A extensão da linha Mogyana era então de 106
kilometros e 200 metros, inclusive os 30 kilometros
e 600 metros do ramal do Amparo.

« A Companhia Mogyana desempenhou-se bri-
lhantemente do compromisso contrahido, graças aos
esforços de sua illustrada e zelosa Directoria, e
á inexcedivel actividade de seu digno Presidente,
Dr. Antonio de Queirós Telles, a quem o Governo
Imperial merecidamente distinguiu no dia da inau-
guração da estrada, nomeando-o Commendador da
Ordem de Christo. » (1)

Dado este primeiro passo, o Dr. Queirós Telles
não descansou nem esmoreceu : dotado do engenho
emprehendedor e audaz de um Lesseps, comprehen-
deu o futuro que aguardava aquellas uberrimas
zonas quando cortadas pela via-ferrea. E successi-
vamente, obteve a Companhia concessão de privi-
legio para o prolongamento da linha de Mogy-mi-
rim a Casa Branca, de Casa Branca ao Ribeirão
Preto, do Ribeirão Preto, por Batataes e Franca, ao
Rio Grande.

(1) *Relatorio* do Presidente da Provincia. Dr. Sebastião José Pereira,
pag. 30.

A linha chegava a Casa Branca a 14 de Janeiro de 1878; a 29 de Julho de 1882 á Penha do Rio do Peixe (ramal); a 23 de Novembro de 1883 era inaugurado o prolongamento de Casa Branca ao Ribeirão Preto, passando por São Simão.

Tal foi o desenvolvimento da Mogyana no primeiro decennio de sua existencia, em que construiu e entregou ao trafego 368 kilometros de estradas de ferro.

O decreto imperial de 17 de fevereiro de 1883, concedendo á Companhia garantia de juros para o prolongamento de Ribeirão Preto ao Rio Grande e a construcção d'um ramal para Poços de Caldas, veiu proporcionar-lhe elementos para estender as suas linhas de um lado—a transpôr a Mantiqueira, penetrando na provincia de Minas, e do outro lado—na direcção do extremo norte de S. Paulo.

Encetados, a 10 de março de 1885, os trabalhos de construcção, em outubro de 1886 já inaugurava a Companhia o ramal de Caldas e a parte do prolongamento entre Ribeirão Preto e Batataes, sendo o acto honrado com a augusta presença de SS. MM. II. Emquanto á ultima construcção do prolongamento de Batataes ao Rio Grande, passando pela Franca, trata a Companhia de mandar proceder aos estudos no territorio mineiro, entre o Rio Grande e o Parnaíba, devendo a linha passar por Uberaba, com o desenvolvimento de cerca de 240 kilometros, nos termos do contracto celebrado a 10 de outubro de 1884 com o governo provincial de Minas Geraes.

Na carreira em que vai, não ha negar, a Mogyana não está longe de attingir o Araguaya e ir a Cuiabá, resolvendo o importante problema da ligação da capital do imperio á provincia de Matto Grosso. (1)

(1) *A Provincia de S. Paulo* (Commissão Central de Estatistica) obra notavel, pag. 268.

O Barão do Parnahyba, em seu Relatorio á Assembléa Provincial (1887) exclamava, ao finalizar as suas considerações sobre a Companhia que elle incarnava:

« Chegada ao Jaguára, a estrada irá se internando pelo Triangulo Mineiro, em demanda da barranca do Parahyba.

« Podemos, portanto, prevêr o tempo, não mui longe, em que o sibilo da locomotiva da Mogyana acordará os échos dos remotos sertões de Goyaz, levando o progresso e a abundancia áquellas paragens, que foram o theatro dos feitos homericos dos povoadores da antiga Capitania de S. Vicente.

« A' Provincia de S. Paulo está reservada a execução desse projecto gigantesco, que significará mais uma vez, de modo o mais eloquente, o espirito de patriotismo, iniciativa e emprehendimento dos Paulistas, — esses bandeirantes da civilisação. » (1)

O Dr Antonio de Queirós Telles exerceu o cargo de Presidente da Companhia Mogyana desde 1873 até 1886, quando incompatibilisou-se legalmente por ter-lhe sido imposta a Presidencia da Provincia.

Devo exceptuar o periodo de sua ausencia, assás prolongada, na Europa, quando foi dignamente substituido pelo Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cin-

Hoje, o trafego está aberto até á cidade de Uberaba; e os trabalhos proseguem activamente.

A estrada, ao chegar á barranca do Parahyba, justificará o titulo honorifico com que S. M. o Imperador em boa hora e com toda perspicacia e previdencia, agraciou o Dr. Antonio de Queirós Telles.

(1) Barão do Parnahyba, *Relatorio* á Assembléa Legislativa Provincial, 1887, pag. 82, *in-fine*.

tra, hoje Barão do Jaguára, que por sua vez prestára relevantísimos serviços á prosperidade da Companhia.

Esse eminente Paulista, dotado de talento invejavel, clinico distinctissimo e patriota que estremece a causa do progresso da Provincia que se orgulha de ter um filho deste porte, continuou as tradições de honra e civismo do Dr. Queirós Telles: ambos, obreiros incansaveis do Bem, tendo em mira unicamente o engrandecimento de S. Paulo. (1)

E' por todos reconhecido que ás boas relações politicas e á geral consideração de que gozava o Dr. Queirós Telles deve em maxima parte a protecção concedida á Companhia em algumas occasiões difficeis pelos Poderes geral e provincial.

Seguiu para a Europa com a familia, a quem estremeceia, em 1878, no vapor *Cotopaxi*, a 28 de Maio, e regressou, no vapor *Iberia*, em fins de Julho de 1879. Visitou Paris, Lyon, Marselha, Monaco, Nice, Genova, Turim, Piza, Florença, Bolonha, Roma, Napoles, Milão, Chambéry, Vienna, München, Dresden, a Floresta Negra, Zürich, Neufchatel, varios outros Cantões da Suissa, algumas cidades da Belgica e Hollanda, Londres e Liverpool, em cujo porto embarcou para o Imperio.

(1) Tendo-se retirado para a Europa o Dr. Queirós Telles, a Directoria chamou para o substituir o Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra. Naquelle tempo, porém, a designação definitiva pertencia ao governo provincial, então entregue a um presidente energumeno, o illustrado e violento Dr. João Baptista Pereira.

Este, por prevenção politica, eliminou o Dr. Cintra, que muito ganhou com essa exclusão arbitraria e acintosa aos olhos da Provincia.

Triste fadario das situações novas, cuja força unica basea-se na perseguição cega e odienta!

O que o Dr. Baptista Pereira eximiu-se de dar á luz da publicidade, foi o officio vehemente em que o Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra agradecia a sua exoneração e solicitava a demissão de inspector da Instrução Publica de Mogy-mirim.

Durante a sua estada de cerea de quatorze mezes na Europa, elle estudava com interesse patriotico tudo o que dizia respeito á construcção e administração das vias ferreas, para assim tornar mais proficua a sua direcção da Companhia Mogyana, que foi sempre a *menina de seus olhos*.

Em 31 de Dezembro de 1880, o Governo Imperial agraciou-o com o titulo de Barão do Parnahyba. Essa distincção, proveniente de um gabinete liberal, era o justo preito de homenagem prestado pelos adversarios ao grande Paulista, que nunca cogitou de politica quando estavam em causa os interesses moraes ou materiaes da terra que lhe foi berço.

VI

A quéda do gabinete liberal presidido pelo honesto e venerando Conselheiro Saraiva e a chamada do Barão de Cotegipe vieram encontrar o partido conservador Paulista em toda a sua pujança, de que dera sobeja prova a eleição geral de 1.º de Dezembro de 1884.

Para esse resultado auspicioso contribuiu em grandissima parte o Barão do Parnahyba, que, sem fazer parte do Conselho Director da União Conservadora, era entretanto o chefe de mais prestigio em toda a Provincia.

A sua personalidade impunha-se á nova situação; e foi elle, por Carta Imperial de 20 de Agosto do mesmo anno, nomeado primeiro vice-presidente da Provincia.

Como tal, competia-lhe empunhar desde logo as rédeas da administração e presidir á reorganisação

dos serviços officiaes á feição do novo gabinete, de cuja illimitada confiança era fiel depositario.

Por escrupulos de delicadeza e razões pessoaes, que muito abonam a sua tolerancia e a amisade sincera que votava a grande numero de adversarios, com quem privava e que lhe retribuiam o affecto com usura, s. exc. eximiu-se da interinidade destinada á inevitavel *derrubada*, posta em pratica por todas as situações novas, reservando-se para tempos mais calmos, si ainda tornassem a exigir o contingente de suas luzes e patriotismo.

Após a vice-presidencia do honrado Paulista sr. Dr. Elias Antonio Pacheco e Chaves, que durou de 2 de Setembro a 19 de Outubro, governou a Provincia, como fidalgo *touriste*, o senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, a quem o pranteado Visconde do Rio Branco dêra alta notoriedade, confiando-lhe a pasta do Imperio no ministerio 7 de Março de 1871.

A presidencia do sr. senador João Alfredo foi um governo de estadista em *villegiatura*. S. exc. descansava das fadigas da administração, fiado na pericia e amor ao trabalho do então secretario da Provincia, o sr. Balduino José Coelho, funcionario de reaes habilitações para o cargo que desempenhou com distincção.

O illustre senador seguiu para a côrte, em demanda de sua curul vitalicia e na perspectiva da presidencia do Conselho, e, no dia 26 de Abril de 1886 o primeiro vice-presidente, cedendo aos rogos do gabinete e de seu partido e da opinião da provincia, assumiu a administração. (1)

(1) Do Relatorio da Directoria da Companhia Mogyana, 29 de Setembro de 1886:

«Assumindo a administração da Provincia o digno Presidente desta Directoria, Exm. Barão do Parnahyba foi, na fórmula do art. 27 dos Estatutos

Nomeado por Carta Imperial de 17 de Julho do mesmo anno, presidente effectivo, tomou posse do cargo no dia 26 do mesmo mez, com as formalidades do estylo e com os applausos de seus comprovincianos e da imprensa de todos os matizes.

« Aceitei tão pesado quando difficil encargo, escrevia s. exc., não por confiar nas minhas forças para desempenhal-o com brilhantismo, mas porque não me julguei dispensado de corresponder á prova de confiança que o Governo Imperial acabava de dar-me, e de prestar á minha Provincia os serviços que ella tem o direito de exigir de seus filhos. (1)

O que foi a Presidencia do grande cidadão ninguém ignora: os factos estão ainda bem recentes e a acção benefica de seu governo se fará sentir por dilatado tempo.

O illustre administrador trouxe para a gerencia dos negocios publicos os mesmos predicados que immortalisaram o Dr. Antonio de Queirós Telles na presidencia da Companhia Mogyana.

Os dous Relatorios, em que s. exc. compendiou os fastos de sua administração, são repositórios lumi-

tos, substituido pelo Director João Ataliba Nogueira, que entrou no exercicio daquelle cargo a 27 de Abril.

Com quanto seja muito sensivel estar privada das luzes e do effcaz concurso daquelle seu Presidente, a cuja administração criteriosa, principalmente deve a empreza o elevado gráu de prosperidade em que se acha, a Directoria se exforçará para conservar os creditos da Companhia, afim de corresponder á confiança com que foi honrada pelos Senhores Accionistas.

A Directoria felicitando o Exm. Barão do Parnahyba pelo elevado cargo que passou a occupar na administração da Provincia, dá a esta parabens por estar confiado seu destino a um dos mais conspicuos Paulistas, e que por seu talento, illustração e patriotismo, novos e mais importantes serviços prestará a sua provincia natal. »

(1) Relatorio á Assembléa Legislativa Provincial, *in principio*.

ñosos e documentos importantissimos, que têm de ser consultados por quantos quizerem estudar a marcha dos negocios provinciaes.

N'elles, s. exc. compendiou o seu systema, o seu corpo de doutrina relativamente aos serviços publicos, e com tal habilidade e illustração, que nada deixa a desejar.

O Relatorio com que s. exc. abriu a sessão da Assembléa Legislativa Provincial no dia 17 de Janeiro de 1887 é um documento notavel, riquissima fonte de informações minuciosas e observações criteriosas, e raro será excedido, sinão igualado.

Nenhum ramo de serviço foi por elle esquecido : regulamentou o Thezouro e a Força publica provincial, a immigração e a instrucção publica, e lançou as bases de uma boa refórma da Secretaria do Governo, que mais tarde foi levada a effeito sem alteração pelo saudoso sr. Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues ; iniciou e deu impulso energico ás obras da nova Thezouraria de Fazenda, edificio digno de figurar nas praças de uma capital européa ; prestou especial cuidado ao melhoramento da viação publica da Provincia, attendendo aos reclamos das pobres e sempre tão desprotegidas localidades do interior (e si mais não fez, foi devido ás migalhas que lhe concedera um Orçamento acanhado e elaborado sem a necessaria amplitude e com acre parcimonia) ; fiscalisou severa e incessantemente a rigorosa distribuição dos dinheiros publicos, constituindo-se sentinella vigilante da applicação do suor do contribuinte ; delineou optima refórma para a repartição de Obras Publicas ; organisou um serviço de cathechese e civilisação dos Indios no valle entre o Tieté e o Paranapanema e deixou correr com toda a liber-

dade as manifestações eleitoraes que se deram durante a sua presidencia.

Mas, o que mais prendeu a sua attenção, o que melhor mereceu os seus esforços e actividade, foi o problema da transformação do trabalho, a substituição do braço escravo pelo braço livre, sem abalos nem convulsões, a immigração e a colonisação.

No appendice encontrará o leitor os trechos mais importantes de seus Relatorios no tocante a este momentoso assumpto.

O magestoso edificio, que se ergue na rua denominada do Visconde do Parnahyba, é o attestado mais eloquente da heroicidade com que o Apostolo da Immigração luctou em pról do futuro da Provincia.

Destinado a receber e agazalhar de quatro a cinco mil pessoas, é um monumento unico em seu genero no Brazil e certamente em toda a America do Sul. (1)

A placa de marmore e ouro, collacada na entrada do edificio, a rememorar o nome do seu benemerito fundador, é o maior titulo de gloria a que pudesse aspirar o patriota Paulista. *Monumentum oere perennius*, a immensa corrente immigratoria que inundou o Oeste e o Sul da Provincia e transbordou nas fazendas dos lavradores, arrancando-os, por

(1) Vid. o importante Relatorio da Directoria da Sociedade Promotora da Immigração ao Exm. Sr. Conde do Parahyba, 1888.

A directoria, composta dos prestantes Paulistas Dr. Martinho Prado Junior, Nicoláu de Souza Queiroz e Raphael Aguiar Paes de Barros, conclúe o seu minucioso trabalho com as seguintes palavras:

« Sigam as outras Provincias o exemplo de São Paulo, tome-a o governo geral por mestra, que ella assumirá proporções gigantescas, e ainda mais, si á testa das administrações se encontrarem homens, que possuindo a dedicação, actividade e energia de V. Exc. empenharem-se em tão fecundo trabalho; de homens como V. Exc., já conhecidos pelos empreendimentos grandiosos tendentes ao progresso e engrandecimento de sua patria, e que no mesmo gráu cultivem o patriotismo. »

assim dizer á força, das garras de tremenda crise, á borda de um abysmo.

A fundação dos dous nucleos coloniaes de Jundiahy e Porto Feliz foi tambem de grande vantagem para a Provincia e para aquellas zonas. A uma deu-se o nome de seu venerando pai, o Barão de Jundiahy, e a outra o de um comprovinciano distincto e respeitado. Este, porém, como corollario necessario devia ter o nome do seu fundador. Mas que importa? si o nome do Conde do Parnahyba echoa de um angulo a outro da terra Paulista como o de um benemerito.

Mais alto que as pompas officiaes e as galas das decorações falla a gratidão popular. E esta nunca falha, embora tardia ás vezes. A consciencia do povo faz justiça a seus bemfeitores.

Quando mais não fosse, bastaria o impulso herculeo dado por S. Exc. ao movimento immigratorio e colonizador, para fazer jus aos applausos de seus concidadãos e ás bençãos do futuro.

Concorreu, assim, de um modo efficacissimo para a transformação do trabalho agricola na provincia.

E, si não fossem os esforços emprehendidos por S. Exc., desde os primeiros dias de sua presidencia, para attrahir a corrente immigratoria. —esforços que têm sido coroados do mais franco successo, — certamente o generoso movimento emancipador que vae ganhando todas as classes da sociedade paulista, encontraria maiores obices em sua marcha ascendente, e hoje triumphante, pela maior difficuldade da substituição de braços e pela escassez do elemento estrangeiro.

Fallem por nós os algarismos.

Si, como já disse esta folha, o anno de 1887 terminará assignalando a introducção de mais de 30,000 immigrantes na provincia de S. Paulo,

é ao Snr. Visconde do Parnahyba que se o deve em grande parte ; a S. Exc., que tem-se constituido entre nós o apostolo da immigração.

E nisto, confessava o illustre presidente, consistia principalmente o seu programma administrativo.

A esses 30.000 adicionemos os 10.000 entrados em 1886, e teremos que S. Exc., mais do que ninguem, concorreu para que a immigração européa procurasse as nossas plagas e tornasse conhecidas as riquezas e hospitalidade da nossa provincia no exterior e as vantagens que ella offerece ao estrangeiro.

Isto é um titulo de benemerencia, que ninguem ousará negar ao Sr. Visconde do Parnahyba. (1)

Permitta-se-me transcrever mais estes trechos do mesmo artigo :

Durante os 20 mezes de sua administração, o Visconde do Parnahyba nunca desmentiu os seus brilhantes precedentes de Paulista honrado e amigo do progresso de sua terra natal : a sua presidencia foi fecunda em beneficios para a provincia e assignalou-se por muitos melhoramentos, que collocam o laureado nome de S. Exc. entre os daquelles que mais têm propugnado pelo adeantamento material e moral de S. Paulo.

O Visconde do Parnahyba foi, como presidente da Provincia, o que fôra o illustre Dr. Antonio de Queirós Telles, na presidencia da Companhia Mogyana : um trabalhador incansavel, um propugnador imperterrito do progresso paulista.

De facto, a sua passagem pela administração provincial deixa um sulco profundo e luminoso ; porquanto os seus actos estão patentes e a sua

(1) Artigo editorial do autor deste folheto no *Correio Paulistano* de 19 de Novembro de 1887.

acção energica e benefica produziu excellentes resultados.

O Visconde do Parnahyba não descurou ramo algum dos serviços publicos.

No importantissimo Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial, em sua ultima reunião, está a exposição fiel e minuciosa de suas idéas, o seu programma administrativo, que foi executado conscienciosa e brilhantemente.

E, no Relatorio com que S. Exc. passa a presidencia a seu digno successor, mais hão de sobresahir as qualidades do administrador sincero, honesto e patriotico, compenetrado da gravidade de sua missão e conscio de todo o peso de sua responsabilidade perante a provincia, e póde-se dizer, perante o paiz.

S. Exc., quanto em si coube, acudiu ás multiplicas necessidades da provincia, e distribuiu a justiça imparcialmente, merecendo os applausos de seus proprios adversarios, quando não obsecados pela paixão partidaria.

Accrescem á manifestação de nossas homenagens motivos imperiosos de reconconhecimento e gratidão, pelos serviços relevantes prestados á provincia de S. Paulo, que vê com pezar deixar a cadeira da presidencia um de seus filhos benemeritos, a quem, em boa hora, vem substituir outro Paulista distinctissimo pelo talento e pelo character.

O partido conservador acompanha o exm. Visconde do Parnahyba com as mais affectuosas homenagens de respeito e gratidão. Sabe que S. Exc. continuará a ser na vida privada, e, na vida publica, em outra arena, não menos gloriosa, o que foi na gestão dos publicos negocios. E conta em S. Exc. um dos chefes mais proeminentes e respeitados do partido constitucional.

Sirvam estes sentimentos de lenitivo á dôr do partido: são, ao mesmo tempo, um titulo de gloria para aquelle que os mereceu.

Descendo da cadeira presidencial, póde S. Exc. lançar um olhar sereno e tranquillo sobre a sua administração, que vai entrar no dominio da historia de nossa provincia. E ser-lhe-ha licito repetir, como o heróe de Ivry a suas hostes intrepidas e fieis :

—Siga o partido conservador os meus exemplos de moderação e justiça: nunca me aparte do caminho da lealdade e da honra !

VII

A causa da libertação dos escravos deve, portanto, ser grata á memoria do Conde do Parnahyba. Para ella concorreu S. Exc. mais do que outro qualquer, graças á sua propaganda francamente immigrantista.

Si a caudal da immigração européa não ha de crescer ; si dirige-se de preferencia á nossa Provincia, em vez de procurar, como d'antes, as plagas argentinas ; si uma politica administrativa tão sabia, previdente e patriotica salvou a lavoura Paulista de uma crise medonha, ante o exodo dos escravos, a anarchia nas ruas, a imminencia da abolição immediata e sem indemnisação,—a quem se o deve, sinão ao grande patriota, que luctou como um Hercules, e venceu ?!

Entretanto, foi esse mesmo homem a quem accusaram de escravagista ferrenho, de escravocrata da gemma, como o velho Martinho Campos, de sustentar a escravidão pela escravidão, como o meu illustre e bom amigo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt !

E isto, porque ?

Porque os ultimos dias de tão fecunda administração foram agitados por perturbações lamentaveis,

causadas pela desorganisação do trabalho e pela organização scientifica das fugas em massa.

Porque, prudente e energico, soube S. Exc. cumprir o seu dever, fazer face á anarchia da rua, contel-a e dominal-a

A's suas medidas preventivas se deve o ter sido evitada maior quebra da tranquillidade publica,

Ao passo que resguardou os interesses da sociedade, salvou do naufragio o principio da autoridade.

E esse principio da autoridade, base de toda sociedade civilisada e christan; esse deposito sagrado, —no dia em que viu que lhe era vedado, sem quebra de seus principios conservadores, continuar á frente da administração,—sem estrepito, sem conflicto, sem québra da solidariedade partidaria, com a calma de uma consciencia recta e conscio de cumprir um dever de dignidade,—elle o transmittiu illeso ao seu digno successor.

E desceu da cadeira presidencial, erecto e firme, como o velho Romano. Desceu, como subira: — como Paulista, como Conservador, como Patriota!

Impavidum ferient ruinæ.

Sobre a memoravel questão da fuga de escravos das fazendas, o Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho, pronunciou no Senado quatro notabilissimos discursos, nas sessões de 16, 17, 19 e 26 de Setembro de 1887, explicando qual a attitude do governo, a quem cumpria manter a execução da lei de 28 de Setembro de 1885.

O inolvidavel Parlamentar declarava, logo ao encetar o debate, em resposta a uma oração do Conselheiro Prado, que, «como membro do governo,

podia attestar que ao digno Presidente desta Provincia não tem faltado nem energia, nem previsão para conter esta desordem de que se queixavam os fazendeiros de Campinas. »

Todas as accusações levantadas na imprensa e na tribuna contra o Visconde do Parnahyba neste particular cahem por si.

Nem S. Exc. fôra jámais escravocrata, no sentido injusto que a propaganda dava áquelle apellido : os seus sentimentos humanitarios eram muito conhecidos ; libertára muitos dos seus escravos ; tomára parte na grande reunião dos lavradores Paulistas, em 15 de Dezembro de 1887, que, estatuindo as alforrias a prazo certo, deu golpe de morte á escravidão, precipitou o desfeixo e tornou inutil a propaganda, que procurava por todos os meios abalar e dar por terra com o vetusto edificio, legado de nossos paes e de cujas consequencias não são responsaveis nem os governos nem a nossa geração. (1)

(1) A 15 de Dezembro de 1887 reuniram-se, com effeito, os agricultores da provincia para deliberarem sobre a extincção da escravidão.

Congregaram-se ahi as maiores notabilidades da provincia, pelo talento, pela posição social e pela fortuna, de par com as influencias mais respeitaveis de todas as classes e de todos os partidos.

Atravéz das differenças que tanto distanciavam os homens ahi reunidos, a despeito de tanta diversidade de caracteres, de tamanha discriminação de interesses e de sentimentos, um só clamor se ouvira, uma voz unisona vibrára em favor da abolição da escravidão na provincia de S. Paulo.

E, si alguma cousa, além disso, se notára, fôra o empenho que á porfia todos manifestavam de imprimirem á idéa abolicionista toda a extensão e toda amplitude.

O congresso de 15 de Dezembro de 1887 é um dos maiores acontecimentos que se tem dado no Imperio Brasileiro.

Tinhamos visto de perto a vasta superficie da provincia de S. Paulo cobrir-se de estradas de ferro sob os auspicios fecundissimos da iniciativa dos particulares ; tinhamos visto formarem-se ricas associações e companhias para explorarem, sem intervenção do poder central, os mais importantes ramos da industria, da agricultura e do commercio ; tinhamos visto a provincia de S. Paulo, em vinte annos, mudar completamente a sua face, impulsionada pelo poder admiravel das associações livres, da vontade individual.

Ante o seu desaparecimento deste mundo foi indiscriptivel a dôr de seus libertos, que se habituaram a ver nelle um pai antes que um senhor.

Como delegado do gabinete de 20 de Agosto, o que cumpria-lhe fazer como funcionario probo, leal e patriota, — sinão assegurar a manutenção do imperio da lei e debellar a anarchia da praça publica?

Ao Presidente não competia philosophar nem contentorizar, e sim fazer respeitar o principio da autoridade e garantir a ordem e a liberdade publica.

Eis em que termos se expressava o saudosissimo Barão de Cotegipe, cujas palavras cito aqui longamente, porque resumem o pensamanto do Visconde nesta questão :

Nunca o governo, nê m intencionalmente, poz obstaculos á humanidade de alguns senhores que têm alforriado os seus escravos, em massa ou individualmente.

Até pelo contrario, tem animado, tanto por meio de premios, como por outros, essa tendencia do espirito publico para acabar com a escravidão.

Mas note-se que não se trata de promover liberdade dos captivos por este meio ; o que nós reprovamos, o que o governo deve conter, é aquillo que a mesma lei manda punir : ella não permite que se perturbe nem que se imponha, por meio da coacção, aos senhores a liberdade dos escravos. Estas fugas em massa, estes crimes que se commettam diariamente contra os senhores, são provocados sem duvida por uma propaganda, não esta alta propaganda que se manifesta no seio do Parlamento, mas esta a que chamarei a propaganda da anarachi.

A 15 de Dezembro de 1887 testemunhou-se, porém, um facto assombroso ; o mais tremendo problema social fôra resolvido tambem sem a intervenção do poder publico e só pela força poderosa da iniciativa individual! — Dr. Paulo Egydio, *A Provincia de S. Paulo em 1888*, pag. 20—21.

Contesta-se que os proprietarios de escravos sejam levados a alforrial-os por uma especie de desespero, por uma verdadeira coacção, mas é realmente o que acontece a muitos. Ainda ha poucos dias procurou-me aqui um fazendeiro da provincia de S. Paulo, cuja familia e elle proprio, creio, pertencem á communhão liberal, e expoz-me o estado de falta de seguração em que elle e todos os seus se achavam.

Disse-me que os seus escravos abandonavam em massa as fazendas, e entre elles até as proprias servas da casa, que eram tratadas como membros da familia. Disse-me mais que muitos dos seus vizinhos, levados pelo temor de perder de todo o serviço desses escravos, tinham resolvido dar-lhes liberdade conditionalmente, uns por tres e quatro annos, outros por dous annos, e até um, sómente pela colheita do presente anno; e que portanto recorria ao governo para que as garantisse, recommendando ao presidente da provincia que contivesse, como era de seu dever e elle tinha praticado, essa desorganisação completa do trabalho das fazendas.

O governo, acudindo á reclamação do presidente da provincia, enviou uma força de 1.^a linha afim de que se mantivesse a ordem, e tenho noticia de que ultimamente taes factos não se têm reproduzido, ou, si se têm reproduzido, já são em muito menor escala.

Ora, como negar-se, á vista dos factos, á vista de testemunhos incontestaveis, que a propaganda subterranea nas fazendas tem sido a causa dessa desorganisação do trabalho?

O SR. DANTAS — Quem tem a culpa? E' da natureza da propria instituição.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—E quando a lei actual pune taes faltas ou taes crimes, devemos nós approvar que por este meio seja levada a effeito a libertação que se deseja, e que aliás a lei por sua força ha de conseguir sem o menor abalo?

O SR. ANTONIO PRADO: — Por certo que não, o governo nesse terreno vai muito bem.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Si os fazendeiros de S. Paulo, ouvindo o conselho e seguindo o exemplo do meu amigo e collega senador por aquella provincia, procederem do mesmo modo por que S. Exc. procedeu, nada terá o governo que oppor, ao contrario os elogiará; mas nem todos estão nas mesmas circumstancias, nem todos se acham presentemente habilitados para substituir o trabalho; e é mister que ao menos se lhes dê tempo para poderem acautelar os interesses que se crearam e vivem á sombra das leis.

O SR. ANTONIO PRADO: — E' questão de tempo mais ou menos longo.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Sr. presidente, eu, a quem se alcuinha de *escravocrata*, porque hoje *escravocrata* é quem não promove a prompta e immediata emancipação, eu já ha muitos annos que sustentava, contra a opinião do meu collega que agora me dá apartes (o Sr. Silveira da Motta), que a propriedade sobre o homem era uma propriedade especial, *sui generis*, e propunha então que cessasse o trafico interprovincial, primeiro ponto depois da lei contra o trafico africano para a diminuição e extincção futura da escravidão.

Lembrar-se-ha talvez o nosso collega de que, em uma sessão secreta (porque então estes negocios que abalavam a ordem publica eram tratados com um pouco mais de prudencia), eu pronunciei-me pela emancipação gradual da escravatura.

O SR. DANTAS:— Já naquelle tempo!

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—A minha opinião valia tanto quanto eu, valia nada ou muito pouco. (*Não apoiados*) Chega o momento em que me encontro, sem o pensar, com este grande problema! Quando se tratou da lei de 1871, eu disse aos meus ami-

gos:—Não nos devemos oppor, embora, pelos principios de direito romano e outros, o fructo siga a arvore.

Si não dei o meu voto favoravel ao projecto naquella occasião, é porque me achava ausente em serviço do Estado.

Ultimamente, quando a questão se achava no ponto em que se achou, quando foi preciso, na opinião do honrado senador, hoje chefe reconhecido dessa campanha, que se tirasse das ruas a questão e fosse o governo quem promovesse a realisação destes tão nobres desejos; e quando, mais tarde, deixou S. Exc. de fazer parte do governo e veio o Snr. conselheiro Saraiva propor um projecto de lei semelhante ao do nobre senador, eu, como homem politico, e vendo o estado em que se achava esta questão, disse logo que não havia remedio sinão ceder; e, Snr. presidente, por minha infelicidade, nos ultimos dias da minha existencia, tive tambem de carregar com a cruz e de a estar sustentando!

O SR. DANTAS:—Todas as faltas que V. Exc. tiver serão expiadas, si se puzer á frente da idéa; é o que me parece que fará na sessão vindoura, podendo desde já contar com o meu voto.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Mas, quando assumi tambem a responsabilidade, foi na idéa não de sophismar, do que tão injustamente se me arguiu, a execução da lei; mas de dar-lhe uma execução leal e correcta, afim de que os nossos fazendeiros se preparassem para a gradual transformação do trabalho.

Questões desta ordem não são sómente humanitarias, são tambem questões de Estado.

O SR. DANTAS:—Sem duvida, e esta tem sido considerada assim.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Ora, si entendo que a acceleração para o acabamento do estado servil, maior do que a estabelecida na lei, é um mal, como não quererei executar essa lei de forma que a transição se faça da maneira mais suave que possivel fôr?

O SR. SILVEIRA MARTINS :—Mas a junta do recavém retarda um pouco. . .

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Si assim penso, não posso acoroçoar, e menos promover, essa continuada agitação contra effeitos de uma lei que não estão perfeitamente reconhecidos.

O SR. DANTAS :—Mas não poderá abafal-a, como não poderá fazer o sol parar em seu caminho.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Isto são palavras. . .

O SR. DANTAS :—São idéas ; está na natureza desta questão em toda parte ; não está na força de ninguem fazer parar tal movimento.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Nestas circumstancias, qual é o meu dever? Sustentar a lei, não sophismal-a, dar todas as garantias que ella offerece, e esforçar-me-hei, mais que todos, para que seja uma lei de apaziguamento e não uma lei de perturbação.

Mas a propaganda, que eu não censuro. . .

O SR. DANTAS :—Apoiado.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):. . . porque é da natureza della não se contentar com pouco. . .

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY :— A propaganda é filha da lei de 28 de Setembro de 1871.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):— . . . aproveitando-se das concessões da lei, quiz ainda, dando interpretações erroneas, servir-se da mesma lei para fins que ella não tinha previsto. Dahi nasceram as agitações de que todos nós temos sido testemunhas. Sem pretender fazer uma censura aos meus honrados collegas, mas instado pela necessidade de defeza do governo, não posso occultar alguns dos effeitos que tiveram origem nas opiniões sustentadas neste recinto.

O SR. AFFONSO CELSO :—As previsões manifestadas neste recinto.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Outras prevaleceram externamente e foram aqui expostas. Citarei algumas :

1.^a As nullidades invocadas contra as matriculas dos escravos;

2.^a As opiniões de que a declaração de filiação desconhecida era prova da liberdade daquelles escravos que tinham na matricula semelhante declaração.

Esta ultima opinião, esposada por alguns magistrados, que entendem que o Poder Judiciario julga das leis e não julga conforme ellas, libertando em massa escravos que haviam sido matriculados em 1872 de conformidade com a lei de 1871 e que haviam sido matriculados nas mesmas condições em 1886, tem dado origem a agitações e á consequente falta de garantias dos proprietarios.

Continuou, portanto, a propagando e continuou não se dirigindo ás convicções, e praticando outros meios dentro da orbita legal, mas transgredindo a lei e provocando verdadeira perturbação em todas as fazendas.

O SR. DANTAS:—Não apoiado; havemos de apurar este ponto uma vez por todas e assignalar a verdadeira causa.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Não se póde deixar de considerar como um effeito desta propaganda illegal o facto de fuga em massa dos escravos das fazendas e crimes que em qualquer circumstancia seriam reprovados, e que por isso passam como que despercebidos.

A lei é muito severa sobre este assumpto . . .

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA:—E dahi a difficuldade de execução della; eu denunciei isto na Camara.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):— . . . garante a propriedade, e, garantindo-a, não faz mais do que repetir o que a Constituição determina.

Ora por insinuações, ora por provocação, porque outro motivo não póde haver para a retirada desses escravos das fazendas, retiram-se elles em massa ou individualmente e vão formar reuniões

perigosas á tranquillidade dos habitantes, ou procurar—note-se—aquelles que são considerados chefes da propaganda, como si elles, nas fazendas, soubessem directamente quem os devia proteger!

Qual era o dever mais comesinho de um governo qualquer, a não ser cúmplice de taes attentados? Procurar evitar que elles se reproduzissem, restituir a propriedade ao verdadeiro dono, emfim garantir a tranquillidade de cidadãos que não podem ser assim abandonados ás vinganças de homens ignorantes e sem educação, pelo facto de terem confiado nas leis que lhes garantiam essa propriedade.

O SR. F. OCTAVIANO dá um aparte.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Não se trata de saber si a propriedade é de direito natural ou si é de direito civil. Seja ou não, o certo é que a lei civil constitue a garantia de propriedades, embora não sejam de direito natural. Alguns mesmos opinam que não ha propriedade de direito natural: entendem que as terras devem ser divididas e não constituir propriedade exclusiva de poucos ou de muitos.

Os actos praticados pelas autoridades são malsinados por uma imprensa activa e constante, porque emprega os recursos que são naturaes e que eu não estranho...

O SR. DANTAS:—Apoiado; tristes de nós si não fosse assim.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—...o agrado, as cortezias a uns, as censuras, as ameaças e até as injurias a outros. Estes meios aterram a muitas autoridades e como que as levam ou a fechar os olhos, ou a coadjuvar esta tendencia, para que não sejam victimas de censura, ou para que tenham essa gloria de um elogio nos jornaes.

O SR. F. OCTAVIANO:—Não é por isso, é pela consciencia innata.

O SR. DANTAS:—O motivo é mais nobre.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—E', Sr. presidente, um acto censuravel no governo e nas autoridades o propugnar pelo exacto cumprimento das leis? Isto não póde ser censurado por ninguem.

O primeiro dever de todos os governos é o fiel cumprimento da lei.

VOZES:—Sem duvida.

O SR. DANTAS:—Dentro da lei.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Quando digo o fiel cumprimento da lei, certamente é dentro della.

O SR. F. OCTAVIANO:—O governo não póde fazer o favor nem a um nem a outro.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Si ella é contraria aos interesses publicos, o meio de remediar depende do Parlamento.

Si, porém, ella não é contraria aos interesses publicos, o deixar desmoralisal-a é um crime do governo.

Antes venha propor a sua revogação, mas não consinta que ella se desmoralise.

O SR. DANTAS:—Apoiado, é para isso que se está trabalhando.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Não censuro que trabalhem, mas reprovem tambem esses meios e esses excessos...

O SR. DANTAS:—Não tem duvida.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—...que podem difficultar grandemente os intuitos dos nobres senadores.

O SR. AFFONSO CELSO dá um aparte.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Nada desacredita tanto a qualquer causa como os excessos dos mais exaltados, ou dos que, sob a capa da causa, procuram certos interesses que não são confessaveis.

O SR. DANTAS:—Mas isso tambem é um meio de condemnar todas as grandes idéas.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Não repito aqui sinão um logar commum da historia: nada prejudicou tanto a revolução franceza como os excessos do terror. Ainda é o argumento para se combater todas as idéas verdadeiramente livres.

UM SR. SENADOR:—Até os governos empregam estes meios.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Os actos praticados pelo governo e pelas autoridades propriamente são malsinados de maneira que é difficil já encontrar autoridades que queiram arrostar com esse perigo.

Capitães de matto é o menos que se diz daquelles que pretendem restituir escravos fugidos ás fazendas. Cumprindo com o que a lei manda, essas autoridades merecem elogios em vez de censuras.

Pela disposição da lei os proprios libertos, que se retiram das fazendas, tendo contractado os seus serviços por um certo numero de annos, são aprisionados pela policia.

Ora, si o homem que já é livre, e que apenãs está sujeito á prestação de serviços por alguns annos, é apprehendido pela policia e entregue áquelle que tem direito de usufruir esses serviços, como é que o escravo não poderá ser apprehendido?

Hoje, Sr. presidente, censura-se a apprehensão dos escravos, amanha censurar-se-ha da mesma fórma e com mais razão a captura dos libertos obrigados á prestação do serviço.

O SR. AFFONSO CELSO:—Isso prova que a lei não correspondeu ás exigencias da opinião.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):—Portanto, aquelles que entendem que pacificamente passarão os annos necessarios para transformar o trabalho escravo em livre, contando com o serviço desses libertos, illudem-se completamente.

Os exemplos, si eu os quizesse citar todos, seriam numerosos e significativos, não em S. Paulo, não no Rio de Janeiro, não na Bahia, não em Pernambuco. mas em todas as provincias em que os senhores, levados pela humanidade ou por outra circumstancia qualquer, têm alforriado os seus escravos, contractando serviços; demonstrariam que não enuncio uma proposição arriscada.

Peço licença para citar um só factó, e deste aprendam todos, e cito porque tenho uma testemunha presente.

Um importantissimo fazendeiro de Pernambuco libertou mais de 100 escravos (140 ou 150) sob condição de prestação de serviços por poucos annos. Isto ha um anno, e quer V. Exc. saber, Sr. presidente, quantos existem na fazenda? Oito; todos os outros a abandonaram.

O SR. LUIZ FELIPPE :—E' exacto.

O SR. DANTAS :— Mas ha exemplos em contrario, e eu em tempo os apresentarei.

O SR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho*):— Isto é o que ha de acontecer e o que tem acontecido em outros logares; e, para que não soffram semelhante damno, que tambem redundando em prejuizo do Estado, pela falta de producção nessas fazendas, eu daria um conselho aos fazendeiros: elles resignados, agonisantes, vendo contados os dias, nada mais pedem sinão que os deixem morrer tranquillos, que não lhes apressem os dias, que já estão proximos.

Elles não se envolvem na politica, vivem em suas fazendas, no seio da familia, sem outras garantias além da força moral que têm sobre os famulos; perdida esta força, a segurança individual está arriscadissima. Elles não lêem estas leis, que nós aqui decretamos, interpretando da opinião publica e não ousam nem ao menos queixar-se.

Si soltam algum abafado gemido, é um escravocrata, é um deshumano, é um tyranno, que só quer viver do suor do seu semelhante!!...

Não admiro, portanto, Sr. presidente, que elles não saibam que têm um meio, pelo qual podem sahir desta difficuldade, de estar alforriando os escravos por um, por dous annos, e até por uma colheita, sem a garantia, de que continuem por esse tempo os serviços exigidos: é o § 3.^o do art. 3.^o da lei de 28 de Setembro. Isso apressa a libertação e parece que põe para-deiro á tendencia, que eu considero muito prejudicial e perigosa, para o abandono das fazendas.

Não me cumpre, neste momento, analysar ponto por ponto todas as phazes por que passaram os vinte mezes dessa fecunda administração, que tive a honra de acompanhar dia por dia, hora por hora.

E' bem certo que a Historia Contemporanea tem inconvenientes em ser escripta pelos contemporaneos.

Depois de uma viagem a Caxambú, durante cuja interinidade exerceu o cargo de presidente o Dr. Dutra Rodrigues, tão cedo roubado á Patria e aos amigos, o Conde solicitára a sua exoneração, em consequencia de graves incommodos de saúde em pessoa de sua familia. Exoneração que, não sem grande reluctancia, o Governo Imperial concedeu-lhe em data do 8 de Novembro de 1887.

A 19 do mesmo mez, S. Exc. passou a administração ao illustre Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, «Paulista distinctissimo, cujo character e cujo talento são o penhor certo de uma administração honesta, intelligente e fecunda.» (1)

(1) Visconde do Parnahyba, *Relatorio* de 19 de Novembro de 1887, pag. 9.

VIII

Durante a presidencia do Conde do Parnahyba, Suas Magestades Imperiaes, pela quarta vez, honraram esta Provincia com a Sua Augusta Presença.

Desde o dia 18 de Outubro até 19 de Novembro de 1886, os Imperantes visitaram as extensas zonas da Provincia cortadas por estradas de ferro e vias fluviaes, sendo recebidos em toda parte com demonstrações da mais alta estima e fervorosa veneração.

«O Augusto chefe do Estado pôde observar de perto o progresso assombroso nos varios ramos de industrias, commercio e artes, que collocou a Provincia de S. Paulo na vanguarda de todas as suas irmans; levando Suas Magestades a mais grata e saudosa impressão da hospitalidade recebida entre nós » (1)

O Presidente da Provincia foi solícito em acompanhar os Imperiaes visitantes em todo o seu largo e demorado percurso pela Provincia; viajando com uma rapidez inaudita; vencendo grandes distancias em poucas horas e, não raro, a inclemencia dos elementos desencadeados; respondendo de prompto a todas as perguntas e inquirições do sabio Monarcha; emfim, uma viagem de extenuar as mais robustas constituições e fazer inveja aos mais arrojados exploradores.

Com o cavalheirismo e a gentileza que eram o fundo do seu character, o Conde do Parnahyba hospedou Suas Magestades no palacio da Presidencia; e o mesmo fez em Ytú, em seu palacete.

Hospedagem principesca tiveram Suas Magestades e numerosa comitiva; e toda ás expensas do presidente da Provincia e sem auxilio do Governo Geral.

(1) Barão do Parnahyba, *Relatorio* de 17 de Janeiro de 1887, pags. 9 e 10.

Quando Suas Magestades e o Presidente viajavam pela ferro-via Mogyana, receberam a triste nova do passamento do senador José Bonifacio, occorrido neste capital no dia 26 de Outubro. Disse o Imperador: «E' uma grande desgraça. Perdeu-se um dos melhores Paulistas! »

E de facto.—Nésta capital, foram prestadas ao illustre morto todas as honras funebres a que fazia jus pela sua posição official e eminentes virtudes. (1)

Por despacho de 7 de Maio de 1887 fora elevado a Visconde com grandeza o Barão do Parnahyba.

A 3 de Dezembro do mesmo anno, a Conde do mesmo titulo.

Noticiando a concessão dessa mercê escrevia um orgam diario da imprensa Paulista, não filiado a aggremações partidarias :

Si ha uma distincção merecida, por todas as faces por que se encare, é essa com que foi agraciado o illustre paulista.

O sr. Barão do Parnahyba tem a felicidade e póde ter o orgulho de pertencer ao numero dos raros cidadãos que honram os titulos de *honra* que lhe são conferidos.

Para elle, esse titulo não representa uma opulenta dadiva, mas uma mesquinha recompensa, comparado á consideravel somma de serviços prestados a causa do progresso do paiz.

Basta considerar rapidamente a influencia exercida pelo sr. Barão do Parnahyba na direcção da Companhia Mogyana, uma das mais prosperas e importantes linhas ferreas desta provincia, para comprehender-se desde logo tudo o que de intelligencia, de tenacidade e de patriotismo despen-

(1) Vide o *fac-simile*.

deu o benemerito paulista para vencer, como venceu, todos os obstaculos e embaraços com que, ao certo, teve de arcar, para trazer á larga base em que se acha aquelle grande e poderoso emprehendimento industrial.

Para fazer uma idéa dos altos meritos do sr. Barão não é necessario mais do que estudal-o nos seus actos, como presidente da Companhia Mogyana.

São-lhe uma gloria todos elles, porque nelles todos encontra-se, viva e profundã, a prova dos elevados sentimentos que o estimulavam para dotar a sua terra natal com um melhoramento em cuja realisação ficassem harmonisados os legitimos interesses do homem e do cidadão, os interesses da empreza de que era o director e os interesses da provincia de que é dignissimo filho.

Julgado apenas sob esse ponto de vista, ao notavel brasileiro sobram qualidades para constituil-o credor de todos os titulos e posições honorificas de que dispõe o Estado para consagrar o merito e os serviços de um grande espirito e de um grande coração.

No emtanto, vieram as altas conveniencias do partido politico de que o sr. Barão do Parnahyba é proeminente chefe e impuzeram-lhe, como um dever, pôr ainda uma vez á prova o seu nunca desmentido patriotismo.

Escravo do dever, invocado elle, acceitou o posto de presidente desta provincia, posto que, si lhe foi e é de enormes sacrificios, foi igualmente a pedra de toque do seu invejavel character e do seu inexcedivel e esclarecido zelo pelos negocios publicos.

Póde a paixão partidaria, céga e desorientada, desembestar injustiças e ultrajes contra o actual administrador provincial: a verdade é que nunca a provincia de S. Paulo teve á frente do seu governo um cidadão mais digno, mais probo, mais attento e decidido a resolver com largueza de vistas e serenidade de animo as questões que se prendem á nossa prosperidade e dignidade.

Procurava dest'arte o Governo galardoar os altos meritos de s. exc. e os serviços excepçionaes prestados na Presidencia da Provincia com um desinteresse sem igual, uma actividade incansavel, um zelo ininterrupto, um patriotismo inexcedivel.

Pouco, porém, devia o illustre Paulista sobreviver a tantas honras e distincções.

Na ampulheta do tempo, os seus dias estavam contados; e a Morte, quando menos se esperava, se aproximava, para roubar aos carinhos da familia, ao affecto dos amigos, á estima da Provincia, á veneração da Patria, o pae e o marido exemplar, o amigo dedicadissimo e leal, o Paulista benemerito entre os mais benemeritos, o Brasileiro illustre, tão cheio de vida e na plena rabustez de suas poderosas faculdades!

IX

O Conde do Parnahyba seguiu para a Côrte no dia 27 de Abril, afim de assistir ao embarque de seu filho Salvio para a Europa, no paquete *Orénoque*.

S. exc. hospedou-se no Hotel Carson, na praia de Botafogo, e com elle mais dois distinctos Campineiros, os srs. Francisco Pompeu do Amaral e Antonio Carlos de Almeida Nogueira.

Regressando no dia 30, logo sentiu os symptomas de mal gravissimo, que os medicos diagnosticaram ser a febre amarella.

A molestia dera signal de si em viagem, na ferrovia do Norte, e desenvolveu-se em toda a sua agudez na fazenda da Ressaca, logo que ali chegou.

No dia 4 de Maio, pelo trem das 3 horas da tarde, foi transportado o doente da estação da Ressaca a

Campinas. Fez a viagem em condições relativamente boas, e foi hospedar-se, com sua familia, na chacara de seu digno genro, o engenheiro Dr. Jorge Tebyriçá, no aprasivel bairro do Guanabara.

A febre, porém, não cedia, e as esperanças, que os medicos depositavam na mudança para Campinas, foram mallogradas.

Ali chegado, á noite de 4, o Conde do Parna-hyba não experimentou melhoras.

Desde então, elle já não se illudia sobre a gravidade da molestia e encarava sem terror, antes com a confiança de uma grande alma, o seu fim proximo.

No sabbado, 5, aggravaram-se os seus padecimentos.

O illustre enfermo não desanimou nem perdeu, por um minuto sequer, a sua tranquillidade de espirito.

Ainda na manhan do dia fatal, conservava toda a sua lucidez. E conservou-a até seus ultimos momentos.

Mandou chamar todos os membros de sua familia.

E, no leito da morte,—tendo á cabeceira a sua virtuosa e estremosissima consorte,—rodeado de seus filhos, genros e irmãos, conversou por muito tempo, despediu-se de todos, a todos agradeceu os seus carinhos e disse que era chegada a sua ultima hora.

Com admiravel serenidade, fallou dos progressos da nossa Provincia; dizendo que sentia não poder presenciar o que ella seria nestes dez annos.

Referindo-se ao periodo de sua administração, dizia que tinha consciencia de ter feito tudo quanto lhe

fôra possível pela Provincia, apesar de ter soffrido injustiças e ingratições.

Recebeu, constricto, todos os Sacramentos da Igreja.

Pediui fosse sepultado na sua cidade natal, Jundiahy; e, quando não fosse isto possível, em Ytú.

E, ás nove horas e vinte minutos da manhan, exhalou o ultimo suspiro.

Teve uma morte suave e doce :

A morte do Justo.

A' tarde de domingo, 7, foi o seu corpo transportado para Jundiahy: ia-se cumprir o seu desejo, —ser sepultado no torrão de seu nascimento, ao pé de seus maiores.

Na estação de Campinas, repleta de povo, o contingente da força publica destacada naquella cidade, prestou as honras funebres devidas ao ex-presidente da Provincia e ao Grande do Imperio.

A commoção popular, porém, fallava mais alto do que os cumprimentos officiaes; e o Dr. João Gabriel de Moraes Navarro, em breves e eloquentes palavras, foi o inspirado interprete do sentimento geral.

No momento em que foi collocado o feretro no vagão para seguir para Jundiahy, após as funebres formalidades, o commendador Walter John Hammond, digno inspector geral da Companhia Paulista, subiu á machina, e, após o signal da partida, elle mesmo tomou a si a funebre incumbencia de dirigir o trem, em logar do machinista, indo até aquella cidade sempre em seu posto de honra, merecedor de todo o elogio, pois era uma homenagem de gratidão.

Quando a locomotiva atirou aos ares o seu sibilo agudo, estridente, vibrante, dando signal de que se ia para sempre de Campinas o corpo do estimadissimo Conde do Parnahyba, estando o trem sob a direcção de um dos mais elevados funcionarios da estrada de ferro Paulista, sentia-se a commoção profunda, sincera, a que fez estremecer as mais intimas fibras do nosso ser.

E' essa sem duvida, escreve o excellente jornal de onde extrahimos este caso notavel, uma homenagem que traduz cabalmente a estima e admiração que o homem laborioso e activo votava áquelle que tanto lutou em favor do engrandecimento da nossa provincia.

No dia 7 de Maio, pelas nove e meia da manhan, effectuou-se em Jundiahy o sahimente funebre.

Na casa de residencia do tenente Francisco Antonio de Queirós Telles, irmão do finado, deu-se a encommendação do corpo, depositado na camara ardente, officiado o revm. parocho, padre Candido José Corrêa.

Foi extraordinario o concurso de povo que acompanhou até a ultima morada os restos mortaes do illustre Paulista.

De S. Paulo, Campinas, Ytú, Ressaca e mais lugares visinhos, vieram muitos e muitos amigos prestar a derradeira e mais desinteressada e sincera homenagem ao grande morto.

Toda a familia do Conde do Parnahyba estava reunida em Jundiahy para assistir á funebre cerimonia.

Ao sahir o feretro da casa mortuaria, seguraram nas alças do caixão: os drs. juiz de direito da co-

marca, secretario do governo da provincia (que comparecera, não em character official mas como amigo,) Ramos de Azevedo, Alfredo Maia, presidente e vereadores da Camara Municipal.

O caixão estava litteralmente coberto de ricas corôas, com dedicatorias, offerecidas pelos parentes e amigos do finado, representantes da imprensa, Companhia Mogyana, etc.

A população inteira de Jundiahy, — Camara Municipal, magistrados, Collegio Senna Freitas incorporado, familia Queirós Telles, etc., acompanhavam o feretro, occupando o funebre cortejo grande extensão, desde a casa mortuaria até o cemiterio.

Em todos os semblantes lia-se a consternação despertada pelo infausto acontecimento, que tão rude golpe acabava de vibrar no coração Paulista, arrebatando o illustre Jundiahyano á Provincia que tanto nobilitára e engradecera com o seu patriotismo e dedicação, reflexo das virtudes heróicas e predicados de seus invictos maiores, os immortaes bandeirantes da civilisação e gloria da Capitania de São Vicente.

Muitos choravam. A dôr, intensa, por sincera, real, irreductivel.

Da capella do cemiterio ao lugar da sepultura, o caixão—quadro tocante,—foi carregado pelos irmãos e mais parentes do finado.

A'beira do tumulo orou, em nome do povo Jundiahyano, que via desaparecer d'entre os vivos o seu mais illustre filho, o eloquente Dr. João Gabriel de Moraes Navarro, que em breves phrazes rememorou a vida tão fecunda do Conde do Parnahyba.

A's onze horas, estava tudo terminado.

O telegrapho, com a rapidez do relampago, espalhou a noticia da morte do Conde do Parnahyba.

No dia 8 as folhas da côrte e desta capital eram unanimes no seu pezar pela perda incommensuravel que acabrunhava a Patria.

Todos, conservadores, liberaes, republicanos e indifferentes, amigos e adversarios (o Conde não tinha inimigos) lamentavam a um tempo o cruel successo.

A imprensa do interior e das Provincias acompanhou a desta Capital na manifestação dos mesmos sentimentos.

A explosão da dôr foi geral e profunda, e tomou todas as fórmãs: exequias solemnes, telegrammas de pezames, orações funebres, artigos necrologicos, edições especiaes de jornaes, etc.

A Familia Imperial associou-se immediatamente á dôr compartilhada pela Familia Paulista: Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, por Si e pela Princeza Imperial Regente, transmittiu, por intermedio do Conselheiro Rodrigo Silva, «a expressão de toda a sua sympathia e profundo pezar á familia do benemerito Paulista e saudoso amigo.»

O seu tumulo, já preparado ao pé da pequena capella do cemiterio do torrão natal, juncto ás cinzas de seus avós, perpetuará a lembrança daquelle dia, em que todas as dissensões foram esquecidas diante de uma bella alma, em que o lucto de uma familia converteu-se no lucto de uma nação.

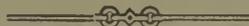
A lousa que cobre os seus restos mortaes hade assignalar o lugar onde os habitantes da pequena

cidade, conterraneos do grande homem, deleitavam-se com o espectaculo daquelle vulto eminente descobrindo a sua cabeça e inclinandò a sua fronte, o seu talento, o seu passado, a sua gloria ante essa Igreja catholica, tão fraca e tão forte, victoriosa do tempo e da morte, que muda as duvidas em certezas, as culpas em arrependimentos e que, mesmo diante das frias pedras do tumulo, exclama: *Elevamini, portæ æternales.*---Abri-vos, portas eternas! (1)



(1) Dupanloup, no enterro de Berryer.

SEGUNDA PARTE



Transcrevo em seguida alguns artigos referentes á morte e ás exequias do Conde do Parnahyba, publicados em jornaes desta capital, Campinas e Ytú.

Bastam para dar uma idéa da impressão produzida pelo fatal acontecimento e do enorme prestigio de que gosava o grande Paulista, prestigio que transpoz as divisas da provincia e echoava na côrte e em outras provincias, onde era pronunciado com respeito e veneração o nome de S. Exc.

E'-me materialmente impossivel reunir neste opusculo tudo o que se imprimiu neste particular. Sobre eu não possuir todos os elementos para similhante compilação, ella quadruplicaria o formato deste esboço biographico, que não comporta este accrescimo.

Os artigos e noticias que o *Correio Paulistano* publicou sobre S. Exc. na occasião do seu fallecimento, quer sem assignatura, quer sob os pseudonymos de *Iskander* e *Élysio Lara*, são todos de minha lavra.

Na terceira parte incluo alguns documentos justificativos de asserções da primeira parte.



I

CONDE DO PARNAHYBA

(Edictorial do *Correio Paulistano*)

Ante-hontem, pela manhan, funebre noticia encheu de consternação a nossa capital.

—Transmittira-nos o telegrapho a desoladora nova do passamento do Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba!

Cruel e rapida foi a molestia, cujos germens haviam sido contrahidos na Côrte, para onde o Conde do Parnahyba seguira ha duas semanas; improficuos, os desvelos da familia; baldados, os recursos da sciencia.

No dia 6, ás 9 h. 20 m. da manhan, succumbiu, na cidade de Campinas; sendo o cadaver do illustre finado transportado, na tarde daquelle mesmo dia, para a cidade de Jundiahy, o seu torrão natal.

*
* *

Não cabe nos acanhados limites deste artigo, escripto sob a pressão de dôr profunda e com a mão tremula de emoção, não cabe fazer a biographia do illustre Paulista, que a Morte acaba de arrebatár, aos 57 annos, em toda a plenitude de suas poderosas faculdades.

*
* *

O Conde do Parahyba serviu bem e lealmente a sua provincia, o seu partido, o seu paiz.

Ainda então na memoria de todos, os feitos do presidente da Companhia Mogyana: a elle deve esta poderosa empreza, a primeira de nossa provincia, o seu progresso e florescimento.

Ao nome laureado e querido do Dr. Antonio de Queirós Telles está ligada a historia,—isto é, o passado e o futuro—da Companhia Mogyana, destinada a levar a gloria do seu nome e do nome Paulista aos mais remotos sertões de Goyaz e Cuyabá; e não só a fama de seu nome,—«o nome de seus heróes, os heróes de sua immortalidade, a immortalidade de seu patriotismo».

Conservador de principios, elle consagrou toda a sua vida á defeza das idéas conservadoras.

O Conde do Parnahyba não era um simples legionario : empunhava galhardamente o bastão do commando. Nas pugnas eleitoraes, em campanhas memoraveis e em assignaladas victorias, conquistára as dragonas de general.

Era um dos braços fortes do partido conservador, um de seus invenciveis baluartes, um chefe prestimosissimo e acatado por todos.

Ninguem o excedeu jámais na coragem, no enthusiasmo pelas grandes idéas de sua causa, na dedicação, e tambem na lealdade e no cavalheirismo.

Como presidente da provincia de S. Paulo—cargo que foi imposto pelo gabinete 20 de Agosto ao seu civismo, e acceito nas mais difficeis conjuncturas economicas e sociaes, e que elle exerceu durante cerca de dous annos, alcançou ampla mésse de louros para a nossa altiva provincia.

A administração do Conde do Parnahyba foi benefica, brilhante e fecunda.

E quando mais não fizesse, o impulso assombroso que deu ao movimento immigrantista, bastaria para a gloria de um homem e de uma provincia.

O seu espirito lucido e atilado comprehendeu perfeitamente quão temerosa era a crise por que passava a Lavoura nacional.

Com olhar firme e resolutivo devassou os horizontes ; viu que os dias da escravaria estavam contados ; que a negra instituição estava condemnada para sempre. E assim, operario do porvir, cioso da grandeza de S. Paulo, administrador de vistas largas, talhado para estadista,—foi preparando, lenta e seguramente, a transformação do trabalho, cooperando na grande obra encetada pelo nobre chefe do partido conservador da provincia : Trabalho livre na Patria livre.

E lançou em largas e solidas bases os alicerces do edificio que estamos vendo erguer-se magestoso e imponente, desafiando a acção do tempo e dos homens, e consummando, pacifica e legalmente, sem abalos nem convulsões, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Fallaremos das grandes e generosas qualidades do amigo, cujo coração, cheio de bondade, estava aberto a todos os sentimentos nobres e deixava-se impulsionar pela magnanimidade de uma alma bem formada e christan?

Aquelles—e muitos são—que privaram com o Conde do Parnahyba e o acompanharam em sua carreira tão cheia de serviços á causa publica, podem, com sinceridade e *ex abundantia cordis*, dar testemunho vivissimo da affabilidade, da generosidade do Conde do Parnahyba e do muito que fez pelos amigos e pela terra que o viu nascer.

A sua falta irá avultando com o tempo.

Nas horas da provança é que o seu partido e a provincia saberão aquilatar melhor o vácuo immenso que se abriu no seio da sociedade Paulista e do partido conservador.

Podemos dizel-o com franqueza: a sua perda é irreparavel.

Sim: o Conde do Parnahyba foi o Conde do Parnahyba. Ninguem o substituirá.

*
* *

Dorme agora o grande batalhador. Descansa á sombra da querida terra natal, longe do bulicio do mundo e dos embates furiosos das paixões humanas.

O seu nome será uma tradição.

Foi um benemerito desta terra paulista.

E como benemerito é que elle viverá em nossos corações e passará á posteridade.

Pezames dá o *Correio Paulistano* á illustre familia do finado.

Pezames ao partido conservador do quarto districto, da provincia, do Imperio.

Pezames á provincia de São Paulo!

Gloria ao nome do Paulista benemerito. E paz á sua alma.

8 de Maio.

II

(Do *Correio Paulistano*, de 9 de Maio)

S. Exc. o Snr. Dr. Vice-Presidente da provincia, não podendo comparecer, como desejára, por motivos de força maior, expediu um telegramma de pezames á familia do finado.

Fez-se representar pelo digno juiz de direito da comarca.

*
**

Esta folha fez-se representar pelo Dr. E. L. Bourroul, que tambem foi commissionado pela redacção d'*A Justiça*, em telegramma da Franca, datado de ante-hontem á tarde, e pela Secretaria do Governo, para exprimir os seus sentimentos de profundo pesar á Exma. familia do Conde do Parnahyba.

O nosso collega desempenhou a sua commissão.

*
**

Grande numero de libertos, ex-escravos do Conde, ao saberem do fallecimento do seu ex-senhor, dirigiram-se de uma fazenda proxima á do finado para a estação da Resaca, onde embarcaram em direcção a Jundiahy, tendo percorrido cerca de duas leguas a pé.

Todos elles deram demonstrações de estarem immensamente pezarosos.

*
**

Hontem, durante o dia, permaneceram fechadas todas as repartições publicas provinciaes, em demonstração de pesar.

A Secretaria do Governo deliberou tomar lucto por oito dias, como homenagem á memoria do preclaro Paulista, que tanta fez em pról dessa repartição.

III

REVISTA DOS JORNAES

(*Correio Paulistano*)

A imprensa é unanime em lamentar o cruel acontecimento, que roubou á provincia de S. Paulo e ao paiz um de seus filhos mais dilectos e illustres.

A imprensa da capital, de Campinss, Santos e das demais localidades do interior; as folhas do Rio de Janeiro, todos os órgãos da opinião publica, gregos e troyanos, prestam homenagens á memoria veneranda do saudosissimo Paulista, que a esta hora dorme o somno dos justos, no campo santo de seu torrão natal!

Todos, a uma vez, choram o passamento do Conde do Parnahyba e, na phrase incisiva do *Diario Popular*, marcam com lapide negra a data fatal, que commemora o dia da morte do benemerito, do grande cidadão.

Honra á imprensa Paulista e fluminense!

(Dia 9 de Maio).

IV

CONDE DO PARNAHYBA

(*Correio de Campinas*)

Ante-hontem, ás 10 horas da manhan, falleceu nesta cidade o Conde do Parnahyba.

A noticia deste luctuoso acontecimento produziu a mais dolorosa quanto profunda impressão.

Singular coincidencia!

Dous annos antes, dia por dia, quasi hora por hora, Campinas sentia-se igualmente commovida ao saber da perda de um dos seus filhos, o Dr. F. Quirino dos Santos.

Ninguem tinha a menor duvida quanto ao fim que esperava o illustre paulista que acaba de descer ao tumulo.

Como os estimados cidadãos Francisco Pompeu do Amaral e Antonio Carlos de Almeida Nogueira, o Conde do Parnahyba contrahira na Côrte, e no mesmo hotel, a molestia que o devia arrebatár á sua familia e á sua provincia, que nelle tinha um dos seus mais prestimosos filhos.

O Dr. Antonio de Queirós Telles era um desses homens cujo trato captivava a todos.

Muito moço exerceu cargos publicos na capital e em Ytú, com o applauso de todos, pela rectidão de suas vistas e pela imparcialidade de seu character.

Um dia, eleito presidente da Companhia Mogyana, o Conde do Parnahyba, sem um minuto de descanso, fez

todos os esforços, empregou toda sua intelligencia e o seu coração em dar a essa grande arteria progressiva da provincia todo o desenvolvimento possivel, e ainda alimentava esse nobre empenho de paulista amante de sua terra quando, por carta imperial de 17 de Julho de 1886, foi chamado a tomar posse da administração desta provincia.

A administração do Conde do Parnahyba foi assignalada por serviços relevantes, entre os quaes avulta a reforma da instrucção publica, obra de grande alcance social, embora susceptivel de emendas aproveitaveis.

Foi durante o seu tempo que a questão abolicionista na provincia tomou grande incremento e por isso maior prudencia era preciso ter entre os interesses dos proprietarios, por via de regra retrogrados, e a agitação revolucionaria, que não queria ouvir fallar em outro interesse que não a redempção dos captivos.

O presidente da provincia, nesta difficil emergencia, usou de uma prudencia, que o honrou, conquistando applausos mesmo de seus adversarios politicos.

Muitos melhoramentos obteve a provincia sob tão esclarecida administração e quando, a 8 de Novembro de 1887, S. Exc. deixou a administração, só a paixão politica, cega ou despeitada, pôde censurar um ou outro acto sumido entre grandes serviços da maior valia.

A 7 de Maio, fez hontem um anno, foi o Barão do Parnahyba elevado a Visconde com grandeza e ultimamente ainda o governo imperial o agraciou com o titulo de Conde.

*
* *

Tendo ido á Corte, a passeio, o Conde do Parnahyba hospedou-se no *Hotel Carson*, onde contrahiu a febre amarella, como os cidadãos acima citados, ambos fallecidos tambem.

Regressando á provincia, aparentemente com boa saude, pois na estação de Campinas de volta á sua fazenda na Resaca mostrou a sua costumada alegria, o Conde do Parnahyba logo ao chegar ali sentiu-se incommodado.

Chamado o Snr. Dr. Guilherme da Silva, este prognosticou a molestia, reconhecendo ser febre amarella.

Transportado para Campinas, na chacara do seu genro, Dr. Jorge Tibiriçá, no Guanabara, expirou ante-hontem o illustre enfermo.

Já assignalámos que a impressão foi profunda.

A's 3 horas da tarde, em trem especial, seguiu o corpo para Jundiahy.

O caixão, riquissimo, foi carregado á mão desde o Guanabara até á *gare*.

Acompanhamento enorme. Todos se conservavam descobertos.

Sobre o caixão viam-se ricas corôas de saudades, com os seguintes disticos :

Amor Conjugal.

Amor Filial.

Barão do Fapy, amor fraternal.

Baroneza de Jundiahy e Maria Eufrosina de Queirós, amor fraternal.

Luiz de Queirós Telles, amor fraternal.

Francisco de Queirós Telles e Salvador de Queirós Telles, amor fraternal.

Antonio Leme da Fonseca.

Tributo de amisade, seu genro.

Candida de Queirós Telles, a seu tio, amisade.

Ao nosso bemfeitor tio, reconhecimento eterno de Sinhá e Rachel.

O contingente de linha achava-se formado na estação, e quando se approximava o feretro, deu as descargas do estylo.

Pouco antes de partir o trem, o Snr. Dr. João Gabriel de Moraes Navarro pronunciou um eloquentissimo discurso, relembrando as virtudes e feitos do finado Conde.

Innumeras pessoas acompanharam o feretro até Jundiahy.

ENTERRO EM JUNDIAHY

Hontem, ás 10 horas da manhan, foram dados á sepultura na cidade de Jundiahy, sua terra natal, os restos mortaes do distincto paulista.

A Directoria da Companhia Mogyana fez-se representar pelo digno Inspector do Trafego, Snr. Pinto de Moraes, que offereceu uma riquissima corôa em nome da mesma.

O Snr. Capitão Corrêa Dias apresentou outra « OFFERECIDA PELOS DEDICADOS AMIGOS, DA COMPANHIA MOGYANA ».

O partido conservador de Ytú offereceu tambem uma « AO SEU LEGITIMO CHEFE ».

A *Imprensa Ytuana* tambem offereceu outra.

O digno Snr. Walter Hammond, não sómente compareceu, representando a Directoria da Companhia Paulista, mas tambem graciosamente pôz um carro especial á disposição das pessoas que desta cidade quizessem assistir ao enterro e voltar; de modo que, calculou-se em cem o numero de amigos do illustre finado que desta cidade seguiram ás 6,50 da manhan, para lhe prestarem a ultima homenagem.

Depois da encommendação, no acto de ser dado á terra o caixão, o Dr. João Gabriel de Moraes Navarro commemorou em sentidas palavras os altos merecimentos, elevadas virtudes, e valiosissimos serviços de tão preclaro cidadão.

Causou geral desagrado o factó, aliás muito censuravel, de não comparecer ninguem da capital ao enterro!

Ninguem, excepção feita dos dous distinctos cidadãos, Drs. Ramos de Azevedo e Leão Bourroul, que acudiram ao acto como amigos devotadissimos do finado.

Mas, parece que o preclaro paulista tinha direito ás distincções que a presideneia da provincia e a União Conservadora não podiam se dispensar de tributar-lhe, sob pena de incorrerem, como incorreram, em severa censura.

O Exm. Snr. Conde do Parnahyba tinha, tanto como os que mais têm, todo o direito a essas homenagens; já porque ainda não ha seis mezes era elle o presidente desta provincia; e o actual Snr. presidente não póde ignorar que os ex-presidentes têm durante 6 mezes direito a essas honras; já porque pertencia á alta nobreza do imperio, e tambem por isso eram-lhe ellas bem devidas; já porque era um dos mais preclaros chefes da União Conservadora, que não achou um só dos seus membros (de tantos que abundam na capital!) para se fazer representar!

Nesta cidade, a força local prestou ante-hontem ao illustre finado as honras funebres, na estação, dando as descargas do estylo, e fazendo as devidas continencias quando seguiu para Jundiahy o trem que levava o corpo, entretanto a presidencia não poude dispensar força alguma da capital para vir a Junhiahy prestar as devidas homenagens !

O directorio do Partido Conservador desta cidade fez-se representar por dous dos seus dignos membros, os Snrs. Dr. Luiz Silverio Alves Cruz e Raphael de Abreu Sampaio.

De Ytú vieram tambem muitos amigos do illustre finado assistir ao enterro.

Embora faltassem as homenagens do governo provincial e da União Conservadora, á Exma familia do illustre finado ficará sempre a grata consolação de que, ao enterro delle, acudiram pressurosas e unidas na mesma angustia, as tres cidades onde elle contava mais dedicados amigos : Ytú, Campinas e Jundiahy !

Os discipulos do distincto collegio Senna Freitas compareceram em grande uniforme ao acto.

A excellente banda de musica do logar executou durante o prestito as mais compungentes marchas.

Assim terminou a sua rapida carreira na terra aquelle que, nascido a 16 de Agosto de 1831, e formado em direito em 17 de Novembro de 1854, soube em 56 annos conquistar o affecto, a estima, o respeito, e diga-se mesmo, a veneração de todos quantos o conheciam, amigos e adversarios ; pois tal era o condão dos peregrinos dotes que exornavam o preclaro paulista, que entre os homens se chamou o Conde do Parnahyba.

Deus tenha a sua alma na eterna bemaventurança e offerecemos os nossos respeitos á Exma. familia.

(Editorial de 8 de Maio).

V

(Gazeta de Campinas)

Ante-hontem, ás 8 horas da manhan, falleceu nesta cidade o Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba.

Era o finado um cidadão prestigioso e importante, cheio de serviços á causa publica, e principalmente a esta provincia, que elle amava com todas as forças do seu patriotismo.

Contava 57 annos de idade incompletos, pois nascêra em 1831, na cidade de Jundiahy.

Espirito emprehendedor e audaz, o Conde do Parnahyba foi quem mais se esforçou pela construcção da via-ferrea Mogyana. Por essa epocha prestou os mais assignalados serviços á provincia, e mesmo posteriormente, emquanto occupou o difficilimo cargo de presidente daquella companhia.

Conservador de tradicção e principios, o Conde do Parnahyba, quer pelo seu valor pessoal, quer pela importancia de sua familia, era um dos primeiros vultos do partido conservador da provincia.

Por isso, logo que se inaugurou a actual situação, o Conde do Parnahyba, nesse tempo ainda Barão, foi nomeado 1.^o vice-presidente de S. Paulo, logar esse de que passou para o de presidente effectivo, exonerado que foi o Conde-lheiro João Alfredo.

Uma vez demittido, a pedido, do alto cargo de presidente desta provincia, o Conde do Parnahyba voltou á vida privada.

Foi nessa posição que a fatal enfermidade o veiu colher, forte, robusto, alegre e ainda cheio de esperanças.

Tendo ido á Côrte acompanhar um filho que partia para a Europa, de lá voltou com o germen da molestia, que em poucos dias o fez succumbir.

Com effeito, após cinco ou seis dias de duros soffrimentos, o Conde do Parnahyba falleceu, como já dissemos, antehontem, ás 8 horas da manhan.

Não precisamos descrever aqui a dôr profunda que semelhante acontecimento produziu em toda Campinas. E' esta uma das occasiões em que nada póde ser mais eloquente que o silencio.

Filho de Jundiahy, o finado manifestára desejos de ser enterrado na mesma terra que o viu nascer. Em conformidade com tal desejo, ás tres horas da tarde de antehontem, o cadaver seguiu, em trem especial, para Jundiahy.

O caixão que o conduzia estava coberto de grande quantidade de corôas, ultimo tributo da familia e dos amigos.

A estação achava-se repleta de povo, e quando approximava-se o momento da partida, o Dr. João Gabriel de Moraes Navarro pronunciou um breve mas eloquente panegyrico do fallecido.

Fez as honras devidas ao finado um contingente de linha, commandado pelo Alferes Gregorio da Conceição.

No trem que conduzia o cadaver seguiram muitos dos amigos que o fallecido possuia em Campinas.

A camara municipal desta cidade fez-se representar no cortejo funebre.

Na estação de Jundiahy, era grande o numero de amigos e correligionarios do finado, que esperavam o cadaver. O ataúde foi retirado do vagão pelos membros da camara municipal, sendo transportado á mão para a cidade e depositado em casa do Snr. Francisco de Queirós Telles.

Hontem, em trem especial, seguiram desta cidade muitos amigos e admiradores do fallecido, notando-se entre elles os Snrs. Dr. João Gabriel de Moraes Navarro, Dr. Luiz Silverio Alves Cruz, representando o partido conservador, Dr. Urbano Aranha, Dr. José Pereira de Queiroz, Francisco Glycerio, por si e como representante do *Paiz*, Raphael Sampaio, Luiz J. Pereira de Queiroz, Max Mundt, Pinto de Moraes, Commendador Hammond, Samuel Camara, Luiz Alves, Antonio Alves, Claudino Cintra, Luiz Miquelino, Drs. Arthur Prado e João Tebiriçá, Dr. U. Cavalcanti, muitos operarios da Companhia Mogyana, os representantes do *Diario* e desta folha, afim de assistirem aos funeraes.

Estes tiveram logar hontem de manhan, sendo o corpo transportado á mão até o cemiterio. O acompanhamento era numerosissimo.

A banda do corpo de Permanentes tocava commoventes marchas funebres, e uma força do mesmo corpo, commandada pelo Tenente Bauman, fez as honras a que tinha direito o finado.

Sobre o caixão estavam muitas corôas depositadas pelos seus parentes. Além destas havia uma com o distico—

Dos conservadores de Ytú ao seu legitimo chefe—, outra da Directoria da Companhia Mogyana, e ainda outra com a seguinte inscripção:—Saudades dos seus dedicados amigos da Mogyana.

De Ytú e Mogy-mirim tambem foram muitos amigos prestar-lhe a ultima homenagem.

De S. Paulo vieram os Drs. Maia e Ramos de Azevedo, a d'entre os conservadores apenas o Dr. Estevam Leão Bourroul.

Ao ser dado á sepultura o cadaver, o Dr. Moraes Navarro pronunciou uma breve, mas commovente e sentida allocução, fazendo o panegyrico do morto.

A commoção era geral. O finado foi sepultado em um jazigo, entre os tumulos de seus pais.

A' desolada familia do finado enviamos os nossos sinceros pesames.

(Noticiario de 8 de Maio).

VI

EXEQUIAS EM SÃO PAULO

O auctor escreveu no *Correio Paulistano* de 15 de Maio :

Realisaram-se hontem, na Igreja do Convento do Carmo, onde funciona a Sé Cathedral, as solemnes exequias mandadas celebrar pela UNIÃO CONSERVADORA, pelo descanso eterno da alma do benemerito Conde do Parnahyba.

A Igreja, em toda a sua extensão, estava funebremente adornada, sobresahindo no centro um magnifico catafalco, circumdado de luzes e encimado por uma grande cruz allegorica.

Os officios começaram ás nove e meia, e a Missa solemne cerca das onze horas, com assistencia de S. Exc. Revma. o Snr. Bispo Diocesano, Cabido, Clero da capital, communitade Salesiana, Seminario Episcopal, etc.

A absolvição solemne foi dada pelo Snr. D. Lino, rodeado do cabido e mais clerigos presentes.

O Revm. Snr. padre Camillo Passalacqua escrevera o elogio do finado; mas não lhe foi dado pronunciar-o, por ter chegado depois da cerimonia.

O trabalho de S. Revma. é digno do seu talento.

A Igreja estava litteralmente cheia de povo.

Todas as classes sociaes, sem distincção de nacionalidades nem de côres politicas, porfiaram em manifestar os seus sentimentos de pezar pelo passamento do inclyto Paulista.

Além de S. Exc. o Snr. Dr. vice-presidente da provincia, Drs. chefe de policia, secretario do governo, ajudante de ordens, officialidade dos corpos desta capital, notámos a presença de todos os chefes de repartições publicas, geraes e provinciaes, grande numero de empregados publicos, lentes da Faculdade de Direito, membros do corpo consular, desembargadores da Relação, Juizes das varas da capital, deputados provinciaes, vereadores da Camara Municipal, representantes da Imprensa, engenheiros-fiscaes de diversas ferro-vias, muitas Exmas. familias e pessoas gradas, emfim, uma multidão compacta, que correrá pressurosa a render esta ultima homenagem á memoria veneranda do nosso saudosissimo amigo.

O *Correio Paulistano* fez-se representar pela sua redacção (administração.

Findas as exequias, a uma hora da tarde, foi expedido o seguinte telegramma á Exma. Snra. Condessa do Parnahyba :

« A UNIÃO CONSERVADORA desta capital acaba de,—em solennes exequias na Cathedral, com assistencia de S. Exc. Revma. o Snr. Bispo Diocesano, todas as autoridades civís e militares e grande concurso de pessoas gradas de todos os credos politicos e povo,—rogar a Deus pelo eterno descanso do seu eminente chefe, Conde do Parnahyba.

« Reiteramos a V. Exc. as condolencias do partido ».

Em summa: a homenagem funebre prestada hontem á memoria do illustre Paulista, foi digna de S. Exc. e do partido conservador.

Hontem tambem, ás 8 horas da manhan, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, celebrou-se a Missa mandada dizer pela Secretaria do Governo, em signal de gratidão pelo muito que deve ao Conde do Parnahyba.

Compareceu o Exm. Snr. Dr. vice-presidente da provincia.

Assistiram á cerimonia o pessoal completo da Secretaria, e grande numero de Exmas. familias e empregados publicos.

A Igreja estava devidamente adornada.

Tocou, durante a Missa, a excellente banda de musica do corpo policial de permanentes.

*
* *

Communicam-nos da villa do Jahú, em data de 11 do corrente :

« Foi aqui muito sentida a morte do benemerito Paulista e prestigioso chefe conservador, Exm. Conde do Parnahyba.

O directorio do partido conservador telegraphou á Exma. Snra. Condessa do Parnahyba, dando sentidos pezames por tão infausto acontecimento; e estão se preparando sollemnes exequias para o dia 14, na Igreja matriz desta villa.

Além destas justas homenagens, prestadas á memoria do illustre finado, a quem este municipio deve bons serviços, houve outras.

Na audiencia do juiz municipal, hoje realisada, foi ordenado pelo respectivo juiz, cidadão João Victorino de Mesquita, que se inserisse no termo da audiencia um voto de profundo pezar pelo fallecimento do illustre Paulista Conde do Parnahyba, tão cedo roubado aos seus amigos e á sua gloriosa provincia, pela qual tantos sacrificios fez, contribuindo em grande parte para o seu desenvolvimento e progresso. Este termo foi assignado pelo juiz, escrivão José Vicente de Campos Junior, Drs. Antonio José Lopes Rodrigues e Alfredo Lopes Baptista dos Anjos, advogado Antonio Freire de Mergulhão Bandeira e solicitador Rozendo Dias Falcão.»

ORAÇÃO FUNEBRE

Pronunciada na igreja cathedral de S. Paulo nas solemnes exequias celebradas por alma do Exm. Sr. Conde do Parnahyba no 7.º dia de seu fallecimento, pelo padre Camillo Passalacqua.

Beati mortui qui in Domino moriuntur.

(Apoc. 14, 13.)

Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano.
Exm. Sr. Dr. Presidente da Provincia.

Meus Senhores.

São sempre tremendas as lições da morte, meus Senhores !

E' a morte o ultimo acto, o ultimo esforço, a ultima lucta em que o homem perece, tropheo da mais decisiva e por vezes sanguinolenta batalha.

O Propheta Isaias, descrevendo as devastações da morte, compara a vida á herva virente dos campos e a gloria á flôr dos prados ; eis que de repente, diz elle, tudo secca, tudo estiola-se ao sopro estranho e quasi sempre inesperado do espirito de Deus.

Omnis caro fœnum et omnis gloria quasi flor agri. Exsiccatum est fœnum et cecidit flos, quia spiritus Domini suflavit in eo.

A morte é sempre amarga ; porque, inexoravel na escolha de suas victimas, nos arrebatada, ao individuo os mais dedicados amigos, separando os batalhadores d'uma idéa ; á familia os mais preciosos membros, abrindo um vacuo em seu seio ; á Patria os mais prestantes e dilectos filhos, lançando-a no mais profundo e sentido luto.

O amargo da tristeza succede sempre aos testemunhos da ternura — *Ciccine separat amara mors!* exclamava o Real Propheta

Lei fatal quanto universal, nos leva de surpresa em surpresa pelo caminho da vida. Todos chegaremos ao mesmo termo, escreveu o Poeta de Venuza ; tira a sorte, cedo ou tarde nome será lembrado.

Razão de sobra tinha o grande Malherbe fallando do imperio da morte sobre os Reis de França : « Os guardas do Louvre de tudo defendem, menos da morte, seus soberanos ! »

Meus Senhores, não vem a pello estudarmos aqui a natureza intima deste facto como suspensão que é de uma força especial, e muito menos como retrahimento de forças geraes.

Outro é o nosso plano.

O que é que vejo nesta hora, meus Senhores ? O templo de Deus armado em funeral ; os sons plangentes do órgão ; o canto funebre da igreja ; os ministros sagrados revestidos de negros paramentos ; vozes entrecortadas, physionomias tristes : tudo traduz uma grande perda !

Sim, é um grande numero de amigos, é a Provincia de S. Paulo, é o Brazil inteiro, que, prostrado diante do Altissimo, roga pelo descanso eterno d'um varão illustre, que acaba de desaparecer no campo da vida.

Somos nós que vimos immersos no mais profundo da dor buscar lenitivo na fonte sagrada da esperança christan.

Somos ainda nós, meus Senhores, que com as almas erguidas para o Céu, misturando nossas lagrimas com as de uma desditosa viuva, que, rodeada de seus filhos, contemplamos o tumulo solitario que encerra os restos mortaes daquelle que de nós todos foi amigo e della esposo dedicado.

Faz hoje oito dias que despediu-se de nós e de sua extremosa familia, em retirada para o seio de Deus, o mui saudoso Dr. Antonio de Queirós Telles, Exm. Conde do Parnahyba.

Beijemos reverentes a mão de quem nos separou desse varão illustre ; não pretendamos sondar, nós miseros mortaes, os arcanos eternos ; mas diante dos destroços da morte exclamemos com o grande Massillon diante do cadaver de Luiz XIV : Só Deus é grande !

E' este o unico hymno que se entôa na região dos mortos, a unica nota que enche a immensidade e planta em nós a esperança, firmando cada vez mais os desejos da immortalidade.

Fóra desta ordem de considerações tudo é incerto, vacillante, illusorio no percurso da existencia.

O illustre Conde do Parnahyba foi um homem publico, foi um amigo fiel, foi um pai extremoso.

Semelhante á abelha, disse o Poeta do Fausto, o homem suga no calix da vida as glorias de seu nome, quando pôrêm chegou á conquista de uma existencia brilhante, tem a morte por salario.

Ah! Senhores, é que a morte é para os homens de bem o inicio de sua immortalidade.

Não pretendo trazer para este pulpito a corrente de todos os factos que lustraram a vida tão gloriosa do nosso morto.

A historia que os recebeu em suas paginas, ha de transmittil-os cheia de gratidão aos vindouros da patria.

Em uma vida fecunda, como em uberrima seara, ha muito que fallar, mórmente quando a attenção volta-se para certa ordem de factos, de cuja paternidade não póde o homem declinar, como acontece ao nosso pranteado morto.

Esses factos são os que rodeam seu nome de glorias immortaes: seus dotes pessoaes, suas virtudes e meritos que constituem o pedestal de sua vida além-tumulo, a herança e a garantia de sua descendencia.

E o Conde do Parnahyba amontoou glorias e merecimentos para a historia e para a eternidade.

A nossa presença neste recinto sagrado justifica o que fica dito.

Nasceu o Conde do Parnahyba de paes eminentemente christãos, os venerandos Antonio de Queirós Telles e D. Anna Liduina de Moraes, que pela nobreza de seu espirito e pelo bem formado de seu coração, morreram no meio dos respeitos de seus conterraneos com o titulo de Barão e Baroneza de Jundiahy.

Jundiahy, cidade desta provincia, situada a 55 kilometros da capital, na margem esquerda do rio que lhe dá o nome, foi, meus Senhores, a terra natal do nosso illustre morto e que hoje guarda respeitosa seus restos mortaes.

O anno de seu nascimento foi o de 1831 a 16 de Agosto. Occupava o illustre Paulista, na ordem de seus dignos irmãos, que foram onze, o oitavo lugar.

Desde muito joven sentiu-se com vocação para as letras; razão por que deu-se desde logo aos estudos de preparato-

rios, obtendo, após invejavel applicação, o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes na nossa Faculdade de Direito em 1854.

Unido pelos vinculos matrimoniaes a uma filha das mais illustres familias desta provincia, fez de sua casa um santuario de virtudes christans.

Não encerrou-se o nosso pranteado biographado nos limites do lar domestico. Sua actividade pedia um campo mais vasto.

Partidario convicto, viu-se desde cedo rodeado de amigos politicos, e como tal prestou relevantissimos e inolvidaveis serviços a seu municipio, á sua provincia e ao seu Paiz.

E, meus Senhores, em meio dos labores constantes de sua vida publica, importa dizel-o para gloria de seu nome, jamais sacrificou o bem publico nos apertados moldes das conveniencias pessoaes.

Fallem por mim seus proprios adversarios politicos, de quem captou toda a estima e consideração.

A industria e portanto o commercio, a lavoura tiveram nelle um batalhador indefesso.

Dotado de conhecimentos especiaes, administrou uma das empresas mais gigantes desta provincia e a ella soube comunicar toda a pujança com que hoje prospera.

Agraciado pelo governo imperial com titulos honorificos, honrou-os até o derradeiro instante de sua utilissima existencia.

A respeito da ultima phase de sua vida como presidente desta gloriosa provincia, não se faz mister que vos diga uma só palavra.

Ameaçador era, vós o sabeis, o estado da provincia sob o ponto de vista da lavoura.

O elemento servil, que graças á Divina Providencia e ao coração magnanimo dos brazileiros, na hora que vos fallo, não existe mais, extinguiu-se para todo o sempre, tinha soffrido um grande abalo.

E a lavoura, que entre nós é quasi a unica fonte de riqueza, sentia-se ameaçada sinão de morte ao menos de uma paralysação profunda, que ia affectar a parte economica da provincia.

Escasseava progressivamente o braço escravo. O que fazer, meus Senhores? Abandonar a lavoura? Não, nunca. O trabalho ennobrece o homem, e é uma condição indispensavel de grandeza.

Cumpria, pois, triumphar da crise, transformando o trabalho agricola sem prejuizo dos proprietarios.

E ella era tão assustadora, quanto imminente e improrogavel a substituição dos braços.

A corrente immigratoria estabelecida em grande escala e a solução mais ou menos pacifica desse importante problema economico deve-se em grande parte ao illustre Conde do Parnahyba.

A terra, meus Senhores, só póde fecundar-se ao trabalho aturado, regada pelo suor constante.

O Sr. Conde do Parnahyba antevia o estado das cousas e sabia, como nós o sabemos, que o trabalho não é uma maldição, sinão uma reabilitação.

E imaginae, meus Senhores, qual não seria o estado de nossa lavoura, si não fôra a perseverança do nosso illustre morto na introducção sempre crescente de homens livres que possuem a consciencia do trabalho.

O homem não crêa as substancias, porém póde modificá-las, e o nosso Conde comprehendia em sua maxima amplitude o trabalho intelligente e a possibilidade de aproveitar de prompto a uberdade de nossas terras.

As leis regulamentares que ainda regem este ramo de serviço são um attestado vivo e eloquentissimo do que acabamos de dizer.

Toda essa vida de beneficios e de dedicação pela causa publica e pelos interesses mais vitaes, meus senhores, doirou-a o Exm. Conde do Parnahyba com a pratica das virtudes christans, que, como já vos disse, é o padrão de sua maior gloria.

O Conde do Parnahyba era um homem de fé, em seu peito nunca apagou-se o fogo da caridade evangelica.

E, meus Senhores, de que servira ao illustre morto sua gloriosa vida publica, si não a tivera fundado solidamente na inalteravel base das virtudes christans.

Com pezar profundo teríamos nós de repetir nesta hora as desconsoladoras palavras de um famoso Padre da Igreja: *Laudantur ubi non sunt, cruciantur ubi sunt.*

A virtude é indivisível como a própria consciencia.

O Conde do Parnahyba nunca perdeu de vista este principio.

Póde-se dizer delle o que Bossuet disse de Michel Letelier, que a religião era para o nosso morto um deposito sagrado, que havia recebido em herança bemdita de seus virtuosos progenitores, e tratava de augmentar sempre mais.

A medida que satisfazia as ingentes necessidades administrativas, empenhava-se em cumprir seus deveres para com Deus, para com a Santa Igreja e para com os pobres.

Sim, os pobres são os grandes factores da felicidade dos ricos e dos abastados.

Occupam elles uma pagina de honra no grande livro do Evangelho, e na Igreja de Deus um lugar reservado.

O Conde do Parnahyba soccorria os pobres.

Essa associação abençoada que traz o nome de S. Vicente de Paulo, cujo fim é, na phrase inspirada de Monsabré, reconciliar o pobre com Deus e com a sociedade, mereceu do nosso illustre Conde toda a consideração.

O desvelo pelos filhos dos indigentes, a compaixão que lhe ia n'alma á vista da miseria, provam altamente seu coração caridoso.

Quando aventou-se nesta diocese a criação de escolas agricolas e christans, S. Exc. Revma. e os promotores dessa idéa nelle encontraram o mais franco apoio.

Mais duas palavras sobre a vida christan do nosso saudoso Conde.

A morte, diz Bossuet, vem revelar os segredos dos corações.

O Conde do Parnahyba, quando em Roma, ao receber a sagrada benção para si e para a sua respeitavel familia, que pediu ao immortal Pontifice Pio IX, então gloriosamente reinante, interrogado a respeito da educação que dava a seus filhos, o illustre e pranteado amigo respondeu ao supremo gerarcha da Igreja: SS. Padre, meus filhos todos são educados nos sacrosantos principios da Religião Catholica, na qual nasci, vivo e peço a Deus hei de morrer.

Ëis, meus Senhores, a profissão publica do homem que tem fé.

Pois bem, meus Senhores, a religião acompanhou-o durante a vida e na hora suprema da morte, quando o illustre Conde sentiu-se em perigo, recorreu ao Deus das misericordias, confortou-se com os sacramentos da Igreja e adormeceu no Senhor, depois de haver dito um adeus á sua esposa, um adeus á sua Patria, que tanto beneficiara, e lançado sobre seus filhos a ultima benção.

Bemaventurados os que morrem no Senhor; emquanto nós que ainda peregrinamos pela vida, lembremo-nos que somos immortaes.

Requiescat in pace

VII

CONDE DO PARNAHYBA

(Imprensa Ytuana)

Na manhan do dia 6 foi esta cidade sorprendida pela communicação telegraphica de haver succumbido em Campinas o Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba.

Em um momento a dolorosa noticia era sabida por toda a cidade, notando-se a consternação produzida no seio desta população, que tanto deve ao illustre morto.

Medir toda a extensão do seu merecimento é tarefa superior a esta modesta folha : sua individualidade, nos ultimos tempos, accentuou-se de tal modo nos destinos da nossa patria; sua influencia na politica da Provincia caminhou n'um crescendo tão rapido quanto legitimo, ao ponto de se poder hoje affirmar que ainda nenhum outro cidadão subiu tão alto em influencia e popularidade nesta florescente porção do Imperio.

A Provincia de S. Paulo pranteia o mais dedicado de seus servidores, e a cidade de Ytú, que foi sua terra adoptiva, vem reverente beijar o tumulo ainda mal cerrado do emérito paulista.

A memoria de seu nome, quando ainda não ficasse escripta em nossos corações, teria para perpetual-a tudo quanto se tem feito pelo progresso desta cidade: o que

temos de melhor entre nós devemos á sua iniciativa, aos seus exforços e á sua prodigiosa actividade.

E' justo, pois, o testemunho que aqui depomos em nome dos ituanos, e ainda mais, em nome de todos os credos politicos e classes sociaes.

E assim devera ser, quando se trata de um grande cidadão, elevado pelo seu merito a culminante posição social; não sabendo, entretanto, fazer distincções convencionaes, por isso que sendo accessivel a todos, o seu trato lhano e desaffectedado era sempre o mesmo no commercio dos homens, obscuros ou não.

Deixamos aos mais competentes o historico da sua gloriosa passagem pela terra, rememorando os grandes serviços prestados ao nosso paiz e sobretudo á nossa Provincia.

A *Imprensa Ytuana*, em nome desta cidade, associa-se ao sentimento geral e curva-se respeitosa ante o seu tumulo.

(Editorial de 9 de Maio).

VIII

(*Imprensa Ytuana*)

Ás linhas que se tem escripto sobre quem foi o Conde do Parnahyba, ajunctamos mais as nossas como pequena, porém sincera prova de que muito nos merecia.

Imaginar talvez bem se possa a dôr que experimentou a provincia de S. Paulo, quando conhecedora de que morrera um dos seus mais illustres e mais dignos filhos. Dôr identica naturalmente á da mãe, que vir cahir o filho fulminado, de ha pouco cheio de exuberante vida, de ha pouco a representar-lhe as suas mais doces alegrias, os encantos, as esperanças de sua existencia.

Quem elle foi, dil-o-ha a historia da patria paulista, e justiceira como é, o deverá considerar o iniciador do desenvolvimento material da Provincia, o vidente do grandioso futuro que a aguarda e da sua posição superior nos destinos do paiz.

O seu espirito essencialmente emprehendedor e activo, não encontrando os menores obices á realisação das idéas de felicidade e de progresso, será considerado como um grandioso exemplo, digno de imitação á geração vindoura.

A sua honestidade será proverbial e imposta como verdadeira demonstração civica aos nossos costumes, quer individuaes quer politicos, infelizmente abalados por deficiente educação.

A sua bonhomia, a sua sinceridade applicada nas relações de amisade, o farão sempre recordar saudoso, por aquelles que tinham a felicidade de comsigo privar.

E si o sentimento era unisono pelo paiz ao ter noticia que a morte arrebatara proeminente cidadão, muito maior o foi para a nossa legendaria cidade, que perdia o seu *amigo dilecto*.

Ytú era para si uma especie de filha; todos os cuidados, todas as atencões eram poucas para bem attendel-o em seus interesses, em suas exigencias.

Ahi estão os factos a attestar a sua intervenção benefica, e alguns bem recentes que traduzem a sua solitudine.

O abastecimento d'agua, a reconstrucção do frontispicio da Matriz, a si exclusivamente se deve a iniciativa e a realisação de obras de tanta importancia.

Para quem sabe e conhece quanto é morosa a nossa administração, quantas difficuldades a todo o momento estão a se suscitarem, poderá bem aquilatar o seu valor.

Substituil-o será bem difficil e talvez impossivel; homens como o Conde do Parnahyba são raros; na grande successão do tempo, onde se accumulam factos, poucas vezes destacamos individualidades tão sympathicas como a do cidadão que finou-se, concorrendo para que elles se apresentem dignamente.

Paz á sua alma.

(Editorial de 13 de Maio.)

IX

EXEQUIAS EM YTÚ

Tiveram logar hontem ás 9 horas da manhan, na Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco desta cidade, as exequias que diversos amigos fizeram celebrar, em signal de profundo pezar pelo fallecimento do sempre lembrado Conde do Parnahyba.

Deu começo ao acto a celebração da missa cantada pelo Rvdm. Vigario Padre Miguel, auxiliado pelos Rvdms. Padres Mantero e Matheus.

Findo este acto houve o libera-mé, acompanhado pela orchestra. Regeu a orchestra o Snr. José Mariano da Costa, sendo as vozes que se fizeram ouvir, quer para os canticos da missa como do libera-mé, muito harmoniosas e tocantes.

Compareceram ao acto a illustre Camara Municipal, Dr. Juiz de Direito, Dr. Juiz Substituto e seus supplentes, Dr. Promotor Publico, autoridades policiaes, uma commissão do Collegio S. Luiz composta de 40 alumnos, dirigida pelo Rvdm. Padre Pujoli, grande numero de pessoas gradas e muitos amigos do finado, de todas as parcialidades politicas, bem como crescido numero de Exmas. Snras. O templo esteve completamente cheio, pois viam-se n'elle pessoas de todas as classes sociaes.

Na porta do templo esteve postada a força desta cidade, composta de 20 praças com as armas em funeral.

Findo o acto, fallou na porta do templo, achando-se todo o povo reunido, o nosso amigo Dr. Lopes, que em phrases correctas e sentidas, exaltou os grandes dotes do illustre finado, lembrando os serviços prestados a esta cidade.

Em seguida fallou o Dr. J. Fontes Junior, digno Promotor desta comarca, que mostrou quanto era merecedor d'aquellas honras o Conde do Parnahyba, depois de proferir algumas eloquentes palavras sobre os sentimentos da amizade e da gratidão. Pediu a toda a população ytuana que pranteasse o inditoso Conde do Parnahyba, benemerito paulista, e se envolvesse no mais cerrado lucto pela perda irreparavel que acabava de soffrer. Terminou salientando todas as qualidades apreciaveis do illustre morto.

Finalmente o Rvdm. Snr. Padre Mantero, Reitor do collegio S. Luiz, por sua vez salientou os dotes religiosos de que na ultima hora deu provas de possuir o finado, e lembrou quanto fez o Conde do Parnahyba relativamente á questão de Pernambuco, obstando que se estendesse a esta cidade; disse mais que parecia ouvir o echo dos vivas com que o Collegio de S. Luiz festejava em Agosto de 1887 a visita do Exmo. Conde do Parnahyba, então Presidente da Provincia, misturar-se com a saudação solemne do « Requiem æternam, » não podendo deixar, como representante do Col-

legio S. Luiz e por parte do Collegio do Patrocinio e do Conventinho, exaltar a protecção e amizade que elle sempre dispensou a estes estabelecimentos.

Terminados estes discursos, a força postada na porta do templo deu as descargas do estylo e a banda de musica tocou uma marcha funebre.

Decoração do Templo

Foram encarregados da decoração do templo os Snrs. Joaquim Leitão e José Xavier, que se esforçaram quanto puderam para a boa execução do trabalho de que foram encarregados.

O altar-mór estava coberto de lucto e as tribunas e côro com cortinas pretas.

Erguia-se no centro da nave, sobre um octogono, a eça, que tinha tres secções: a primeira servia de base do corpo da eça, a segunda recebia quatro columnas sustentando arcadas, a terceira recebia um pedestal sobre o qual estava collocado o mausoléu, ricamente enfeitado.

Do centro das arcadas pendia uma rica corôa sobre o mausoléu, tendo escriptas nas fitas da mesma em letras de ouro as seguintes palavras—*Conde do Parnahyba—A patria agradecida.*

Na frente da eça, sobre um pedestal quadrado, destacava-se o retrato do illustre morto, coberto de crepe, tendo na base um coxim sobre o qual estava collocada a corôa de Conde coberta de luto.

Na frente do pedestal via-se uma rica capella roxa, cujas fitas pendidas traziam a seguinte inscripção—*Conde do Parnahyba—Saudades de seus amigos*; toda a eça tinha luzes em profusão, que, pela claridade fazia destacar-se a ornamentação luxuosa e bem acabada da mesma.

Por nossa vez não podemos deixar de louvar os promotores das ultimas homenagens prestados áquelle que soube honrar o nome paulista e amar este lugar em que prestou relevantes serviços.

Duas palavras juncto ao tumulo do Conde do Parnahyba

A vida é uma comedia sem sentido,
Uma historia de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz...
A escára de uma lava em craneo ardido...
E depois sobre o lodo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!

(A. DE AZEVEDO.)

O telegrapho com a velocidade do raio transmittiu-nos pela manhan do dia 6 do rorrente a infausta noticia, que echoou por todos os angulos d'esta cidade, da morte do grande e idolatrado Conde do Parnahyba.

Esta noticia inesperada produziu um verdadeiro choque em todos, que conheciam de perto aquelle character e sabiam apreciar as qualidades nobres e elevadas d'aquelle coração bem formado. Geralmente todos, pasmos e attonitos, duvidavam da veracidade do factu luctuoso ; e foi uma realidade.

Silencio ! que elle dorme o somno tranquillo dos justos.

Foi-se como o meteoro que desliza-se pelo espaço infindo, deixando após si um traço de luz, que a mão do tempo nunca poderá apagar das paginas da historia desta cidade.

Já não existe entre os vivos o Conde do Parnahyba !

Será um sonho, será um mysterio este lugubre acontecimento, que contristou uma população inteira ?

Que o digam todos, como vós, meus senhores e minhas senhoras, que viestes aqui dar publico testemunho da valia de seus merecimentos e prestar as ultimas homenagens de respeito e consideração áquelle character impolluto, áquelle paulista democrata, ao amigo dedicado e prestante de todos os tempos.

Não existe mais o Conde do Parnahyba ! que digo eu ? Não... meus senhores e minhas senhoras, a materia que se destroe, que se corrompe... onada da vida, é que se foi... o espirito que animava, que vivificava aquelle corpo, perdura, existe, está em torno de todos nós.

Dizia o grande Victor Hugo : O tumulo não se olvida de alguém. Ahi está o umbral do que não se póde perscrutar.

Emquanto reina o silencio ao redor do fosso aberto, e ás pásadas de terra, pó lançado sobre o esquife surdo e

sonoro, a alma supersticiosa abandona o seu vestido—o corpo,—e sáe luz de entre um montão de trevas.

Assim é, meus senhores e minhas senhoras, que o seu espirito sempre forte, vigoroso e cheio de uma vida que não se extingue, preside a esta santa cerimonia, em que contritos viemos todos unidos, confraternisados pelo affecto da acrysolada amizade, prestar as derradeiras homenagens a quem tanto esforçou-se pelo engrandecimento deste torrão da Provincia de S. Paulo.

Permitti que eu relembre alguns feitos d'elle n'esta cidade.

Foi eleito o Conde do Parnahyba Vereador da nossa Camara Municipal por tres vezes, prestando assignalados serviços a este municipio, que serão sempre lembrados pelos ytuanos.

A Santa Casa de Misericordia, que o teve como seu Thezoureiro, que atteste os assignalados serviços que lhe prestou, fazendo até á mesma donativo importante.

A reconstrucção da nossa Matriz foi elle quem a promoveu, contribuindo com quantia não pequena para suas obras.

Para o lazareto em construcção não se negou, logo que lhe pediram seu auxilio pecuniario.

Como presidente da Camara no quatriennio que findou, deu começo á edificação do novo matadouro que possuímos e terminou a sua construcção.

Iniciou a canalisação d'agua para abastecimento d'esta cidade, melhoramento importantissimo para a população, principalmente a desvalida da sorte, que tem hoje este elemento de primeira necessidade a mãos largas.

Só este facto bastava para o elevar entre seus concidadãos, porque a muitos parecia uma utopia a sua realisação: o Conde do Parnahyba, porém, com aquella força de vontade inquebrantavel que sóe ter os homens d'aquella tempera, conseguiu o levantamento dos capitaes precisos, inspirando a maior confiança, promoveu os estudos explorativos e o começo d'aquellas obras.

Tratou da remoção do cemiterio que existia dentro desta cidade para lugar apropriado, obra esta bem acabada e que honra este lugar.

Finalmente, em todos os pequenos melhoramentos de que Ytú carecia, elle sempre achou-se á testa, tal era o amor que o tinha preso a este lugar.

A pobreza desvalida recebia d'elle o obulo da caridade occultamente, evitando assim cahir no dominio publico esta obra de misericordia, prova valiosa das grandes virtudes e elevados sentimentos humanitarios que possuia.

Infeliz coincidencia, meus senhores e minhas senhoras, se deu exactamente no dia em que elle exhalou o ultimo suspiro: pedira a um amigo reservadamente que lhe avisasse por telegramma o dia da terminação das obras do abastecimento d'agua e da entrega feita á Camara Municipal; e quando tudo estava preparado para o dia 6, elle que tinha iniciado aquelle melhoramento, fallecia em Campinas.

Poderia, si quizesse, lembrar ainda o quanto a provincia de S. Paulo deve-lhe e que ella nunca poderá olvidar; não o faço, porque meu unico fim é salientar quanto Ytú foi merecedora d'elle, que tanto a amava.

Tinha um coração bem formado e dotado de qualidades pouco vulgares, acatado por todos e estimado; elle, verdadeiro democrata, dirigia-se quer aos ricos quer aos pobres com aquella lhaneza e affabilidade, que todos reconheciam ser sincera e natural.

Verdadeiro patriota, sempre cooperou para o engrandecimento de sua querida provincia, quer como cidadão quer como autoridade.

Era um correligionario dedicado, leal para com os seus adversarios, que lhe prestavam a maior consideração e respeito, sem nunca receberem a menor offensa, ainda mesmo em occasiões de luctas eleitoraes renhidas.

Convivi com elle, meus senhores e minhas senhoras, e o tinha como amigo sincero, posso dizer-vos, porque recebi provas d'isso; encontrou sempre de minha parte a melhor boa vontade em prestar-me aos serviços do partido, do qual era o nosso legitimo chefe, e a confiança que me depositava era tal, que eu nunca pude deixar de aceitar os cargos por elle indicados para auctoridade n'esta cidade, em diversos ramos do serviço publico.

Finou-se, é verdade, porém como um verdadeiro justo, não esqueceu-se dos amigos, sentiu ter feito tão pouco em

beneficio de sua querida Provincia e deixal-a em uma occasião em que precisava vel-a prosperar, prestando o seu auxilio como paulista amante da sua terra.

Disse, porfim, sobre os transe afflictivos e crueis da morte, que si mais não fez em beneficio de sua cara Provincia, *ao menos tinha certeza que evitou muita coisa que podia ser funesta.*

Vêde, porém, meus senhores e minhas senhoras, quanta abnegação, quanta magnanimidade n'aquelle espirito talhado para os grandes commettimentos, tão cedo roubado á familia, aos amigos, á sua querida terra, em uma quadra em que tanto precisava dos seus serviços.

Dorme o somno eterno dos justos juncto ao throno do Altissimo, amigo dedicado, descança dos labores desta vida cheia só de illusões, e como o poeta direi :

Mysterio ! Respeitemos n'essa campã
Decretos divinaes !
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca
O pranto e nada mais !

Ytú, 12 de Maio de 1888.

DR. JOAQUIM DOMINGUES LOPES.

X

CONDE DO PARNAHYBA

(*Correio Paulistano*)

A Justiça, orgam do partido conservador da Franca e do nono districto eleitoral de S. Paulo, consagra o seu numero de 10 do corrente ao Conde do Parnahyba.

A primeira pagina está toda tarjada de preto, e nella se nos depara um edictorial do director da folha, *Iskander*, sobre o illustre finado.

Damos em seguida alguns topicos do artigo :

« Já não é deste mundo o Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba !

Na manhã do dia 6 do corrente, a Morte arrebatou este illustre Paulista aos carinhos de sua familia, que o estremeia; á estima e veneração de seus amigos; á confiança do partido conservador; á admiração de nossa Provincia.

Cruel e rapida molestia, cujos germens foram contrahidos na Côrte, para onde o Conde do Parnahyba seguira ha duas semanas, victimou aquella organização que parecia tão robusta e simulava offerecer a perspectiva de longos annos de vida ainda, para honra do partido conservador e gloria da provincia de S. Paulo.

A noticia do seu passamento causou grande consternação; e o sentimento de dôr é geral.

E' que o Conde do Parnahyba não era um homem vulgar, um desses politicos cujo nome se apaga com a terra que lhes cobre o inanimado corpo.

Pela sua intelligencia e proverbial actividade; pela sua dedicação inexcedivel; pelos muitos e relevantissimos serviços prestados á provincia e ao paiz, o Conde do Parnahyba tinha-se constituido um benemerito da nossa heroica provincia. »

• Quem, como o escriptor destas linhas, privou com o Conde do Parnahyba na intimidade diaria; quem viu o trabalho insano e gigantesco que occupava todas as horas do administrador probo e solícito; quem acompanhou, *pari passu*, aquella presidencia tão cheia de serviços á causa publica—póde, sem ser inquinado de parcialidade, dar testemunho vivissimo do muito que fez o Conde do Parnahyba para a terra que o viu nascer.

O amigo era tão grande e generoso como o politico, como o industrial, como o lavrador, como o administrador,

Coração cheio de bondade e sentimentos nobres, o Conde do Parnahyba sabia honrar a amisade; e como tal, deixa o seu nome escripto em caracteres indeleveis no coração de seus amigos. »

Assim conclue :

« Catholico sincero, a sua alma foi accessivel á grande luz da Verdade Eterna.

Deus saberá recompensal-a.»

Escreve-nos do Ribeirão Preto o revd. vigario Snr. Conego Nuncio Grecco :

« Hoje mandei celebrar uma missa do 7.^o dia pelo descanço eterno da alma do benemerito Paulista, o nosso bom amigo Snr. Conde do Parnahyba. E a meu convite assistiram á missa :

As autoridades todas, senhoras da melhor sociedade do lugar, todos os empregados da Companhia Mogyana, os representantes das Colonias Italiana e Portugueza, as escólas publicas de ambos os sexos, o contingente policial e as irmandades do Santissimo Sacramento e do Rosario.

No centro da Matriz erguia-se uma eça, onde foram depositadas duas corôas ; a capella-mór, ornada á lucto.

A corporação musical do Snr. Francisco Gaia cantou o *libera-mé* no fim da Missa, na occasião da encommendação.»

Escrevem-nos de Araraquara :

« Foi geralmente sentida nesta Villa a morte do distincto Paulista, Conde do Parnahyba. No dia 12 do corrente o Rvd. Vigario, padre Luciano Francisco Pacheco, que sempre tributou muita estima ao finado, celebrou por sua alma uma Missa de *requiem*, a qual assistiram, a convite seu, as pessoas mais gradas da localidade, sem distincção de partidos, ficando assim provada a estima geral em que era tido o benemerito cidadão, que tão relevantes serviços prestou á nossa provincia. »

Refere *A Provincia de São Paulo*, de ante-hontem :

« A Sociedade Promotora de Immigração, em sessão do dia 13, resolveu inserir na acta de suas sessões um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Director Conde do Parnahyba, resolvendo ao mesmo tempo mandar levantar o busto em marmore deste distincto paulista n'um dos pateos da Hospedaria de Immigrantes, como justa homenagem aos relevantissimos serviços prestados por elle á causa da immigração na provincia de S. Paulo. »

E' uma justissima homenagem ao Apostolo da Immigração.

Communicam-nos de Porto-Feliz, em data de 12 :

« Hoje foi resada uma Missa de 7.^o dia do fallecimento do Exm. Conde do Parnahyba, mandada dizer pelos amigos e admiradores do mesmo, deixando de haver a de particulares, para as quaes já havia convites. Executou durante a Missa a banda Euterpe Portofelicense os seus funeraes. Houve grande concurrencia de pessoas de todos os credos politicos, de todas as nacionalidades e muitas familias; prestando o municipio a justa homenagem ao illustre morto. »

Do nosso distincto amigo Revm. Snr. Padre Passalacqua recebemos a seguinte carta :

« Illm. Snr. Redactor do *Correio Paulistano*.—Meu caro amigo.—Encarregado pela illustre e patriotica commissão das exequias de fazer a *Oração funebre* do mui pranteado Paulista Exm. Conde do Parnahyba, não me foi possivel recitar hontem, devido a um lamentavel equivoco, a respeito da hora da funebre cerimonia.

A commissão é de parecer que se publique ; remetto-a, pois, a V. S..

E' mais um tributo que V. S. presta á memoria do illustre morto e muito grato, de minha parte, fico a V. S. de quem sou

Am.^o e servo obrig.^{mo}

Padre *Camillo Passalacqua*.

Seminario, 15 de Maio de 1888. »

Continuam as demonstrações de pesar pelo fallecimento do Conde do Parnahyba.

Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial Regente, e seu Augusto Esposo, não ficaram indifferentes ante o cruel acontecimento.

O telegramma, que publicamos em seguida, é mais uma virente corôa de louros depositada no tumulo do illustre Paulista.



« Cópia—Telegramma—Ao presidente de S. Paulo. —
Recebi de Sua Alteza o Snr. Conde d'Eu o seguinte tele-
gramma :

« Causa-nos, á Princeza e a mim, profundo pezar a noti-
« cia do fallecimento do benemerito paulista Conde do Par-
« nahyba.

« Rogamos-lhe transmittir á familia do finado a expres-
« são de toda nossa sympathia. »

Peço, pois, a V. Exc. se digne transmittir, em meu nome,
essa communicação á familia do nosso saudoso amigo.—
Rodrigo Silva.

O partido conservador vai mandar celebrar sollemnes exe-
quias nesta Capital, no dia 15 do corrente.

Foi nomeada uma commissão composta dos Exms. Snrs.
Drs. Elias Chaves e Pedro Vicente, Coronel Rodovalho,
Conego Manuel Vicente e Padre Dr. Valois, para levar a
effeito a idéa.

Consta-nos que nas exequias, ás quaes deverão compa-
recer as autoridades, functionalismo publico e os amigos do
finado, officiará S. Exc. Revma. o Snr. Bispo Diocesano,
que fôra amigo particular do Conde do Parnahyba.

Realisaram-se na Franca exequias mandadas celebrar pela
redacção d'*A Justiça*, no 30.^o dia do passamento do bene-
merito Paulista Conde do Parnahyba.

Officiaram os Rvdms. Snrs. frei Germano de Annecy e
Padre Alonso Ferreira de Carvalho, acolytados pelo Snr.
Estevam Marcolino de Figueiredo, Presidente do directorio
conservador do Patrocinio do Sapucahy.

Finda a missa, foi cantado solemne *libera-me.*

Tocou durante os officios funebres a excellente banda de
musica do maestro Tristão de Lima.

Ao acto compareceram muitos amigos e admiradores do
illustre finado.

Prestou assim o partido conservador francano o devido
tributo de homenagem e gratidão á memoria do Conde do
Parnahyba.

XI

(A Província de São Paulo)

Ante-hontem, ás 10 horas da manhan, espalhou-se pela cidade, com geral sentimento, a noticia da morte do Conde do Parnahyba, que fôra um dia antes conduzido de sua fazenda da Ressaca, para a chacara de seu genro, Dr. Jorge Tibyriçá, em Campinas.

O illustre Paulista foi victima da febre amarella que apanhou na Côrte, aonde o levára o amor de pai, que ia rodear de cuidados um filho que seguia para a Europa.

Ainda forte, devendo contar 57 annos, cheio de enthusiasmo pelo engradecimento da provincia, o seu passamento produziu surpresa contristadora em todos os pontos em que seu nome era conhecido.

O Conde do Parnahyba, o Dr. Antonio de Queirós Telles, lhano, trabalhador, popular, era um typo accentuadamente paulista e caprichava em conservar esses traços salientes de sua individualidade, e era por isso mesmo iufluencia real na provincia e um dos chefes mais prestigiosos do partido conservador.

Ligou seu nome a uma das mais prosperas emprezas de vias-ferreas da provincia, a Mogyana, e por esse meio conseguiu salientar-se entre os homens emprehendedores de seu tempo.

Bacharelado em direito pela nossa Faculdade, em 1854, exerceu por muitas vezes cargos de eleição popular. Foi deputado provincial e de pouco deixára a presidencia desta provincia

Era membro da *Associação Promotora da Immigração*, e condecorado com a commenda de Christo e outras Ordens.

Apezar dos moldes acanhados de sua educação politica e dos velhos preconceitos partidarios, o Conde do Parnahyba prestou bons serviços á provincia, podendo-se dentre elles destacar o estabelecimento da corrente da immigração e melhoramentos de vias-ferreas.

O enterramento do illustre Paulista teve logar hontem ás 9 horas da manhan, na cidade de Jundiahy, onde nascera e para onde fôra transportado o seu cadaver, em trem especial.

Em signal de pezar pelo infausto acontecimento, estiveram fechadas hontem as repartições publicas e cerradas as portas da Casa Bancaria, de que fôra o finado um dos incorporadores.

Lamentando a perda de um Paulista ainda vigoroso e capaz de maiores serviços, sentimol-a com a provincia de S. Paulo e apresentamos a toda a sua respeitavel familia os nossos pezames.

(Editorial de 8 de Maio)

XII

(Correio da Limeira)

A luctuosa noticia dô passamento do illustre paulista Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba, echoou dolorosamente em todo o Brazil e, mais particularmente, em todos os angulos desta gloriosa provincia, onde o nome preclaro deste paulista venerando perdurará, inculpido de um modo saliente em todos os commettimentos alevantados e de real valor nesta provincia, e quiçá no Imperio, nestes ultimos quinze annos.

De um character nobre, altivo, ao mesmo tempo lhano e bondoso, accessivel a todas as espheras sociaes, contava o benemerito paulista amigos dedicados e affeições profundamente sinceras em todos os corações; conquistando o respeito e consideração de todos, inclusive de adversarios politicos, que nelle viam o homem publico de vida illibada. Trabalhador indefesso, convicto da grandeza e prosperidade que aspirava sua provincia natal, foi um dos grandes, talvez o maior impulsionador do progresso invejavel a que tem attingido S. Paulo.

Para isso não se poupou a canseiras e luctas ingentes contra preconceitos ignaros e interesses injustificaveis. Seu animo forte e valente, sua alma de fina tempera, fortalecida das mais acrysoladas virtudes, jamais intibiou-se diante das contrariedades supervenientes na longa estrada de luz que pisava.

Foi assim que tudo venceu, de frente erguida, aureolada da luz brilhante e inextinguivel, que dimana das consciencias impollutas.

O que foi o grande cidadão, Conde do Parnahyba, ha pouco entrado nos aditos incommensuraveis da eternidade, sabem-n'ó os seus coevos; e, sabel-o-hão os posteros, quando o seu nome, como—hymno do trabalho—entoado no concerto grandioso da natureza, reboar por campinas e montes, certificado na columna de fumo e sibillo estridente da locomotiva—via-ferrea mogyana,—que ora percorre territorio da visinha e opulenta provincia de Minas.

Paz á sua grande alma e honra imperecivel á sua memoria.

(Edictorial de 10 de Maio.)

XIII

JAHÚ

No dia 14 do corrente, mandou o directorio do partido conservador celebrar solemnes exequias em homenagem do finado benemerito da patria, Conde do Parnahyba.

O templo estava coberto de crepes, no centro levantava-se um rico catafalco que descansava sobre um tapete, tendo no cimo um ataúde coberto com a bandeira nacional velada de crepe, em roda ardiam innumerous cirios.

Officiou o vigario da vara da igreja do Jahú.

A armação foi confiada ao nosso amigo Manuel José Coimbra.

A esta solemnidade assistiram muitas pessoas do povo e grande numero de cidadãos do partido conservador e de outras parcialidades politicas.

A guarda de honra era feita pela força de permanentes aqui destacada.

A orchestra foi regida pelo professor Antonio Ribeiro de Oliveira.

Depois das ceremonias religiosas, pronunciou o nosso cor-religionario politico, o illustrado advogado d'esta villa, Dr. Alfredo Lopes Baptista dos Anjos, o seguinte :

DISCURSO

Senhores !

Cumprindo o honroso, porém triste dever de, em nome do partido conservador desta localidade, vir render justo preito de homenagem á memoria do illustre paulista que em vida chamou-se Conde do Parahyba, julgo-me tambem interprete dos sentimentos de todos os paulistas, sem distincção de cores politicas, na manifestação de profunda magua que causou o inesperado fallecimento do preclaro cidadão, cujas acrysoladas virtudes, encendrado patriotismo e assignalados serviços á causa publica não poderão jamais ser esquecidos.

A nossa presença nesta funebre cerimonia é um tributo de respeito e de gratidão á honrada memoria de um dos nossos mais eminentes vultos da sociedade contemporanea ; ella não significa sómente o carpir saudoso da perda de um amigo sincero e leal, devotado e extremoso, como soube sempre sel-o o benemerito morto, o que seria o cumprimento de um dever profundamente humano e religioso, porém tambem relativo e particular ; ella significa mais, demonstra o pranto e o lucto de uma Provincia inteira, que vê o sopro pestilento e frio da morte roubar-lhe um dos seus mais dilectos filhos, sellando com a immobilidade aquelle cerebro e aquelle coração, sempre devotados á causa sacrosanta do Justo, e em que ella fundava ainda tantas esperanças.

Character de fina tempera, espirito de apurada lucidez, coração bondoso e magnanimo, alma patriotica e modesta, o Conde do Parnahyba, filiado-se ao glorioso partido conservador, cujas sublimes theorias captivaram-lhe a intelligencia, e julgando que da victoria desse partido e consequente governo da nação pelo mesmo dependia o progresso e o adeantamento da estremecida patria, desde os primeiros passos na vida publica, dedicou-se á causa dessa parcialidade politica, empenhando-se nas mais renhidas e incruentas luctas, onde foi sempre conquistando os differentes postos até chegar a occupar o proeminente lugar que desempenhava, quando foi colhido pelo cruel destino, que o arrancou dos braços de seus amigos e atirou á tetrica escuridão do sepulchro.

Nas ingentes pelepas da politica como nos combates grandiosos contra o obscurantismo e a inercia, os seus triumphos foram sempre contados pelo numero das justas em que se empenhára.

Não o cegavam porém os louros da victoria ; modesto—jámais quiz para si os cargos brilhantes da Representação Nacional, fazendo-se substituir por amigos de não menor merecimento e reservando-se sómente a gloria de ter propugnado pelo engrandecimento do partido que abraçara ; magnanimo—jámais maculou seus triumphos com uma acção menos decorosa, o adversario contra quem denodadamente debatia-se, vencido, convertia-se em objecto de respeito ; uma unica vez, siquer, não fez da politica o instrumento de paixões pessoases.

Sempre que a causa do progresso e do engrandecimento de sua querida Provincia demandava serviços, ou mesmo sacrificios, o Conde do Parnahyba não olhava a consideração de especie alguma, e, primeiro, empenhava-se na lucta, trocando o bem estar e commodidades a que lhe dava direito a sua avultada fortuna, pelos trabalhos e fadigas precisas para a realisação dessa aspiração. Além dos innumeros serviços como particular e a despeito mesmo de sua grande modestia, que o afastava constantemente dos cargos publicos, quando o ministerio 20 de Agosto poz em prova seu patriotismo, pedindo seu auxilio para administrar esta provincia, na quadra difficil que então atravessava o paiz, elle, com a abnegação de si proprio, de que constantemente havia dado provas, aceitou a commissão, certo dos enormes dissabores e provações por que tinha de passar, e, representante do poder publico, procurou concorrer para a pacifica solução do temeroso problema da transformação do trabalho, desenvolvendo grandemente a corrente da immigração, sem deixar fazer á risca cumprir-se e respeitar-se a lei, como lhe cumpria, apezar dos botes da calumnia e da diffamação.

Senhores ! Relembrar os innumeros feitos de tão illustre cidadão é tarefa penosa, por patentear a enormidade da divida contrahida pela Provincia, para cujo pagamento jamais haverá moeda.

Mesquinha gratidão é a nossa para com aquelle que, ao desaparecer do scenario da vida, deixou após si traços luminosos, que indeleveis ficarão gravados na nossa e na me-

moria dos posteros, que gozaremos dos beneficios por elle prodigamente espalhados, e com a qual pretendemos pagar tantos labores e tantos esforços empregados em prol desta provincia !

A humanidade é sempre assim !

Aguarda a occasião mais triste, o momento mais amargurado, para render homenagem ao verdadeiro merito !

E' quando ella vê prostrados por terra os grandes batalhadores do exercito do Bem e do Justo, que, sentindo-lhes a falta, faz inteira justiça aos seus feitos. Sirva isso, porém, para demonstrar que, embora tardiamente, o reconhecimento existe e existirá, sempre que se tratar de homens a quem devemos assignalados serviços. O nosso comparecimento neste recinto assim o attesta.

E, senhores, já que não nos é possivel arrancar-o á horrida mudez do tumulto, prestemos-lhe esta homenagem ao menos, e viva seu respeitavel nome no nosso coração, servindo-nos de emulação e exemplo nas horas das provações das adversidades e das luctas travadas pela Patria e pelo Bem.

Jahú, 14 de Maio de 1888.

XIV

NOTAS A LAPIS

(*Correio Paulistano*, de 24 de Maio)

Recebemos de Jundiahy o artigo, que abaixo publicamos, sobre o nosso eminente chefe e saudosissimo amigo, o Conde do Parnahyba.

O amigo e distincto collega que nol-o enviou, pede a sua inserção, como mais uma homenagem daquella boa e hospitaleira cidade, á memoria de seu mais illustre filho.

De boa mente satisfazemos o seu desejo.

A' memoria veneranda do Conde do Parnahybã consagramos verdadeiro culto: o culto do amigo sincero, leal e dedicado, que o acompanhou nos transes mais difficeis, nas crises mais perigosas de sua vida de politico militante e admi-

nistrador desta provincia, na cadeira de cuja presidencia esgotou até ás fezes o calix da amargura.

Amigo na vida e tambem na morte. O benemerito Paulista fez jús a tantas e tão intensas quão fervorosas sympathias.

A provincia de S. Paulo pagou o seu tributo de dor ao seu illustre filho.

Resta que os amigos saibam conservar no sacrario de sua alma a memoria daquelle que lhes foi tão dedicado e fiel.

O Conde do Parnahyba não morreu.

Paraphraseando uma expressão celebre do conselheiro Duarte de Azevedo, diremos:

—Deixou-nos um legado: a sua memoria, que irá voando como as brancas pennas do condor, que o vento das tempestades arranca do alto das serranias.

Não o desperteis de seu somno: si o quizerdes vêr, fazei como Haydéa, a Grega,—fechai os olhos, que vel-o-heis no coração.

ELYSIO LARA.

Tristeza inexprimivel pesa sobre esta cidade de Jundiahypelo infausto acontecimento do dia 6 de Maio.

Ainda resoam no templo do Senhor, os canticos funereos de seus ministros sagrados; a lapide do sepulchro ainda está humida pelas lagrimas de uma população; os amigos e admiradores daquelle que já não é mais deste mundo, curvam-se reverentes ante a solemne magestade de uma familia, ainda no auge da dôr!

O Conde do Parnahyba já não existe! Ah! exclama um notavel pensador, a vida seria uma cruel decepção, a morte um enigma sem nome, si a immortalidade não se assentasse sobre o tumulto da gloria e da virtude.

E o nome do Dr. Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnahyba, pertence á posteridade, cheio das saudades do presente e das bençãos do futuro. A historia inscreve em suas paginas de honra os seus feitos gloriosos, que são verdadeiros ensinamentos para as gerações novas: energico até o heroismo, com espirito dotado de maravilhosos instinctos

na direcção dos grandes empreendimentos, com a alma palpitante pelo engradecimento da patria, integro nas acções, dedicado na amisade, o esplendor de seu nome não é formado pelo brilho fugaz de um partido a que serviu, porque foi obreiro infatigavel na causa da justiça e da civilização.

A vida do Conde do Parnahyba é o ensino pratico de todas as virtudes publicas e privadas, pelo que devem-se conservar indeleveis na memoria de todos, os estadios mais importantes de sua preciosa existencia.

A cidade de Jundiahy se ufana de ser o berço deste distincto paulista, nascido aos 16 de Agosto de 1831.

Filho de uma estirpe nobre e preclara, foram seus paes o commendador Antonio de Queirós Telles e D. Anna Linduina de Moraes, que, cercados de veneração e respeito, finaram-se com o titulo de Barão e Baroneza de Jundiahy.

O Conde do Parnahyba é neto do guarda-mór Antonio de Queirós Telles e D. Anna Joaquina da Silva Prado, pelo lado paterno, e do sargento-mór Joaquim José de Moraes e D. Escolastica de Almeida Jordão, irman do brigadeiro Jordão, pelo lado materno.

Mostrando gosto pelas letras, após esmerada educação, matriculou-se em nossa Academia de Direito no anno de 1850, recebendo o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em Outubro de 1854, distinguindo-se por uma applicação e intelligencia não vulgares.

Durante o tempo que exerceu a advogacia em Ytú, fez desta profissão um sacerdocio augusto, pondo seu talento e illustração ao serviço da causa da justiça e do direito, conquistando já nesse tempo merecida reputação.

Levado pelos impulsos do coração, uniu-se pelos laços matrimoniaes com a exma. Sra. D. Rita Tybiriçá Piratininga, actual Condessa do Parnahyba, senhora distinctissima e de acrisoladas virtudes, formando o remanso sagrado onde retemperava as forças exhaustas pelas decepções e lutas sociaes.

Filiado ao partido conservador, bem depressa tornou-se um dos seus chefes proeminentes, salientando-se na Assem-

bléa Provincial, nos biennios de 1858 a 1861, pelo alevantado criterio e intelligencia esclarecida com que tratou as mais importantes questões.

Elle que podia occupar os mais altos cargos na politica do paiz, por justos titulos, teve o desinteresse de elevar por seu prestigio a muitos de seus amigos e correligionarios.

Escusou de entrar nas chapas de deputados geraes e senatoriaes, quando muitas vezes indicado pela opinião publica.

Na reorganisação do partido conservador foi o braço forte do Conselheiro Antonio Prado.

A União Conservadora, em grande circumscripção da provincia, triumphou, porque tinha por si o popular Dr. Queirós.

Afeito ás grandes lutas, tendo fé inconcussa na grandeza de sua provincia, dotado do genio emprehendedor de um Fernando de Lesseps, traçou com mão firme essa grande arteria de opulencia que se chama—Companhia Mogyana, —pela qual tanto esforçou-se e tanto elevou-se.

A Companhia Paulista, que congregava os interesses de todas as influencias, soube levantar difficuldades sobre difficuldades; mas o denodado lutador tinha habilidades admiraveis para superar as barreiras que se-lhe deparavam.

A grandeza da luta e a grandeza da empreza revelam o genio e character do Conde do Parnahyba.

Este illustre Paulista tambem impulsionou a agricultura da provincia, tirando-a dos acanhados moldes da rotina.

Nomeado presidente da provincia de S. Paulo em 26 de Agosto de 1886, o seu objectivo foi a immigração em grande escala, para prevenir a desorganisação do trabalho com a extincção do elemento escravo.

O periodo de sua administração foi precisamente o mais difficil de que temos noticia, porque estava no mais incandescente do choque dos interesses do abolicionismo intransigente e revolucionario com os do escravismo legal; no emtanto houve-se com sabia prudencia, evitando por sua moderação lamentaveis desastres.

Apezar disto, sua administração foi fecunda em outros ramos do serviço publico.

O governo Imperial, em attenção aos seus relevantissimos serviços prestados ao paiz e á provincia, distinguio-o com a commenda de Christò em Agosto de 1875; a 31 de Dezembro de 1880 com o titulo de Barão do Parnahyba; a 7 de Maio de 1887 com o de Visconde com honras de grandeza; a 3 de Dezembro de 1887 com o de Conde do Parnahyba.

A todas estas distincções soube honrar pela nobreza de sua alma e altos dotes de espirito, forçando a admiracão e respeito de seus adversarios politicos, que viam nelle um cidadão dedicado á causa publica.

Quem poderá descrever com verdade as excelsas virtudes privadas de um pae, de um esposo, que não cogitava dos sacrificios e abnegações, e que deixa tão edificante exemplo da subida comprehensão do amor de familia?

O germen da terrivel enfermidade apanhou-o no Rio de Janeiro, em viagem de despedida a seu filho, que seguia para Europa.

Logo que espalhou-se pela cidade, na manhan de 6 do corrente, a noticia de seu passamento, a consternação e a dôr foram geraes.

A sua ultima vontade foi um tributo de amizade á terra que o viu nascer, pedindo que os seus despojos mortaes descansassem junto dos de seus venerandos paes.

Conhecida esta ultima prova de affecto de tão illustre conterraneo, a população de Jundiahy correu em massa á estação da estrada de ferro, com grande demonstração de luto, para receber o cadaver daquelle que ha bem pouco era recebido em triumpho, com grandes acclamações de jubilo.

A's 4 horas da tarde o comboio funebre, sem o estridulo silvo das alegrias do progresso, chegou junto á gare. Ahi se achavam as autoridades civis e ecclesiasticas, a corporação da camara municipal e um contingente da força publica, que fez as honras militares.

Da estação á cidade foi o feretro carregado a mão, guardando o lugubre cortejo o mais religioso silencio.

Depositado o cadaver em capella ardente, no palacete de seu digno irmão sr. Francisco A. de Queirós Telles, rece-

beu de seus conterraneos as ultimas e sentidas homenagens, que pressurosos corriam a contemplar os restos daquelle que tanto glorificou o torrão natal.

Das visinhas cidades de Campinas, Ytú, S. Paulo e outras, concorreu grande numero de amigos do finado para assistir ao enterro, que realisou-e no dia 7, ás 10 horas da manhan.

A' hora aprazada sahiu o prestito da casa mortuaria. Seguraram nas argolas do caixão: o juiz de direito da comarca, os drs. secretario do governo, amigo devotadissimo do finado, Ramos de Azevedo, Alfredo Maia, presidente da camara e mais membros desta corporação, sendo acompanhado pelo clero da parochia, representantes de diversas localidades, da imprensa de Campinas, Ytú, S. Paulo e Rio de Janeiro, dos Directorios do partido conservador de Ytú e Campinas, Companhia Mogyana e Paulista e de mais de mil jundiahyanos.

O caixão estava coberto por cerca de trinta corôas de saudades offerecidas por parentes, amigos, corporações politicas, administrativas, industriaes e imprensa de varias localidades.

Espectaculo commovente deu-se no cemiterio, após a eloquentissima oração funebre recitada pelo Dr. João Gabriel: na occasião de dar sepultura ao illustre morto, os seus dignos irmãos, abatidos pela dôr, derramando copioso pranto, tomaram o caixão para conduzir da capella para junto do tumulo, como o adeus supremo áquelle que estremecia pelos seus e sabia ligar por immensa amisade essa solidariedade, que constitue a grandeza das familias.

Os ultimos instantes do Conde do Parnahyba foram dedicados aos cuidados da familia, e votados á prosperidade de S. Paulo: Ah! dizia elle, quanto desejo vêr a pujança e engradecimento de minha provincia nestes dez annos!

Morreu como um justo, cheio de evangelica resignação. Esposa, filhos, parentes e amigos rodeavam o seu leito com o desespero d'alma, com as faces tristissimas, banhadas por amargo pranto e elle disse-lhes, quasi da porta da eternidade: Só o moribundo não pôde chorar.

.

Convém que os bons cidadãos imitem o exemplo deste Paulista de antiga tempera, pois será a mais digna homenagem que podemos render á sua memoria.

Descanse o bemaventurado na paz do Senhor!

Jundiahy, 20 de Maio de 1888.

●**

XIV

(Gazeta de Noticias da Côrte)

SÃO PAULO, 6, 11 h. da m.—Acaba de fallecer, em Campinas o Snr. Conde do Parnahyba.

SÃO PAULO, 6, 12 h. da m.—Um telegramma de Campinas refere que falleceu hoje, às 8 1/2 da manhan, de febre amarella, o Snr. Conde do Parnahyba.

(Gazeta de Noticias.)

Esta noticia telegraphica, que affixámos hontem em boletim, deve ter emocionado profundamente a provincia de S. Paulo, onde gozava o finado a mais decidida estima e onde se rendia o mais sincero preito ao devotado amor, que elle consagrava á terra onde nasceu e a que servia com inexcedivel dedicaçào.

Membro de uma das mais antigas e numerosas familias d'aquella provincia, o Conde do Parnahyba, filho do Barão de Jundiahy, tinha na sua ascendencia grande numero de nomes ligados á fundaçào de diversas localidades; elle soube manter a tradiçào de honestidade, de trabalho, de caridade e de religiào, que sempre envolveu o nome dos Queirós Telles, venerado como o representante do antigo typo cavalheiroso dos paulistas.

O Conde do Parnahyba recebeu o grau de bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Lavrador, como seus pais, nunca fez carreira de advocacia, cedo entrando para a

vida politica e continuando sempre com a profissão de grande proprietario agricola. A sua grande affabilidade e a gentileza do trato, com que a todos distinguia, concorreram em grande parte para dar-lhe o grande prestigio, que conseguiu perante o eleitorado da provincia e de que nunca procurou tirar proveito pessoal para elevar-se ás posições eminentes a que poderia ter attingido, porque sempre subordinou ás conveniencias partidarias qualquer ambição particular e sabia acatar com a mais profunda lealdade o merito dos seus correligionarios e as condições em que eram propostas as respectivas candidaturas. Assim é que não foi eleito deputado geral, prestando os serviços que pôde na assembléa provincial e em camaras municipaes.

Quando se deram os factos que motivaram a criação da *União Conservadora*, o Conde do Parnahyba prestou completa adhesão á arregimentação partidaria dirigida pelo Snr. Antonio Prado e foi eleito, com S. Exc., director do partido. (1) Nomeado, com a situação conservadora, vice-presidente da provincia, teve occasião de exercer o cargo de presidente, primeiramente em interinidade e em seguida por nomeação effectiva do governo imperial.

Delegado do gabinete Cotegipe na provincia, o Conde do Parnahyba soffreu fortes ataques na questão do elemento servil. Foi durante a administração de S. Ex. que se deram as lutas de Santo Amaro, os levantes em diversos municipios, a caça da serra de Santos. Não é occasião de delimitar responsabilidades relativamente ao emprego indebito da força publica nessas occurrencias, nem se pôde esquecer

(1) E' um equivoco. S. Exc. nunca fez parte do Conselho Director da *União Conservadora*, e até ahi levou o seu desprendimento pelas grandezas do mando.

Compunham o Conselho Director os Exms. Snrs. Conselheiros Antonio Prado, Duarte de Azevedo, Rodrigo Silva, Dutra Rodrigues, Coronel Antonio Proost Rodovalho e, mais tarde, o Snr. Barão do Jaguára.

Destes já não vivem os Conselheiros Rodrigo Augusto da Silva e Francisco Antonio Dutra Rodrigues.

A *União Conservadora* pelo organo de seu presidente, Conselheiro Antonio Prado, deu-se por dissolvida na reunião da noite de 18 de Novembro de 1889, no theatro S. José, desta capital, tres dias após a proclamação da Republica.

Não quiz assumir a responsabilidade da orientação de suas antigas milicias, justamente quando a causa publica necessitava mais do concurso de todas as boas vontades.

Felizmente não foi o partido conservador que ficou sepultado no theatro S. José.

que S. Ex., pela investidura do cargo, teve a sancção moral dessas façanhas infelizes, nem ha duvida que o Sr. Conde do Parnahyba foi um resistente; mas justo é recordar que os proprios adversarios politicos de S. Ex. reconheciam e reconhecem que tanto como inspiração pessoal houve nessas emergencias—que se succederam com extraordinaria rapidez—a força da posição em que se achava, deterninando uma certa unidade de vistas com o poder central, e outras circumstancias que actuavam concumitaneamente. Fosse entretanto, exclusivamente inspiração propria, e ella poderia reclamar attenuantes primeiro em actos particulares, segundo no completo desprendimento com que S. Ex., acompanhou o movimento iniciado pelo Sr. Antonio Prado, de sorte que era hoje perfeitamente um auxiliar importante do senador paulista (1).

O traço caracteristico, porém, da personalidade do Sr. Conde do Parnahyba, e que lhe captou as sympathias geraes, era a sua grande dedicação pelos melhoramentos materiaes da provincia. N'este particular teve S. Ex. ensejo de prestar-lhe relevantissimos serviços na directoria e presidencia da Companhia Mogyana. A' historia d'esta empresa, hoje poderosissima, está intimamente ligado o seu nome; todos reconhecem que em proporção consideravel ella lhe deve a sua pujança, o seu desenvolvimento e as condições de enorme expansão em que se acha hoje collocada.

A' Exm. familia do finado e á provincia de S. Paulo apresentamos os nossos pezames.

(*Edictorial de 7 de Maio*)

Os artigos todos da imprensa fluminense abundam nas mesmas considerações, tendentes á glorificação do Conde do Parnahyba.

Não me é possivel transcrevel-os, nem os desta capital; limito-me ao artigo d'*A Provincia*, organ republicano e, por isso mesmo, insuspeito.

(1)—Taes apreciações não correspondem á realidade dos factos. O Conde do Parnahyba, na repressão das desordens, portou-se com maxima prudencia, como aliás reconheciam os seus proprios adversarios e, implicitamente, a famosa representação dos fazendeiros de Campinas, que o accusára de... frouxidão.

XV

COMPANHIA MOGYANA

No Relatório da Directoria da Companhia Mogyana para a Assembléa Geral de 7 de Outubro de 1888, lê-se o seguinte, a pag. 5 e 6:

« A Directoria cumpre o doloroso dever de lembrar-vos que a Companhia Mogyana, com o fallecimento do Exm. Sr. Conde do Parnahyba, experimentou a perda que mais sensível lhe poderia ser.

Julgando interpretar com fidelidade os sentimentos geraes dos Senhores Accionistas, esta Directoria, por occasião do fallecimento daquelle notavel paulista, prestou-lhe as honras que lhe cabiam. Tendo sido, como vós todos sabeis, o illustre e venerando finado o fundador e maior sustentaculo desta Companhia, e, como justa e merecida homenagem aos notaveis serviços do antigo Presidente desta Directoria, propomos que a Assembléa mande collocar na sala de honra da Companhia o busto em marmore do seu venerando fundador.

Esta Directoria dispensa-se de justificar esta proposta, por estar convencida que todos vós tendes pleno conhecimento da relevancia e importancia dos serviços prestados á empresa pelo pranteada cidadão, a quem são devidas todas as honras e homenagens por parte dos accionistas da Companhia. »

XVI

O BARÃO DE JUNDIAHY

Antonio de Queirós Telles, (2.º do mesmo nome). — Nasceu na então villa, hoje cidade de Jundiahy, a 1.º de Fevereiro de 1789, filho legitimo do guardamór Antonio de Queirós Telles e de Dona Anna Joaquina da Silva Prado, importantes e abastados lavradores d'aquelle municipio.

Como seus pais, dedicou-se Antonio de Queirós Telles ao mister da lavoura, porém seu espirito intelligente e patriotico unido a uma organização robusta não podia limitar-se ao só mister de lavrador; além de que, o seu extremado amor pelo torrão que o vira nascer, impellia-o, obrigava-o a empenhar todas as forças de que podia dispôr em beneficio da sua localidade.

Assim foi que na milicia auxiliar, isto é, nos corpos de segunda linha, percorreu todos os postos até o de Major, e na guarda nacional chegou até o de Coronel Commandante da legião formada com as forças de Jundiahy, Atibaia e Bragança.

Os meritos de Antonio de Queirós Telles foram geralmente reconhecidos; ao passo que o suffragio popular deu-lhe sempre o primeiro logar nas eleições para Juizes de Paz, vereador, eleitor e membro da Assembléa Provincial, o Governo por sua parte o distinguiu com logares de confiança, taes como o de Juiz Municipal e de Orphãos, delegado de policia, successivamente cavalleiro, official e commendador da Imperial Ordem da Rosa, e ultimamente galardoou seus serviços com o titulo de Barão de Jundiahy.

Como lavrador importante, e reconhecendo que as boas estradas são a arteria principal que vivificam este ramo importante da industria, fonte quasi exclusiva do progresso do Brazil, Antonio de Queirós Telles foi sempre incansavel em propugnar quer na Assembléa, quer perante o Governo, pela factura de uma estrada bôa entre Jundiahy e Santos; e durante quasi toda a sua vida foi encarregado pelo Governo Provincial de inspeccionar e fiscalisar a parte da estrada entre São Paulo e Campinas, merecendo a confiança de todos os partidos.

Na Assembléa Provincial occupou sempre logar distincto, sendo sempre escolhido para as commissões mais importantes, e em toda uma legislatura presidiu as sessões com intelligencia e dedicação.

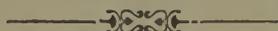
Queirós Telles não possuia estudos superiores, não havia cursado as academias, mas a sua intelligencia e amor ao bem publico davam á sua palavra uma autoridade respeitavel, de modo que varias vezes tomava parte nas discussões da Assembléa provincial, onde sua voz foi sempre ouvida com attenção e respeito. Em mil oitocentos quarenta e seis, quando Sua Magestade o Imperador visitou a então villa de Jundiahy, Antonio de Queirós Telles teve a honrà de hospedar a Sua Magestade em sua casa, e fel-o com a franqueza e magnificencia que todos esperavam de seu animo essencialmente cavalheiroso. Falleceu na cidade de Campinas a 11 de Outubro de 1870 e do seu casamento com Dona Anna Liduina de Moraes, filha do sargento-mór Joaquim José de Moraes e de Dona Escholastica Jacintha Rodrigues Jordão, deixou os seguintes filhos. (1)

(M. E. DE AZEVEDO MARQUES, *Apontamentos historicos*, tomo I, pags. 30—31).



(1) Vid. pag. 2.

TERCEIRA PARTE



I

A VIA FERREA MOGYANA NA FRANCA

(5 de Abril de 1887)

A data de hoje assignala mais uma conquista da Provincia de S. Paulo na senda do progresso e da civilisação.

—Abre-se hoje ao trafego mais um trecho da linha ferrea Mogyana, entre a cidade de Batataes e a cidade da Franca do Imperador.

A' patriotica e laboriosa população francana rasgam-se novos e mais largos horizontes.

E a transformação industrial e agricola por que, necessaria e fatalmente, tem de passar aquelle importantissimo municipio, é o prodromo do futuro esplendido a que está fadada aquella remota região.

A Franca do Imperador é um dos nucleos mais notaveis da Provincia de S. Paulo. E occupa lugar proeminente na historia da patria paulista.

Collocada nas divisas da provincia, qual sentinella avancada na barranca do Rio Grande, a França é um dos nossos municipios mais prosperos, adiantados e autonomos.

Possúe o primeiro—e unico—*Forum* da Provincia; um club da lavoura, commercio e colonisação, destinado a

suavisar e facilitar a transição do trabalho servil para o trabalho livre; uma bem montada bibliotheca publica; imprensa local e duas typographias completas; varios collegios; um relógio solar, obra do illustrado mathematico frei Germano de Annecy, etc., etc., etc.

E' um dos emporios mais importantes do commercio dos sertões mineiro, goyano e cuyabano e o seu sólo encerra riquezas naturaes que, bem exploradas e aproveitadas, serão outras tantas fontes de desenvolvimento commercial, agricola, industrial e artistico.

A Franca recebe jubilosa a locomotiva da Mogyana, que vae levar novos elementos de adiantamento moral e material áquella remota comarca de nossa Provincia.

Bem o disse alguém :

« Arvorou-se a bandeira do progresso, e se-a desfraldou sobre as regiões que separam Casa Branca de Cuyabá. Hoje, não ha mais como enrolal-a; os povos já habituaram-se a vê-la ondular garbosa sobre as suas fronte. »

Juntamos os nossos aos sentimentos de congratulação e gaudio da briosa população da Franca do Imperador, no dia de hoje.

Fôra, porém, flagrante injustiça, esquecer o nome daquelle a quem deve São Paulo mais este magno commetimento civilizador.

Ao benemerito cidadão que, durante tanto tempo, foi a alma da Companhia Mogyana, é que a Franca é devedora do facto auspicioso hoje realizado

Si a Mogyana conseguiu levar os seus trilhos áquella cidade e os vai amanha prolongar até o Jaguára, deve-se ao Dr. Antonio de Queirós Telles, Barão do Parnahyba e digno administrador desta Provincia.

O nome de S. Exc. está ligado intima e indissoluvelmente ao passado glorioso da Companhia Mogyana; e S. Exc., como Presidente da Provincia, tem confirmado os fóros de que gozára o Presidente da Companhia Mogyana.

« O seu character superior, escreve um distincto liberal, adversario politico de S. Exc., o seu character superior tem

a rudeza da velha tempera de seus antepassados e essa aspereza formada pelo trabalho.

« O seu nome é o symbolo da honra; coração generoso, alma ardente, patriotismo, dedicação, amor ao trabalho; paixão nobre pelo bem e pela gloria, eis o Barão do Parnahyba, que deve levar a locomotiva Mogyana ás fronteiras de Matto Grosso! »

Dizia o Sr. Barão do Parnahyba em seu importantissimo relatorio, em 17 de Janeiro do corrente anno:

« Continuam com actividade os trabalhos do prolongamento ao Rio Grande, em direcção ao porto do Jaguára, perto da freguezia de Santo Antonio da Rifaina.

Os trilhos transpuzeram, em Dezembro, a ponte do rio Sapucahy, linha divisoria dos territorios de Batataes e da Franca, e brevemente será aberta ao trafego a estação da Franca do Imperador, que dista desta capital 336,6 kilometros.

Chegada ao Jaguára, a estrada irá se internando pelo Triangulo Mineiro, em demanda da barranca do Paranahyba.

Podemos, portanto, prever o tempo não mui longe, em que o sibilo da locomotiva da Mogyana acordará os echos dos remotos sertões de Goyaz, levando o progresso e a abundancia áquellas paragens, que foram theatro dos feitos homericos dos povoadores da antiga Capitania de S. Vicente.

A' Provincia de S. Paulo está reservada a execução desse projecto gigantesco, que significará mais uma vez de modo o mais eloquente o espirito de patriotismo e emprehendimento dos Paulistas—esses bandeirantes da civilisação. »

Está se realisando a asserção do illustre Paulista.—A locomotiva vae caminhando.

Hoje,—á bella cidade da Franca.—Amanhan,—ao Jaguára. E ao Sacramento, depois á Uberaba, a opulenta Campinas do 15.º districto de Minas.

Da *Princeza do Sertão*, a locomotiva da Mogyana seguirá, impavida, rumo de Goyaz, levando áquella rica e

desprotegida provincia, de par com os beneficios da paz e do progresso, a gloria do nome Paulista, desses heroicos « bandeirantes da civilisação. »

« Ella será a aurora esplendida dessa civilisação, fecundando as uberrimas e incommensuraveis regiões do Araguaya e Amazonas, do S. Lourenço e Prata, dourando com os seus raios os altos cumes das elevadas montanhas que nos cercam no valle do rio Vermelho, em cujas veias tributarias, dizem as lendas, ha cascatas de ouro e catadupas de diamantes. »

.....

Parabens, pois, á cidade da Franca do Imperador.

Parabens á Companhia Mogyana, ao Exm. Sr. Barão do Parnahyba e á Provincia de S. Paulo!

ISKANDER.

II

IMMIGRAÇÃO PROVINCIAL

Pudemos reunir alguns dados estatisticos, embora deficientes sob mais de um aspecto; mas, pelo menos lisongeiros quanto á importância numerica, da ultima phase do movimento immigratorio na Provincia de S. Paulo.

Abrangem esses dados um periodo de cinco annos e seis mezes, periodo que dividimos em tres epochas: de 1.º de Janeiro de 1882 a 25 de Abril de 1886, dacta em que o honrado Sr. Visconde do Parnahyba assumiu a administração da Provincia; de 26 de Abril de 1886 a 25 de Junho de 1887 e de 1.º de Janeiro a 25 de Junho do anno corrente.

No quadro que organisamos, adiante publicado, descrimnamos, nos dois primeiros periodos, a nacionalidade, sexo e idade dos immigrants que receberam auxilios dos cofres provinciaes, e, quanto ao terceiro, limitamo-nos a indicar o numero dos mesmos immigrants.

Eis o quadro alludido :

De 1.º de Janeiro de 1882 até 25 de Abril de 1886

NACIONALIDADE	Homens	Mulheres	Menores de 12 annos	TOTAL
Norte-americanos .	—	—	—	—
Russos	3	2	1	6
Suecos	5	—	—	5
Italianos	7.200	2.140	2.267	11.607
Belgas	2	—	—	2
Portuguezes	3.774	1.231	1.465	6.470
Hespanhoes	499	105	150	754
Austriacos	583	428	522	1.533
Allemaes	245	104	130	479
Francezes	42	7	7	56
Suissos	21	13	12	46
Inglezes	4	1	6	11
Dinamarquezes	2	—	—	2
Turcos	11	3	1	15
Hollandezes	4	4	6	14
Total	12.395	4.038	4.567	21.000

De 26 de Abril de 1886 a 25 de Junho de 1887

NACIONALIDADE	Homens	Mulheres	Menores de 12 annos	TOTAL
Russos	5	1	4	10
Norte-americanos .	10	4	2	16
Suecos	244	56	73	373
Italianos	8.168	4.141	4.686	16.995
Belgas	149	88	111	348
Portuguezes	1.705	998	1.118	3.821
Hespanhoes	153	22	17	192
Austriacos	50	4	21	75
Allemaes	145	40	68	253
Francezes	45	23	11	79
Suissos	36	8	11	55
Inglezes	4	3	2	9
Dinamarquezes	659	262	168	1.089
Total	11.373	5.650	6.292	23.315

RESUMO:

De 1.º de Janeiro de 1882 a 25 de Abril de 1886.....	21.000
De 26 de Abril a 31 de Dezembro de 1886.....	7.570	
De 1.º de Janeiro a 25 de Junho de 1887.....	15.745	23.315
	<u>44.315</u>

Antes de fazermos quaesquer considerações sobre o alcance dos dados supra, cumpre-nos dizer as quantias despendidas com o serviço de immigração provincial desde o exercicio de 1881—1882 até ao de 1886—1887.

Por creditos especiaes as despezas distribuem-se, nos referidos exercicios, do seguinte modo :

1881—1882. Creditos especiaes de 31 de Dezembro de 1881 e 5 de Agosto de 1882, em virtude da lei n. 36 de 26 de Fevereiro e n. 123 de 16 de Julho de 1881 e art. 60 da lei n. 86 A. de 25 de Junho de 1881..	55:748\$629
1882 — 1883. Creditos especiaes de 5 de Agosto de 1882 e de 5 de Outubro do mesmo anno, em virtude da lei n 36 de 21 de Fevereiro do dito anno, n. 123 de 16 de Julho de 1881 e n. 52 de 4 de Maio de 1882	67:600\$123
1884—1885. Lei n. 59 de 25 de Abril de 1884, art. 1.º § 19 e credito especial de 19 de Setembro de 1884	13:157\$830
1885—1886. Lei n. 94 de 20 de Abril de 1885, art. 1.º § 20 e creditos especiaes de 21 de Setembro de 1885 e 18 de Maio de 1886	24:849\$000
1886—1887. Lei n. 124 de 1886, art. 1.º § 20, e créditos especiaes de 13 de Julho, 31 de Agosto, 2 de Outubro, 11 de Outubro, 9 de Novembro, 6 de Dezembro de 1885 e 14 de Janeiro de 1887	89:049\$313

Por verbas orçamentarias as despesas distribuem-se nos referidos exercicios, do seguintê modo :

1883—1884	110:281\$096
1884—1885	372:842\$120
1885—1886	332:529\$488
1886—1887	372:096\$980

Segue-se que a despesa total, nos mesmos exercicios, foi :

1881—1882	55:748\$629
1882—1883	67:600\$123
1883—1884	110:281\$906
1884—1885	385:999\$950
1885—1886	356:378\$489
1886—1887	461:492\$778

O que dá a somma de 250:404\$895 por creditos especiaes e 1,188:096\$980 por verbas orçamentarias, ou seja a somma total de 1,438:501\$875 em seis exercicios.

A importancia referente ao exercicio vigente terá de crescer com a que se fizer pelas estações arrecadadoras da provincia, nos 3.^o e 4.^o trimestres, nos termos das Instrucções de 10 de Agosto de 1886, bem como no que é referente á despesa de transporte nas diversas estradas de ferro, cujas contas são liquidadas no fim do exercicio.

Diremos mais que a despesa do exercicio de 1886—1887, acima consignada, foi a realisada e escripturada pelo thesouro até 31 de Março ultimo.

N'essa somma estão comprehendidas, além das despesas ordinarias feitas com o pessoal, auxilio, alimento, transporte, curativo, illuminação, roupas de cama, reparos na antiga hospedaria, expediente, etc., as despesas extraordinarias com a compra das fazendas das Cannas e Cascalho, demarcação e medição de lotes, nos terrenos offerecidos pelo Dr. João Bueno, demarcação e medição de lotes nas referidas fazendas e construcção de casas para colonos, compra de um terreno para a nova Hospedaria, construcção desta, adiantamentos á commissão de estatistica e á Sociedade Promotora de Immigração, gratificação ao Dr. Sá e Albuquerque por um trabalho sobre immigração e commissão para agenciar productos para a Exposição Sul-Americana em Berlim.

Dissemos, acima, que os nossos dados eram deficientes. Entretanto, querendo tirar-se delles qualquer deducção practica, só vemos motivos de satisfação na actual ordem de coisas.

Somos contrarios, em these, ao systema de immigração e colonisação *artificial*, que consiste em serem ambas conduzidas e emprehendidas officialmente, á custa do erario publico.

Na practica, porém, e dadas as utilissimas condições da organização do trabalho da provincia de S. Paulo, do genero das principaes culturas e inicio de outras industrias, pensamos que, até agora, o auxilio das leis provinciaes não deixou de concorrer para os resultados obtidos.

Por outro lado, o honrado Sr. Visconde do Parnahyba tem adoptado o melhor programma, na applicação dos favores concedidos pelo legislador provincial.

Essa politica tem consistido em ministrar todo o apoio, em fomentar, mediante todos os recursos legaes, a immigração expontanea ou de character puramente privado.

A quasi totalidade dos 23.315 immigrants introduzidos durante a notavel administração do honrado Sr. Visconde do Parnahyba constou de pessoas que deixaram expontaneamente o paiz de origem, sem haver celebrado contracto de qualidade alguma, sendo pelas proprias leis, negado auxilios a immigrants que hajam celebrado contractos previos de locação de serviços.

O Dr. Alberdi, no seu bello trabalho sobre as bases da Constituição Argentina, escreveu as linhas que se seguem:

« La inmigración expontánea es la verdadera y grande
« inmigración. Nuestros gobiernos deben provocarla, no
« *haciéndose, ellos, empresarios*, no por mezquinas conce-
« siones de terrenos habitables por osos, con contratos fa-
« laces y usurarios, más dañinos á la población que al po-
« blador; no por puñaditos de hombres, por arreglillos,
« propios PARA HACER EL NEGOCIO DE ALGUN ESPECULA-
« DOR INFLUYENTE... »

Essa politica immigrantista deu, na Republica Argentina, o seguinte resultado, mencionado na mensagem presidencial de 1885:

« *La inmigración en 1880 fué de treinta y dos mil individuos y en el último año se elevó á ciento ocho mil, pudiendo asegurarse que no bajará este año de cien mil.* »

O governo da provincia deixou de ser *empresario* de immigração. Os especuladores influentes não têm influencia perante os actos administrativos, e o actual presidente de S. Paulo póde ufanar-se do seguinte:

« A immigração na provincia de S. Paulo, que foi, em 1882, de 2.743 individuos, em 1883, de 4,912, em 1884, de 4.779, em 1885 de 1.966, elevou-se, desde que se iniciou a actual administração até o presente, a 23,315, sendo, só no periodo de 1º de Janeiro a 25 de Junho de 1887 de 15.745.»

Melhor titulo á benemerencia não poderia ser exhibido por nosso illustre comprovinciano.

(Este artigo do *Correio Paulistano*, de 28 de Junho de 1887, é da penna do mallogrado Dr. Caio Prado.)

III

IMMIGRAÇÃO E COLONISAÇÃO

Os seguintes trechos, colhidos em ambos os luminosos Relatorios do benemerito Presidente que tanto fez pela Provincia, mostram o seu plano de governo relativamente á immigração e colonisação.

S. exc. obedecia neste particular a um systema perfeitamente elaborado e completo.

Não ha ramo da administração Provincial que mais attenção, estudo e cuidado deva merecer desta Assembléa e do Governo do que este, sobre o qual repousa o bem estar presente e, principalmente, futuro da nossa Provincia. Descurado, e não envidando, de commum accordo, legisladores e administração todos os esforços, não poderá a Provincia resistir com hombridade á crise por que está passando a lavoura, e que se nos antolha em maiores e mais vastas proporções.

Felizmente para ella, por meio de leis adequadas, e desde muitos annos, a Assembléa Provincial tem promovido a introducção de immigrants, como um dos factores mais

importantes de nossa riqueza, e tem persistido neste louvavel intento, afim de attrahir a corrente da immigração européa, que virá transformar o trabalho e elevar a sua prosperidade.

Seu clima, a uberdade da suas terras e o genio empreendedor de seus habitantes, são elementos com que se deve contar para vencer os obices que ainda se encontram para a consecução deste nobre e importante *desideratum*. Graças ao patriotismo e á providencia das Assembléas Provinciaes, tem sido o Governo armado de meios para a introducção de colonos destinados a supprir a falta de braços dos grandes estabelecimentos, não descurando igualmente da introducção daquelles que quizessem dedicar-se á pequena cultura.

Ao par das leis concedendo diversos favores aos primeiros, foi decretada e executada a que determinou a criação de dous nucleos coloniaes, um ao Norte e outro ao Oeste da Provincia. Era uma experiencia e uma satisfação ao mesmo tempo áquelles que pensam depender da pequena propriedade a salvação do paiz.

O legislador Provincial, mui acertadamente, e com a practica, que é a sciencia da vida, aproveitou tão sómente do estrangeiro o pouco que poderia neste assumpto servir ao nosso paiz; deixou de um lado as utopias dos reformadores, e legislou de accordo com as nossas circumstancias.

Quem conhece a nossa vida economica, quem tem acompanhado a evolução da nossa lavoura, não póde deixar de reconhecer que á grande propriedade devemos os importantes melhoramentos, por que ella tem passado em a nossa Provincia.

Sem a grande propriedade, o seu territorio não se veria hoje cortado pela rede de Estradas de Ferro que possui e os seus rios não seriam navegados.

O pequeno proprietario, em regra geral, é baldo de recursos, e. ao mesmo tempo, pelos labores da vida, não tendo cultivado o seu espirito, não póde, ou não tem aptidão para emprehender grandes melhoramentos e reformas.

Com a applicação da sciencia á agricultura foi-se reconhecendo cada vez mais a necessidade da conservação da grande propriedade, porque os processos novos que vieram substituir o trabalho primitivo, dependem de grandes capi-

taes e direcção intelligente, que não pódem convir ás pequenas explorações.

Dos paizes da Europa em que a agricultura tem marchado em grande escala na senda dos melhoramentos sobresahem, por certo, a Inglaterra e Allemanha, onde, como se sabe, permanece o systema da grande propriedade.

Em nosso paiz, para imitar-se certos reformadores europeus, ha quem faça propaganda contra esta idéa. E sem attender ás nossas circumstancias, e sem conhecimento do nosso estado de cousas chega-se a affirmar que, achando-se as terras occupadas por grandes proprietarios, estas não se cultivam, não são vendidas, tornando-se assim impossivel a formação da pequena propriedade.

Nesta Provincia o facto não é real; outras são as causas por que não se desenvolve em maiores proporções a pequena propriedade. Terras boas não faltam á venda, por preço rasoavel, e especialmente aquellas que não são apropriadas á cultura do café. O exemplo mui frisante desta verdade se encontra nos nucleos provinciaes de Cannas e Cascalho. Elles estão medidos e demarcados em lotes de dez hectares, se compoem de terras excellentes: o primeiro para plantação de canna e nas immediações de um engenho central; o segundo para toda e qualquer cultura, situado no centro da grande lavoura da Provincia, e até o presente, apezar de todos os exforços, sendo o preço de cada lote de 300\$000 a dinheiro, ou 400\$000, a prazo de quatro annos, com o pagamento em quatro prestações, estão tomados poucos, como vereis neste mesmo relatorio.

A razão é clara e muito conhecida. O europeu que tem dinheiro não emigra para o nosso paiz: elle encontra, no seu, outros gosos e bem estar, e, podendo viver em sua patria, não vem aventurar seus capitaes na industria agricola, sempre difficil e de resultado duvidoso. Vem para o nosso paiz o trabalhador, aquelle que deixa sua patria, porque lá não póde obter nem o necessario para o sustento seu e de sua familia; vem, pois, gosar aqui de outras commodidades, e sobretudo da abundancia, caracteristico dos paizes novos.

Não devemos, pois, alterar o systema até agora seguido; elle é o melhor e o mais commodo para o immigrante. Chegado á nossa Provincia sem dividas, porque a passa-

gem é paga pelo Governo, encontra nas fazendas casa para si e sua familia, alimentação, visto como recebe os generos necessarios, cujo preço indemnisa posteriormente, até o tempo em que elle proprio faz as suas colheitas, tendo mais quem delle cuide em suas enfermidades, e, finalmente, quem o conduza e guie em sua aprendizagem. Entra immediatamente em trabalho, que lhe é pago, e com a faculdade e inteira liberdade de acção, e nem mesmo, em regra geral, estando na dependencia de qualquer contracto escripto. Dentro do primeiro anno, feita a aprendizagem, acclimatado, e conhecendo o modo de trabalhar, a propriedade das terras e todas essas noções praticas, necessarias á lavoura, tem suas economias, que deposita a juro, ou nas caixas economicas e bancos, ou em mão dos proprietarios; e assim progressivamente vai-se tornando independente e pode, como tem acontecido em escala bem importante, tornar-se a seu turno proprietario.

Posso estar em erro; mas, observador dos factos e pertencendo á classe dos agricultores, penso que para o bem estar do colono, do trabalhador que chega sem recursos e sem pratica, este é o verdadeiro caminho.

Existem na nossa Provincia muitos colonos, que vieram onerados de dividas, os quaes entretanto, pagaram os seus debitos, tornaram-se proprietarios e se acham espalhados por todo o Oeste da mesma.

O methodo seguido geralmente é o pagamento pela capina e colheita dos cafesaes, tendo, além disto, o colono o terreno necessario para a plantação dos generos alimenticios, a faculdade da conservação de um ou dous animaes, conforme o numero de pessoas de cada familia, de criação de aves domesticas e outras regalias.

Este systema veiu substituir o de parceria, que não existe mais ha muitos annos em nossa Provincia, que tantos clamores levantou, e seja dito de passagem, era muito mais conveniente ao colono que ao proprietario.

Nosso intento, pois, deve ser a continuação dos esforços no sentido de attrahir a corrente immigratoria, afim de não perecer ou diminuir a agricultura, donde provém a riqueza publica e particular, promovendo ao mesmo tempo a povoação dos nucleos, continuando a propaganda, de modo que, com o augmento dos braços e crescimento da popu-

lação, possam desenvolver-se outras industrias, e consequentemente, outras fontes de rendas.

Não pertenço ao numero dos que se incommodam por existir em nossa Provincia um só genero de cultura: em regra geral ninguem vai explorar uma fonte de que lhe provenha receita menor, quando pode ter outra mais abundante. Em nossa Provincia, especialmente, sendo a cultura do café a que dá melhores resultados, nenhuma outra se lhe avantajando, seria um erro desprezal-a para cuidar de outra. Ensaia-se, porém, uma unica que pode talvez medrar—a da videira—ainda que tenha contra si a irregularidade de nossas estações. É, entretanto, a que tem dado e póde dar algum resultado.

A plantação do trigo soffre as consequencias dessa irregularidade, e assim não deve ser considerada no numero daquellas que possam se acclimatar perfeitamente entre nós. Todavia convirá continuar a ser ensaiada no Sul da Provincia.

Do expendido resulta que não devemos tambem esmorecer na tarefa de povoar e crear novos nucleos; isto, porém, deve ficar mais a cargo do Governo Geral, que póde fazer os adeantamentos necessarios aos colonos, durante o seu primeiro estabelecimento, promover a factura de estradas e outros melhoramentos nos nucleos, facilitando assim o trabalho aos immigrants recémchegados.

Estes, chamados por seus parentes já estabelecidos nos mesmos nucleos, serão por elles guiados e auxiliados nos primeiros tempos de aprendizagem.

Conhecedor desta materia, por experiencia propria e baseado em estudos especiaes, o honrado Paulista, a quem está confiada a importante pasta dos Negocios da Agricultura, não se esqueceu de prestar a mais seria attenção a este assumpto. Além de outras providencias tomadas acertadamente para algumas provincias, nesta restaurou o serviço de demarcação e designação dos lotes antigos e tem procurado, por todos os meios, dar o maior impulso á immigração.

Estas idéas tem-nas elle sustentado e com o maior brilhantismo em todas as posições que ha occupado em sua vida publica.

Pela minha parte, desde que assumi a administração da Provincia até o presente, tenho prestado a mais acurada

attnção á resolução de diversas medidas, que julguei imprescindiveis para o desenvolvimento e augmento da immigração na Provincia, como podeis vêr da seguinte expozição :

Para dar cumprimento á Lei Provincial n. 56 de 21 de Março de 1885, e de inteiro accôrdo com as idéas emitidas pelo meu illustrado antecessor em seu relatorio, resolvi fazer aquisição do terreno escolhido pelos Drs. Rafael Aguiar Paes de Barros e Nicoláu de Souza Queiroz, na freguezia do Braz, para nelle se edificar a nova hospedaria de immigrantes.

Não foi acceito nenhum dos planos apresentados em virtude da concurrencia ordenada pelo meu antecessor. E, querendo dotar a Provincia de um edificio apropriado ao grande fim a que se destina, traduzindo dest'arte o pensamento patriotico desta Assembléa ao decretar a referida Lei, mandei organisar novo plano, cujos detalhes constam minuciosamente do relatorio do Inspector Geral das Obras Publicas.

Após ter sido o terreno avaliado por dous proprietarios de reconhecida competencia, pude obter a compra por 17:000\$000, preço inferior á avaliação.

Mandei dar vigoroso impulso ás obras da construcção, porquanto não convém que por muito tempo continue a servir de hospedaria o actual edificio, que não reúne um só dos requisitos exigidos para um estabelecimento desta natureza.

O orçamento da obra completa, com todas as dependencias e mais os dous raios lateraes, attinge á somma de 270:000\$000.

Tendo, pela Lei citada, autorisação para despender a quantia de 100:000\$, e podendo ainda, pela venda do terreno comprado para esse fim na Luz, e a que se deverá dar outro destino, obter cerca de 40:000\$000, limitei as obras á quantia de 110:000\$000, a 120:000\$000, dentro das forças da autorisação legislativa.

Em virtude do art. 17 da lei de orçamento vigente, que deu novo destino ao terreno fronteiro á Penitenciaria, ficando o Governo autorizado a vendel-o, applicando o producto á construcção de um edificio para Escola Normal, lembrei-vos outra applicação, a construcção da nova Penitenciaria.

Reconhecendo esta Assembléa a urgente necessidade de algumas obras na actual hospedaria, autorizou a Presidencia a despendere até 30:000\$000 com as mesmas. Autorisação esta, de que não usei, por entender que não era conveniente gastar-se qualquer quantia, quando tinha de ser vendido o velho edificio por força da mesma lei. Essa quantia poderá, pois, supprir a falta resultante do destino diverso dado ao terreno da Luz.

O edificio já vai adiantado. Póde funcionar em optimas condições e receber maior numero de immigrants do que a hospedaria do Bom Retiro, mas entendo, apesar disso, que se não deve deixar incompleto e proseguir na inteira execução do plano. E' uma obra que interessa a toda a Provincia e que se prende á questão mais momentosa e que maior somma de cuidados deve merecer do legislador Provincial.

Durante o anno proximo findo deram entrada no alojamento Provincial 9.127 immigrants, e, desde que começou a funcionar até a mesma data 31.275. No relatorio do Dr. Inspector Geral de Immigração encontrareis todos os mapas e necessarios esclarecimentos.

Com este ramo de serviço tem a Provincia despendido, nos tres ultimos exercicios, a quantia de 801:346\$235, sendo em:

1883—84	110:284\$906
1884—85	358.534\$840
1885—86	332:529\$489

dando uma média de 267:115\$411.

Tendo sido nomeado interinamente Delegado das Terras e Colonisação nesta Provincia o Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches, entendi que seria da maxima conveniencia o exercicio simultaneo das funcções deste cargo e das do de Inspector Geral da Immigração, afim de facilitar e melhorar o serviço. Prestava-se aquelle distincto cidadão a desempenhar gratuitamente,—como de facto desempenha essas funcções. Nomeei-o para occupar o lugar, por acto de 9 de Agosto ultimo. E até o presente continúa a auxiliar-me com o mesmo zelo e desinteresse patriótico.

Em cumprimento da lei n. 92, de 5 de Maio de 1886, nomeei uma commissão composta dos Drs Francisco Antonio de Souza Queiroz, Joaquim José Vieira de Carvalho e Martinho da Silva Prado Junior para, de conformidade com a mesma lei, emittirem parecer sobre o trabalho apresentado pelo Dr. João de Sá e Albuquerque.

A commissão emittiu parecer favoravel; e, pois, mandei pagar a subvenção consignada. Resta que delibereis sobre a impressão da obra.

A' vista de repetidos abusos dados por occasião do pagamento do auxilio aos immigrants, muitos dos quaes recolhiam-se á hospedaria unicamente para fazer jus ao mesmo auxilio provincial, dirigindo-se immediatamente depois, para Santos, afim de se embarcarem para o Rio-Grande do Sul ou Rio da Prata, expedi, em 10 de Agosto, as Instrucções, que vos serão presentes e pelas quaes vereis que procurei acautelar, nos limites de minhas attribuições, a reproducção desses factos.

A Provincia já tem feito e continúa a fazer sacrificios, no tocante ao assumpto: sacrificios que serão largamente compensados. Não convem parar e muito menos retroceder, mormente agora que a inmigração tende a tornar-se uma realidade.

Julgo, porém, que é tempo de se auxiliar sómente áquelles que vierem se estabelecer nas fazendas, ou nos nucleos. Assim, além de se evitarem maiores dispendios, teremos a vantagem de obter um pessoal que fixe residencia, ao menos por alguns annos.

Deve-se marcar um prazo para se fazer effectivo o auxilio, podendo mesmo ser concedido áquelles que, dentro do referido prazo, comprarem terras e se estabelecerem, o que infelizmente será uma excepção.

Fôra tambem conveniente que só recebessem auxilios as familias, quando compostas de ascendentes e excluidos os demais, porque têm-se dado graves abusos, difficeis de serem evitados, apezar do muito cuidado e da vigilancia com que se tem procedido nesta parte.

Contratei (17 de Maio ultimo) com José Antunes dos Santos a introducção de quatro mil immigrants, dos quaes mil serão de preferencia Suecos, Dinamarquezs e Allemães.

Embora os immigrants Italianos, que são, por causas conhecidas, os que affluem em maior numero, tenham provado ser laboriosos e intelligentes, e concorrido asssim em grande escala para o engrandecimento de nossa Provincia, não devemos ir buscar só em uma fonte os braços de que precisam as nossas industrias e a nossa lavoura.

Por conta deste contrato têm sido introduzidos em 22 de Agosto findo 435 immigrants, em 26 de Outubro 408, a 10 de Novembro 620, e a 2 do corrente 314. Ao todo 1.777, dos quaes são procedentes das Ilhas Canarias 1.411, Suecos e Dinamarquezes 341, e de outras nacionalidades 25.

Como sabeis, creou-se nesta capital a Associação Promotora da Immigração, composta de cidadãos que se dedicam ao futuro e á prosperidade de nossa Provincia, sem o minimo interesse pessoal. A sua Directoria compõe-se dos Drs. Martinho da Silva Prado Junior, Nicoláu de Souza Queiroz e Rafael de Aguiar Paes de Barros. Com a Associação contractei em 3 de Julho de 1886, a introducção de 6.000 immigrants, numero este que cabe nos limires do orçamento.

Constituida como está, póde esta sociedade prestar á Provincia não pequenos serviços e auxiliar de modo lisongeiro a administração. Ella está, como o Governo, animada do mais vivo interesse em que só tenham entrada immigrants, que busquem a nossa Provincia á chamada dos parentes e amigos aqui residentes, que tem meios de fiscalisar a qualidade dos que devem vir.

Annunciada a constituição da sociedade, e que em seu escriptorio se recebiam listas dos immigrants que quizessem vir a esta Provincia a convite dos parentes, foi avultado o numero de pedidos. E já estaria chegada grande parte delles, si não tivessem sido fechados os nossos portos ás procedencias da Italia, em consequencia do cholera. Felizmente desapareceu este obstaculo, e agora devemos augurar um resultado feliz, graças á propaganda séria e honesta e á viagem á Europa do digno Presidente da Associação Promotora de Immigração, que visitará especialmente a Italia e a Allemanha.

Muito contribuirá para esse fim uma publicação que se fez ultimamente, intitulada—A PROVINCIA DE SÃO PAULO NO BRAZIL.

Tirada a 60.000 exemplares, foi traduzida em italiano e allemão. A sua impressão foi subsidiada pelo Ministro da Agricultura, e a sua distribuição tem sido profusa.

Não estou longe do pensamento de entregar a esta sociedade todo o serviço referente á immigração, desde que fique concluído o alojamento Provincial.

Quer-me parecer que produziria isto bom resultado. Não ha, aliás, inconveniente em ser ensaiado.

Usando da faculdade concedida pela Lei Provincial n. 28 de 29 de Março de 1885, o Cons. José Luiz de Almeida Couto, em 24 de Abril de 1885, fez aquisição da fazenda denominada Cascalho, sita no município do Rio Claro, pertencente ao Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, pela quantia de 60.000\$000, desistindo o proprietario da quantia de 10.000\$000, em beneficio da immigração e da creação do nucleo que devia ser estabelecido no Oeste da Provincia.

Durante a administração de meu antecessor, tomaram-se as necessarias providencias no sentido da demarcação dos lotes e da collocação dos immigrants: o que não pôde realisar-se, pelas causas já apontadas e principalmente porque os preços dos lotes constituíam um embaraço á realisação dessa idéa.

Logo que assumi a Presidencia, fui visitar o nucleo, afim de providenciar de modo a remover os obstaculos e conhecer mais de perto o seu estado.

Reconheci que era defeituosa a divisão dos lotes: deixava de attender a algumas condições essenciaes. E assim mandei fazer nova divisão e ratificar a dos já occupados, dividindo-os em ruraes e urbanos, sendo estes destinados á formação da nova povoação.

Reduzi o preço dos lotes sem casa, de 600\$000 a 400\$000; nomeei um administrador e empreguei os possiveis esforços para fazer vingar uma idéa de tanta utilidade quanta necessidade.

Com a vinda, ultimamente, de immigrants dinamarquezes e suecos, nutro a esperança de vêr povoado este nucleo, composto de 69 lotes ruraes, 52 suburbanos e 124 urbanos. Por ora estão occupados apenas 31 dos lotes ruraes.

O nucleo das Cannas, no municipio de Lorena, divide-se em 78 lotes ruraes e 120 urbanos, com casas promptas para nellas se estabelecerem os immigrants.

Não tenho poupado igualmente esforços para fazer prosperar este nucleo e tentei vêr si os colonos Madeirenses poderiam se dirigir para alli, onde com vantagens se dedicassem á cultura da canna. Por emquanto, estes passos não têm sido coroados de bom exito, e apenas estão habitados 9 lotes. Mas nutro, em relação a este nucleo, as mesmas esperanças que me fazem augurar auspicioso futuro ao do Cascalho.

Até 5 de Agosto ultimo exerceu gratuitamente o cargo de zelador o cidadão, Comm. Francisco de Paula Vicente d'Azevedo, que tem prestado bons serviços á administração, no louvavel e patriotico intuito de crear naquella localidade um elemento de prosperidade para a cidade de seu nascimento e para aquella região; e até agora ainda continúa a auxiliar-me com o mesmo zelo.

Na mesma data nomeei para o cargo de administrador deste nucleo colonial a João Henrique de Azevedo Almeida.

Como não havia Regulamento, falta esta mui sensivel na administração dos nucleos coloniaes, expedi por acto de 14 de Agosto as necessarias Instrucções para a boa marcha deste serviço.

Existem, além dos nucleos provinciaes, mais 3 nucleos geraes: de Santa Annà, S. Caetano e S. Bernardo, todos no municipio da Capital.

Commetteu-se o grande erro de se os emancipar antes de tempo.

Embora não patenteem grandes progressos, todavia não deixam de prestar alguma utilidade.

Compenetrado das grandes vantagens que tem a Provincia de auferir com o desenvolvimento dos nucleos coloniaes, nomeou o actual Ministro da Agricultura uma commissão de engenheiros, para medir e demarcar novos lotes, augmentando os existentes.

De accordo com o pensamento do illustre Paulista, emprehendi uma viagem ás cabeceiras do Juquiá, onde existe grande quantidade de terras devolutas, para me certificar

de visu da qualidade e valor dos terrenos e das vantagens da sua medição e divisão em lotes.

Convenci-me, porém, que a distancia do mercado, onde poderiam encontrar facil sahida para os productos da lavoura, o isolamento, a proximidade do sertão, e, mais do que tudo, a falta de aptidão do europeu recém-chegado para lutar com o trabalho nas mattas virgens, sem meios para o seu primeiro estabelecimento, eram obstaculos insuperaveis. Convinha que, para o presente, fossem aquelles terrenos demarcados para serem vendidos a nacionaes, que internando-se pelo sertão, iriam desbravando a terra, a exemplo do que se pratica nos Estados-Unidos, facilitando o posterior estabelecimento de colonos europeus. Só deste modo é que poderá ser povoado o sertão, que daquelle ponto se estende ao litoral.

Ficou, pois, a commissão incumbida de ratificar os lotes dos antigos nucleos, porque o processo respectivo de divisão e demarcação deixava muito a desejar, e mesmo haviam-se dado abusos dignos da mais severa censura.

Sendo o Governo Geral possuidor de uma parte importante de terras, no municipio do Ribeirão Preto, o Ministerio da Fazenda cedeu esse terreno ao da Agricultura, á requisição deste, para a formação de um nucleo.

Muito ha que esperar deste novo estabelecimento, que virá a ser mais um elemento de prosperidade e riqueza, attenta a sua posição topographica e as terras feracissimas que o compoem.

O relatorio do Engenheiro-Chefe da commissão, Joaquim Rodrigues Antunes Junior, ministra os esclarecimentos sobre esta parte do serviço de colonisação. E cumpre-me deixar aqui consignado o modo satisfactorio e a profsciencia com que o mesmo Engenheiro ha desempenhado a missão a seu cargo.

(Relatorio á Assembléa Provincial, pags. 120--127.)

No relatorio que apresentei á Assembléa Legislativa Provincial já expendi o meu modo de pensar, em relação a diversas questões que se prendem a este assumpto, do mais vital interesse para a nossa Provincia. E folgo de reconhecer que os factos corroboram a minha opinião sobre

esta materia. Fôra portanto, inutil reproduzir o que ali deixei consignado.

Iniciada a construcção da Hospedaria de Immigrantes, em Julho de 1886, tem esta obra proseguido com muita regularidade, de modo a permittir que em Junho do corrente anno podesse funcionar provisoriamente, recebendo a primeira turma de immigrants.

Resolvi tomar esta providencia para evitar o contagio da variola, que se manifestara na antiga Hospedaria do Bom Retiro.

Pelo relatorio da Directoria das Obras Publicas ficará V. Exc. conhecendo o estado das obras, a importancia despendida e mais esclarecimentos. Espero que em Maio de 1888 estará concluido o edificio, com accomodações sufficientes para 4.000 immigrants, e com um dispendio relativamente pequeno para os cofres da Provincia. Este estabelecimento ficará sendo o primeiro deste genero.

Em cumprimento do art. 51 da lei de Orçamento vigente foi annunciada a venda, por meio de propostas, da antiga Hospedaria do Bom Retiro.

Embora apparecessem concurrentes, eu demoraria a execução deste artigo do Orçamento, porquanto se me afigura de bom conselho ter um edificio separado, onde possam ser recolhidos os immigrants que porventura forem atacados de molestia epidemica ou contagiosa.

O quadro annexo demonstrará a V. Exc. qual o movimento de immigrants desde o mez de Janeiro de 1882 até o presente.

Este quadro contém dous mappas: o primeiro relativo ao periodo de 1.º de Janeiro de 1882 até Julho deste anno; o segundo, de Julho até a presente data.

Com a refôrma da escripturação na secretaria da Hospedaria, podem-se obter dados mais completos e minuciosos, discriminando-se os immigrants, além das nacionalidades, por familia, estado e idades.

Do referido quadro consta terem entrado no primeiro periodo 44.262 immigrants; e no segundo, 12.604: o que dá

uma totalidade de 56.866. Deste numero entraram 28.296 de 1.º de Janeiro deste anno até hoje. E, computando-se os que estão em viagem e aquelles que têm de embarcar em Dezembro, pode-se affirmar que esse numero no corrente anno exederá a 32.000.

Já é um resultado mui lisongeiro e satisfactorio, embora áquem das necessidades da Provincia.

Contractei com a Sociedade Promotora de Immigração a introducção de 30 mil immigrants, os quaes, segundo todas as previsões, devem estar na provincia até Fevereiro proximo futuro.

Era meu intento ampliar o contracto a mais 20 mil, de modo a não cortar a corrente immigratoria e a haver o supprimento de braços tão necessarios á lavoura.

E' uma providencia urgente e que não escapará ao esclarecido juizo de V. Exc.

A' conta do contracto com José Antunes dos Santos, foram introduzidos 4.174 immigrants, como consta do respectivo quadro que vai appenso. Este numero porém ficou reduzido a 4.134, porque não entram em conta quarenta, que se retiraram da Hospedaria para o Rio de Janeiro. Devendo o auxilio importar em 240:140\$000, ficou reduzido a 237:340\$000, tendo-se deduzido a quantia de 2:000\$000 importancia das passagens desses immigrants, e 800\$000 de multa imposta pela demora nos prazos.

O contracto de 3 de Julho de 1886, com a Sociedade Promotora, para a introducção de 6 mil immigrants, foi por ella cumprido, entrando 5.962, cujo auxilio foi de 350:292\$500.

Esta mesma associação obteve do Ministerio da Agricultura, cuja pasta então estava confiada ao Exm. Conselheiro Antonio da Silva Prado, autorisação para a introducção de 500 familias, para serem collocadas nos estabelecimentos agricolas, e de accôrdo com os favores concedidos pela Lei de 28 de Setembro de 1885.

A' conta deste contracto foram introduzidas 498 familias, compostas de 3.435 pessoas, sendo a despeza total de 188:943\$750.

Deixo de entrar em mais amplos detalhes, porque os encontrará V. Exc. nos mencionados quadros, e ainda mais

no relatorio que deverá ser apresentado pelo Inspector da Immigração. Vai annexo a este o relatorio que me foi apresentado pela Directoria da Sociedade Promotora.

E' um trabalho luminoso, digno de apreciação e estudo e que muito honra áquella Directoria.

Eu faltaria a um dever de gratidão e tambem de patriotismo si não agradecesse—em meu nome e no da Provincia que administrei—os relevantes serviços por ella prestados á nobre causa da Immigração.

Cumpre-me, porém, destacar o nome do Dr. Martinho da Silva Prado Junior, que tem sido de ha muito o propugnador mais ardente da immigração entre nós, e que possuindo estudos especiaes, fortalecidos por viagens á Europa, é o auxiliar mais poderoso e competente com que póde contar a administração neste particular.

Nutria eu o projecto de propôr ao Legislador Provincial algumas medidas que são de sua inteira competencia.

Pretendia insistir pela providencia, lembrada em meu relatorio, de ser concedido o auxilio sómente aos immigrants que se destinassem á lavoura, quer nas fazendas quer nos nucleos.

A immigração de homens habituados aos trabalhos do campo e chamados por seus parentes já estabelecidos na Provincia, sempre me pareceu a unica conveniente. Pagar-se indistintamente, e, não raro, sem criterio, a todos aquelles que vêm procurar fortuna, sem o objectivo do trabalho rural, é, além de introduzir elementos cosmopolitas e perigosos de desordem no seio da nossa sociedade, fazer despesas avultadas e inuteis com individuos que, muitas vezes, vêm apenas fazer jús ao auxilio do Thesouro, e sem intenção de estabilidade sahem para outras Provincias ou para as Republicas do Rio da Prata.

No novo regulamento, expedido em 30 de Agosto, procurei acautelar os interesses provinciaes, espaçando a sessenta dias o praso para o recebimento do auxilio.

Subindo a um numero muito elevado o pedido de passagens por parte de familias, chamadas por seus parentes, como V. Exc. ha de verificar pelo relatorio da Sociedade Promotora, conviria que só fosse concedido auxilio aos que viessem por intermedio da mesma Sociedade. Já o disse

uma vez e folgo repetil-o aqui:—sendo tal Sociedade composta de cidadãos importantes, que têm por unico objectivo a prosperidade e o futuro de nossa Provincia, sem auferir o menor interesse, deve ella merecer ampla e illimitada confiança.

Entendo que, logo que ficar concluido o edificio da Hospedaria de Immigrantes, se lhe deve entregar todo o serviço, havendo sim um fiscal por parte do Governo. Será o unico meio de fazer com que este importante ramo do serviço publico seja desempenhado com a necessaria homogeneidade e debaixo do mesmo ponto de vista.

Teria igualmente de propôr á Assembléa Provincial autorisasse o governo a levantar um emprestimo até 5 ou 6 mil contos, com applicação exclusiva á introducção de immigrants. (1)

E' necessario tomar medidas desta ordem e importancia sem vacillar, para não comprometter o futuro da Provincia e estancar a fonte de sua receita.

Os onus, por mais pesados, que a Provincia contrahir para esse fim, serão largamente compensados em futuro não remoto, pelo augmento da riqueza publica e pela prosperidade crescente de seus laboriosos habitantes.

Procurei dar o maior impulso aos dous nucleos Cannas e Cascalho, de modo a não se perder totalmente o dinheiro despendido pela Provincia com a sua acquisição e conservação.

Verá V. Exc. pelos relatorios dos dous administradores que obteve-se algum resultado, não tanto quanto era para desejar, mas ao menos ha esperanza de serem distribuidos todos os lotes e de em breve tempo poderem ser emancipados, ficando assim a Provincia livre deste onus.

(1) O emprestimo externo, autorizado pela Lei n. 55 de 22 de Março de 1888, foi contrahido, em condições mui vantajosas para os cofres provinciales, pelo Exm. Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo.

Vid. o Relatorio de 11 de Janeiro de 1889, apresentado á Assembléa Legislativa Provincial, por S. Exc., pag. 147 a 150.

Ahi vem o historico dessa importante operação financeira, que firma os creditos de S. Exc. e da Provincia, que tão sabiamente administrou.

Continuo a entender que os nucleos coloniaes devem ser estabelecidos e mantidos pelo Governo Geral e não pela Provincia, á qual não convém mais estabelecer nucleo algum.

De accordo com estas ideas, e secundando as vistas dos dous benemeritos Paulistas que têm gerido ultimamente a pasta da Agricultura, está-se promovendo o estabelecimento dos tres nucleos Senador Prado, Conselheiro Rodrigo Silva e Barão de Jundiahy, o primeiro no Ribeirão Preto, o segundo em Porto Feliz, o terceiro em Jundiahy.

(Exposição ao Dr. Rodrigues Alves, pag. 113 a 118).

IV

ALOJAMENTO DE IMMIGRANTES

Para comprovar a importancia capital da obra executada pelo Conde do Parnahyba em beneficio da immigração, transcrevo em seguida alguns trechos dos Relatorios da Directoria Geral de Obras Publicas desta Provincia.

DESCRIPÇÃO DO PROJECTO — O plano elaborado pelo Snr. Häussler comprehende um edificio principal de dois

pavimentos em fôrma de E deitado:  e de diversos

edificios terreos isolados, destinados a refeitório, estação, armazem, enfermaria, lavanderia e finalmente a casa do Inspector com dois pavimentos.

O dispositivo em  compõe-se de uma ala longitudinal com um corpo central saliente de 3 metros, medindo 14 metros de frente, dividido em salas para a administração. Seguem-se o corpo central, duas alas apresentando cada uma d'ellas no pavimento terreo a superficie de 29^m,8 por 12^m,00, divididos em 40 compartimentos independentes, para familias de 5 a 6 pessoas cada um. Nos extremos e perpendicularmente á fachada, nascem as alas lateraes, co-

tado com 70^m,00 por 13^m,20 cada uma, com saliência sobre a mesma frente de 11 metros, apresentando assim a fachada um desenvolvimento total de 100 metros, ficando de permeio um espaço vazio entre as alas, cujo centro é occupado pelo refeitório e dependências com as dimensões livres de 40^m,4 por 25^m, communicando-se com a casa principal por meio de passadiços cobertos de 40^m,00 de largura.

A ala do lado esquerdo com 70^m,00 por 13^m,20, contém no centro e em frente do vestibulo da estação armazem, um vasto vestibulo de 22 metros por 12^m,8 para receber os immigrants e dirigil-os aos competentes alojamentos. Contém mais esta ala 9 compartimentos para familias de 6 a 11 pessoas e dois salões para 46 e 68 pessoas. A ala do lado direito, symetricamente disposta á ala esquerda, com escadas de facil accesso ao andar superior, contém 14 compartimentos para familias de 5 a 11 pessoas e dois salões para 46 a 60 pessoas, e dá assim lugar todo o pavimento terreo para 640 leitos, segundo o antro do projecto. A communicação entre as alas é feita por quatro corredores e por varandas cobertas ao longo do edificio de 3 metros de largura. Cada compartimento de familias tem entrada franca pelas varandas ou corredores. A lotação consignada nos dormitorios do andar superior, que contém seis salões: dois de 23 metros livres por 12^m; dois de 30^m por 12^m e dois de 37^m por 12^m, é de 720 leitos, reservados exclusivamente para agasalho dos immigrants solteiros. Assim a lotação total em casos normaes será de 1.360 leitos. O presente calculo tem por base que cada leito necessita de 3^m quadrados de superficie, com exclusão dos corredores, escadas e vestibulos. Calculando-se porém a superficie necessaria para leitos de 2^m,5 quadrados, vê-se que o edificio offerece capacidade para alojar 1.600 immigrants em casos excepcionaes. O edificio é projectado sobre um socco corrido de 1^m,00 de altura, apresentando uma altura total de 12 metros, e os andares, uma altura de 5 metros livres, isto é de soalho a forro. Como medida hygienica e economica não são forrados os dormitorios e refeitórios, sendo profusamente esclarecidos e ventilados por numerosas janellas, altas e largas, fornecendo a ventilação natural um volume de ar nos dormitorios de 15 metros cubicos para cada pessoa.

O madeiramento da cobertura do telhado, bem como do vigamento, offerecendo grandes vãos, serão sustentados com o auxilio de columnas intermediarias de ferro fundido no pavimento terreo e de madeira no pavimento superior.

O refeitório, vasto salão de 40^m40 por 16^m, isto é com 646,4 metros quadrados de superficie, comporta seis ordens de mesas, o que dá lugar para um serviço de 900 talheres. As dependencias contiguas ao salão, cosinha, copa e dispensa apresentam uma superficie total de 356,40 metros quadrados.

A estação armazem, situada ao lado da ala esquerda do edificio principal, consiste em um vestibulo de 6 metros por 15^m, armazem de bagagens de 6^m,00 por 30 metros, banheiros e latrinas de 6 por 10 para homens e uma plataforma em todo comprimento da casa, de 56 metros por 3 metros de largura, servida por chaves especiaes, derivadas das estradas de ferro do Norte e Ingleza, para o serviço de desembarque dos colonos e bagagens.

A lavanderia, situada ao lado da ala direita, tem um comprimento total de 33 metros por 11,0 metros, contendo dois tanques de 13^m,00 por 1^m,80 cada um para lavar roupa, lavabos, banheiros e 15 latrinas para mulheres.

A enfermaria, situada no eixo do corpo central, á distancia de 61^m,50 da sala de jantar e longe de todos os ruidos e movimentos, tem 20 metros de comprimento por 9 metros de fundo, com compartimentos para doentes. Além disto contém mais duas alas pequenas com quartos para medico, pharmacia e pessoal do serviço.

A casa do Inspector, finalmente, fica situada ao lado da ala direita e em correspondencia com as linhas extremas da fachada, e tem 10 metros de frente e 12 de fundo. O orçamento para a conclusão de todos os edificios acima descriptos é de 270:000\$000, não incluindo a canalisação d'agua, gaz, esgotos e feixo de terreno.

Superficie dos edificios, incluindo os passadiços e varandas:

	M ²
Casa principal, andar terreo.....	3.612
sobrado.....	2.924
	<hr/>
	6.536

De conformidade com a Portaria n. 194 de 27 de Maio de 1886 foram iniciados no correr de Julho do mesimo anno os trabalhos de construcção do alojamento de immigrants e a 7 de Junho proximo passado, isto é no intervallo de 10 ¹/₂ mezes, já se achavam concluidas as seguintes obras:

- 1.^o Ala longitudinal do edificio principal medindo a extensão de 75 metros;
- 2.^o Refeitório e dependencias;
- 3.^o Estação-armazem com latrinas para homens;
- 4.^o Lavandaria com tanques e latrinas para mulheres.

Entregue a 19 de Junho ao serviço da Inspectoria da Imigração a parte edificada, poude já prestar-se a accommodar cerca de 1.200 immigrants.

Em virtude da autorisação recebida a 19 de Abril do corrente anno com referencia ás obras complementares do plano do edificio já descripto no meu relatório anterior, deu-se seguimento ás novas construcções, que vão sendo feitas com a desejavel regularidade.

Estes trabalhos se acham bem adiantados e são executados por administração, fiscalizando-os esta directoria, que contratou tão sómente com o Snr. Engenheiro Matheus Haussler a mão d'obra por unidades de preços.

As duas alas ora em edificação estão, uma levantada proximamente á altura do telhado com o vigamento todo collocado, e outra, a ala esquerda, semelhante á primeira, tem as fundações e embasamento feitos e assentada uma parte do primeiro vigamento. Na casa da enfermaria levantaram-se as paredes á altura do telhado e assentou-se o vigamento do primeiro andar.

Conta-se que até fim do anno estará coberta uma das alas do edificio principal, devendo concluir-se todas as obras no correr de Maio proximo futuro. Ficará então completo e bem acabado o estabelecimento, que é modelo no genero e que, embora singelo, reúne alguma elegancia, attendendo-se á economia que tem presidido aos trabalhos.

Em casos excepçoes poderá o alojamento todo receber 4.000 immigrants, numero esse que por certo raras vezes terá de ser excedido, por mais intensa que seja a corrente immigratoria para esta Provincia. Conseguindo-se com

a disposição das accomodações do edificio adaptal-o com ampla capacidade ao fim a que se destina, trata-se presentemente de o isolar, construindo-se muros de fecho em frente a ferro-via Ingleza ; do lado da rua da Concordia e, em parte, do lado da rua das Cancellas. Estas obras subsidiarias e necessarias não só para o isolamento do edificio mas para ordem e fiscalisação do serviço da Inspectoria, devem terminar brevemente.

Como foi dito no meu ultimo relatorio, o orçamento previo da construcção do alojamento é do valor de 270:000\$000, não se comprehendendo nesse custo a canalisação d'agua, gaz e exgotos e fecho do terreno. E' de presumir, porém, que á vista das exigencias da construcção não se poderá realisar todas as obras dentro daquella quantia, havendo portanto um déficit devido a accrescimo de serviços nas fundações especiaes, occasionados pela natureza pouco resistente do terreno e outros trabalhos extraordinarios, realisados na distribuição interna do estabelecimento. Qualquer que venha a ser a importancia real do déficit previsto, é licito desde já declarar que as alterações e accrescimos que lhe dão origem tornaram-se indispensaveis, no intuito de attingir plenamente a solidez, segurança e commodidade que a parte já construida patenteia. A despeza já realisada com todos os trabalhos do alojamento attinge a quantia de rs. 240:366\$437, cabendo 162:145\$563 aos materiaes empregados e 78:220\$874 á mão de obra de todo o serviço feito.

Distribue-se do seguinte modo a somma gasta :

1. ^o Edificio principal.....	147:699\$885
2. ^o Refeitorio e dependencias...	37:915\$422
3. ^o Estação e armazem	22:312\$718
4. ^o Lavanderia.....	8:704\$308
5. ^o Casa de enfermaria.....	14:279\$433
6. ^o Fecho do terreno.....	9:454\$671
Total.....	240:366\$437

A mesma importancia é objecto da demonstração junta, em que se relacionam a mão de obra e os diversos fornecimentos, segundo a especie dos materiaes utilizados.

(*Relatorio* da mesma Directoria, de 15 de Novembro de 1887, pag. 13—14.)

Desde Junho do anno pasado, tem prestado este alojamento relevantissimos serviços á acomodação de immigrants, que aos milhares mensalmente são introduzidos nesta Provincia.

Acha-se presentemente concluido o edificio, e em condições taes de conforto e hygiene, que a indole mais exigente não ousará formular a mais ligeira reclamação.

O immigrant ao chegar a S. Paulo sentirá certamente expandir-se-lhe o coração confrangido ao partir da Patria, e o bom acolhimento que, desde o principio aqui lhe é dispensado, reanimar-lhe-ha as esperanças e lhe prenunciará a benignidade do agasalho e os reaes proventos que lhe aguarda o seu estabelecimento nesta Provincia.

A corrente immigratoria cresce e avoluma-se, mas a sua perenne vasão para a lavoura permittirá ao alojamento recebê-la e bem encaminhal-a, em todos os tempos, si medidas opportunas forem decretadas para evitar o accumulo de mais de 4.000 immigrants, numero que em casos excepçionaes, poderá comportar o alojamento.

A quantia de 475:602\$574, a que monta a despeza com a construcção do alojamento é, portanto, justificavel, e tão justificavel, que só merecem encomios os actos de 27 de Maio de 1886 e 19 de Abril de 1887 que a autorisaram, visto demonstrarem a previdencia e tino com que se tem portado a Administração Publica da Provincia de S. Paulo no serviço de immigração.

E' certo que o primitivo orçamento do alojamento de immigrants importava apenas em 297:000\$000, inclusive administração, e o projecto traçava-lhe menores proporções. Em tempo, porém, e antes que as circumstancias sorprendessem a Administração em condições de não poder attender ás exigencias da immigração, sempre crescente, e que de Maio do corrente anno em diante convergiram para a fonte d'onde emanavam os unicos recursos, tratou-se de modificar o primitivo plano de construcção do alojamento de immigrants, augmentando-se, melhorando-se, creando-se novas dependencias, em summa, tratando-se de dar maior resistencia e predispondo-o para as eventualidades, que quando se deram, já nos encontraram premunidos.

O accrescimo de despeza para as modificações do primitivo projecto, foi de 81:073\$786, e para as dependencias e obras accessorias de 97:528\$788.

O total da despesa é assim distribuido:

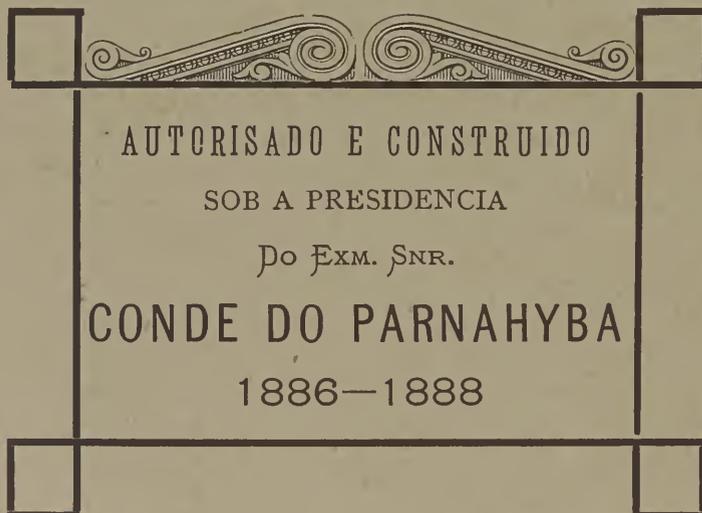
Casa principal.....	287:934\$838
Refeitório, cozinha, etc.....	46:628\$497
Armazem de bagagens.....	33:428\$236
Enfermaria.....	31:743\$289
Lavanderia.....	13:496\$216
Fecho do terreno.....	22:057\$316
Portico.....	13:253\$707
Calçadas, cimentações dos pateos e passeios, apedregulamento, aterrar o terreno baixo, nivellar e endireitar todo o terreno.....	26:312\$480
	<hr/>
	474:854\$574
Enfermaria provisoria, casa da policia, etc...	748\$000
	<hr/>
Rs.....	475:602\$574

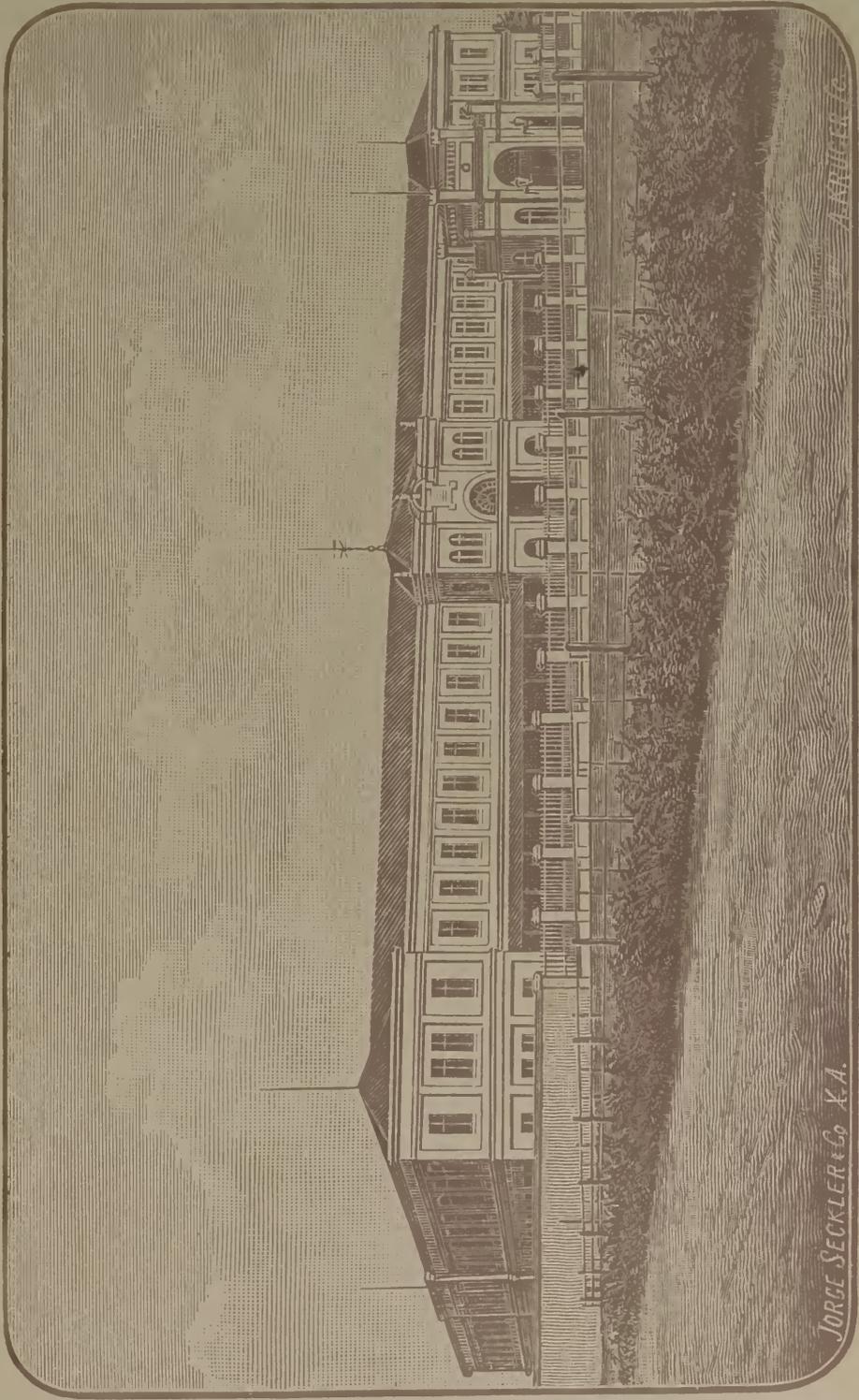
Da exposição feita vê-se que a despesa monta a Rs. 475:602\$574, tendo sido os trabalhos executados por administração e sob a immediata fiscalisação d'esta Directoria.

(*Relatorio* da mesma Directoria apresentado em 20 de Novembro de 1888.)

Este edificio é certamente o mais bello e magestoso dos que possui a nossa Provincia.

No frontispicio logo se depara aos olhos do visitante a seguinte inscrição, em placa de marmore:





ALOJAMIENTO DE INMIGRANTES

Resta que seja realisada a idéa da Sociedade Promotora: o busto do benemerito fundador no pateo do estabelecimento.

V

DESORDENS NA PROVINCIA

Não é de hoje que se póde asseverar, ser esta Provincia uma daquellas em que as relações de direito privado entre os administrados, e as destes com autoridades, menor numero offerecem de casos de desrespeito ás leis.

Com effeito, de ha muito consignam os meus antecessores esta observação, que tanto depõe em favor dos nossos costumes publicos e privados.

A estatistica criminal da Provincia, comparada com a de outras circumscripções do Imperio e bem assim com as demais porções de territorio de outros paizes, que lhe são mais ou menos analogas, não occupa logar elevado nos annaes dos delictos contra os direitos individuaes e politicos.

Chamando a vossa attenção para este ponto, cumpro um dever que me é summamente grato, porquanto é facto incontestavel, entre aquelles que estudam os negocios publicos, a intima connexão em que se acha a pratica de alguns delictos contra a propriedade e dignidade humanas e calma applicação das leis, com o gráu de civilisação das diversas classes sociaes, maxime naquellas em que os beneficios da instrucção mais difficilmente podem manifestar-se em toda a sua pujança e fertilidade.

E' que as tendencias para a perpetração de certos crimes devem ser attribuidas a causas de mais complexa natureza, entre as quaes, si o gráu de cultura intellectual constitue factor de grande valia, tambem não devem ser considerados de somenos importancia os elementos que nos deparam as qualidades ethnicas e os costumes privados, que se formam segundo a organisação da familia.

Devemos accrescentar, ao tratar-se de uma Provincia em que a immigração crescente de anno a anno tem introduzido massa mais ou menos avultada de população fluctuante nos principaes centros urbanos, que não é menos favoravel

o resultado das observações colhidas. Longe vão os tempos em que espiritos tímidos ou aferrados a acanhados e falsos princípios de nativismo, traçavam imaginarios quadros dos riscos que a segurança publica da Provincia deveria correr, desde que se operasse a entrada de avultadas e consecutivas levas de immigrants. Dizia-se, então, que, na corrente de individuos que se expatriavam viria, além do contingente de homens amigos do trabalho e da ordem, outros individuos apanhados na escoria das agitações sociaes e economicas do velho mundo, e que, uma vez internados em nossas provincias, fariam perigar, salvo medidas de character excepcional e de extremo rigor, a tranquillidade e segurança publicas. Estes vão receios acham-se de vez dissipados.

Na Provincia de S. Paulo, ao augmento da população não correspondeu proporcional accrescimento nas estatisticas criminaes. Dir-se-hia que a escolha de nova patria opera, mesmo entre os individuos que aqui aportam impellidos pelo simples espirito de aventura, salutar reacção que se manifesta no exemplo de geral conformação com as leis, desde que aqui se estabelecem.

Nota-se, quando muito, nas cidades mais populosas, para onde affluem de preferencia aquelles individuos que não se destinam aos arduos labores do campo, insignificante augmento de delictos de character policial, os quaes, de ordinario, nos paizes de população mais ou menos densa, são sujeitos á acção de tribunaes e juizes correccionaes.

Não é volumosa a lista de infracções criminosas que mais attrahem a attenção, no periodo administrativo de cujos successos vos darei succinta narração.

O valor numerico dos casos mais salientes de perturbação da segurança publica não é tal, que possa formar informações que traduzam fielmente o alcance de dados de uma estatistica fornecedora de ensinamentos proveitosos ás locubrações do legislador.

Mas não vos devo occultar que, si o numero dessas infracções não poderá influir de modo notavel na confecção de uma estatistica geral, nem delle se possam inferir conclusões diversas daquellas que tive a honra de vos apresentar, entretanto essas mesmas infracções, cujo alcance fica assim transitoriamente circumscripto, não deixam de inspirar serios

cuidados á administração, á qual incumbe, antes de tudo, prover ás necessidades do momento, restaurar e fazer respeitar, sem perda de tempo e do prestigio da autoridade, delictos de natureza felizmente passageira.

A' acção administrativa competem esses deveres, que variam conforme as contingencias, ao passo que o legislador deve attender, antes de tudo, a interesses permanentes e estaveis da sociedade.

Tenho a convicção de que esses transcendentés interesses não soffreram sensível abalo durante a minha administração, e, si ella teve de revelar a maior solícitude, com o fim de reprimir ataques isolados ao dominio legal, tambem desvaneceme o contentamento de haver conseguido, sem quebra das mais estrictas imposições da imparcialidade e moderação, que esses casos parciaes se tenham reduzido á sua verdadeira importancia.

Alguns escravos fugidos foram capturados no Municipio de Santos e recolhidos á cadêa.

Constando a esta Presidencia que alguns individuos projectavam oppôr-se á entrega dos referidos escravos a seus senhores, julguei conveniente a ida do chefe de Policia áquella localidade, afim de providenciar com prudencia, de modo a evitarem-se quaesquer conflictos.

No relatorio desse zeloso funcionario encontrareis todas as informações a este respeito.

No firme proposito de executar as leis, eu não podia tolerar que alguns desordeiros realisassem o plano preconcebido de arrebatâr, á viva força, os referidos escravos, detidos legalmente na cadêa daquella cidade.

Dei ordem, então, ao chefe de Policia que seguisse para alí com algumas praças e fizesse conduzir os detidos para esta Capital.

Esta ordem foi, como sempre, cumprida com todo o zelo, ficando assim frustrados os planos dos desordeiros.

Posteriormente recebi communição telegraphica daquella cidade de que um grupo de pessoas armadas, auxiliadas

por avultado numero de escravos fugidos, pretendia atacar o quartel e cadêa, onde, aliás, já não estavam os detidos.

Fiz seguir immediatamente para aquella localidade 60 praças, dando instrucções reservadas ao distincto official Canto e Mello.

Telegraphei ao Juiz de Direito da comarca afim de entender-se com a autoridade policial e de accordo com ella empregar todos os exforços para o restabelecimento da ordem publica.

As minhas instrucções foram fielmente observadas, não havendo necessidade de empregar-se força para obter-se aquelle resultado.

(*Relatorio* com que o Exm. Sr. Barão do Parnahyba abriu a sessão da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo, a 17 de Janeiro de 1887, pags. 31 a 33.)

No periodo decorrido a partir de 10 de Setembro, em que prestei juramento e iniciei a difficilima missão que V. Exc. dignou-se de confiar-me, até esta data, nenhum facto de maior monta, folgo em dizel-o, veiu perturbar a tranquillidade publica.

Deram-se varias eleições para Juizes de Paz em diversos pontos da provincia, e todas realisaram-se na melhor ordem.

Na propria eleição havida a 14 do corrente mez na villa do Cruzeiro, onde receiavam-se graves conflicts, e a proposito da qual espalharam-se boatos tão aterradores, que determinaram V. Exc. a ordenar-me que para lá me transportasse com uma pequena força do corpo policial, para manter a ordem e segurança individual, garantindo ao mesmo tempo o direito de voto, si o respectivo processo não correu extreme de irregularidades, a julgar-se ao menos pelo protesto de uma das parcialidades politicas, todavia começou e terminou sem a mais ligeira perturbação da ordem e tranquillidade publica.

Não fôra as lamentaveis occurrencias que acabam de dar-se e que isoladas como foram, não depoem felizmente contra os habitos pacificos e de respeito ás leis por parte dos dignos filhos do territorio Paulista, que pelo inquebrantavel

labor e nobres estimulos de sua população, mais do que pelos dotes com que a natureza prodigamente o dotou, já occupa logar de honra entre as demais provincias do imperio; não fôra taes occurrencias, digo, e este capitulo da despretenciosa exposição que ora submetto á elevada apreciação de V. Exc. podera ser encerrado, sem que esta chatura tivesse de relatar um só facto de certa gravidade, embora de effeito passageiro, e limitado a certa e determinada circumscripção territorial.

Refiro-me ás scenãs que se deram ultimamente na operosa cidade de Santos, que tanto se distingue pelo seu civismo e amor ao trabalho, tão fecundo em seus resultados como altamente moralizador, e das quaes foram principaes protogonistas uns tantos individuos que, habituados a acoutar um sem numero de escravos fugidos e até tomal-os violentamente do poder de seus respectivos senhores, sem outro intuito aliás sinão o de explorar-lhes o trabalho em seu proprio proveito, não puderam soffrer que se lhes puzessem embargos á criminosa industria e, despeitados, praticaram toda a sorte de desatinos, já atacando audaciosamente a força publica, que os soube repellir, já transviando a opinião por meio do telegrapho e da imprensa, onde não se pouparam os maiores aleives e torpes injurias contra as autoridades, já finalmente promovendo correrias á noite, pelas ruas da cidade, sob o pretexto de assalto á typographia de uma das folhas locaes; pretexto este, que aquelles mesmos que o engendraram para justificar o seu procedimento sedicioso, foram os primeiros a recusal-o publicamente, tão patentes estavam a sua falsidade e inverosimilhança.

Felizmente, graças á attitude que assumi, de accordo com V. Exc. e auxiliado pelo 3.^o supplente do delegado de policia, então como hoje em exercicio, não firmou-se na referida cidade o inqualificavel precedente, já posto em pratica mais de uma vez, de impedir-se á força a entrega de escravos a seus legitimos senhores; e devido ás acertadas medidas postas em pratica por V. Exc., e pelas quaes os facciosos tiveram de reconhecer que as actuaes autoridades, longe de se deixarem aterrar de vans ameaças, saberão cumprir o seu dever em qualquer emergencia, não só os animos immediatamente começaram de acalmar-se, como em breve se restabelecerão de todo a ordem publica e o necessario respeito ás leis— resultado para o qual, estou certo, não deixará de concorrer

o desapaixonado exame do procedimento das autoridades, por parte de todos aquelles que infelizmente deixaram-se arrastar pelos especuladores, e de boa fé fizeram com elles causa commum.

(*Relatorio* do chefe de Policia interino, Dr. Luiz Lopes Baptista dos Anjos Junior, de 30 de Novembro de 1886, pags. 3—6.)

São falsos os boatos propalados acerca de insurreição de escravos na provincia de S. Paulo.

Si houve alguma perturbação no regime do trabalho servil das propriedades agricolas do interior, não foi ella, entretanto, de natureza a auctorisar noticias de insurreição. Deram-se, simplesmente, com mais frequencia, casos de fugas de escravos que, em bandos, procuravam refugio no municipio de Santos, onde contam com o acoutamento, mais difficil de ser alli descoberto e punido, por motivos já conhecidos do publico.

Os donos de escravos de fazendas, ao vêrem o trabalho reduzido por essas fugas em massa, recorreram, como deviam, ás garantias que as leis fornecem para conservar o escravo no dominio do senhor.

Os agentes administrativos receberam ordens terminantes dos Snrs. Presidente e Chefe de Policia, para garantir-se esse dominio em todo o rigor que lhe traça o direito positivo, mas que os partidarios do abolicionismo cego e apaixonado não querem admittir.

Assim, apezar de resistencias que não deveriam ser levantadas, a força policial quando chamada para apprehender nos termos legaes escravos evadidos, foi buscal-os em mais de uma circumstancia, em todo e qualquer lugar onde se achassem.

Embora tambem achassem os acoutadores de escravos que estes não poderiam ser apprehendidos em transito nas estradas de ferro, a autoridade não abriu nem abrirá uma excepção extranha ás leis.

Augmentando, porém, como dissemos, o numero das evasões, o governo da provincia, após haver tomado energicas providencias ao seu alcance, communicou as occurren-

cias ao governo central, indicando medidas que julgava urgentes

A principal dentre ellas consistia na remessa, para a Provincia de S. Paulo, de forças sufficientes para restabelecer e manter o pleno e inteiro dominio dos senhores de escravos de fazendas, abalado pelas fugas.

O governo central, confiado na administração da Provincia, concordou immediatamente com o alvitre proposto.

Foi por conseguinte resolvido :

Que o cruzador *Primeiro de Março* partisse hontem do porto do Rio com destino ao de Santos, ficando o navio de guerra e sua guarnição ás ordens do Presidente da Provincia ;

Que a bordo do mesmo navio viessem 50 praças do batalhão naval, tambem ás ordens do Presidente ;

Que pela estrada do Norte viessem, ainda á disposição da presidencia, 50 praças de linha e 4 officiaes, e

Finalmente, recebeu este instrucções do gabinete, approvando actos anteriormente praticados e recommendando do modo o mais positivo, que fossem postos em pratica todos os meios de que dispõe o poder executivo para defender o dominio dos senhores de escravos, firmado nas leis.

O Snr. Presidente e Chefe de Policia da Provincia enviaram todos os exforços para tranquillisar os possuidores de escravos quanto ao direito de dominio e conservar a segurança publica ameaçada, a exemplo do municipio de Santos, pela presença de cerca dous mil escravos evadidos.

A classe dos fazendeiros, mais directamente affectada pelo actual estado de coisas, encontrou plena satisfação aos seus reclamos nas medidas adoptadas pelo Governo Geral e pela Presidencia.

A situação ha de forçosamente melhorar, porque os poderes publicos acham-se revestidos do prestigio moral e da força precisos para isso.—(Editorial do *Correio Paulistano* de 12 de Junho de 1887).

Factos de certa gravidade occorreram nestes ultimos tempos, e vieram de algum modo perturbar a paz e o socego de que gozava esta Provincia.

Tornou-se necessario o emprego de medidas energicas para assegurar a ordem que, longe de estar restabelecida, continúa a ser alterada por elementos deleterios que lançam a desorganisação na sociedade.

Este estado de cousas perdurará, si não fôr opposto um paradeiro ás machinações e desmandos daquelles que procuram anarchisar a Provincia, desorganizando o trabalho.

No relatorio do Dr. Chefe de Policia encontrará V. Exc. amplos e detalhados esclarecimentos sobre o que occorreu em relação a este assumpto: o que me dispensa de insistir sobre factos, que V. Exc. conhece, e de especifical-os.— (*Exposição* com que o Exm. Snr. Visconde do Parnahyba passou à administração da Provincia de S Paulo ao Exm. Snr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Provincia, no dia 19 de Novembro de 1887; pag. 37)

No limitado espaço de tempo que exerço o cargo de Chefe de Policia, nenhuma perturbação grave da ordem publica, teve lugar. Algumas insurreições de escravos occorreram pela opposição feita ás fugas que têm intentado grande numero delles, pela sua agglomeração nos centros populosos, onde se entregam á vadiagem e ao vicio, alarmando o espirito publico, e por outros varios motivos. Mas têm sido ellas suffocadas a tempo, pelas medidas de prevenção tomadas e outras que as circumstancias no momento aconselharam.

As fugas, em massa, e em numero consideravel, para esta cidade, para a de Santos e outras localidades, continuam, aconselhadas por espiritos maleficos que, pretextando servir a grande causa da liberdade dos captivos, concorrem para desviar esses escravos do serviço de seus senhores, só com o intuito de lhes explorarem o trabalho no seu proprio proveito, prejudicando e perturbando a boa direcção, que tem-se querido imprimir ao problema da transformação do trabalho.

A policia tem empregado e emprega esforços para reprimir esse procedimento, punivel pelas leis, recommendando aos Delegados das localidades os inqueritos para esse fim, mas esses exforços não têm attingido a completos resultados. Em nada auxiliam os interessados a acção da autoridade, e evitam até os esclarecimentos essenciaes para chegar-se ao fim almejado.

A não ser algumas prisões desses escravos que fogem, effectuadas nos lugares de sua passagem, onde mais se tem podido conseguir, e esses mesmos escravos detidos, ou não são reclamados por seus senhores, que os abandonam, ou são postos em liberdade pelos Juizes, provendo recursos de *habeas-corpus*, contra expressa e literal disposição da lei e julgados existentes.

Vão, infelizmente, por este modo, sendo acoroaçadas as insubordinações e se repetindo os casos de rendosa especulação, em quanto são incutidos tambem os sentimentos de revolta e até do crime.

E' o magistrado a principal garantia da ordem, mas tambem se torna um perigo, quando esposa interesses alheios á causa da justiça, como está acontecendo, perdendo o seu prestigio e força nas sociedades bem constituídas.—(Relatorio do Chefe de Policia interino, o Juiz de Direito Salvador Antonio Muniz Barretto de Aragão, pags. 4—5).

VI

BANQUETE POLITICO

(*Correio Paulistano*, de 22 de Novembro de 1887)

Realisou-se no sabbado, 19 do corrente, no Hotel de França, o banquete offerecido ao exm. sr. Visconde do Parnahyba por muitos de seus amigos politicos, em nome do partido conservador.

A vasta sala onde se deu a festa estava elegantemente enfeitada, sobresahindo o bom gosto que presidiu á ornamentação, e a abundancia de flores e luzes.

Estiveram presentes muitos dos nossos correligionarios mais importantes desta capital.

No lugar de honra tomou assento o Exm. Sr. Visconde do Parnahyba, tendo á sua direita o conselheiro Antonio Prado, senador do Imperio e chefe do partido conservador da provincia, e á sua esquerda, o Sr. Dr. Elias Chaves, deputado geral pelo 1.º districto.

Em frente ao Sr. Visconde do Parnahyba estava o Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves, presidente da provincia, tendo á sua direita o Conselheiro Duarte de Azevedo e á sua esquerda o Sr. Dr. Cochrane, deputados geraes pelos 5.º e 6.º districtos.

Estiveram presentes mais os seguintes cavalheiros:

Exmos. Srs. Drs. Dutra Rodrigues e Vieira de Carvalho, 1.º e 2.º vice-presidentes; coronel Antonio Proost Rodovalho; Barão da Bocaina e Barão de Pirapitinguy; secretario da provincia, Dr. E. L. Bourroul; juizes de direito da 2.ª vara da capital e da comarca de Tatuhy, drs. Arruda e Cardoso de Mello, filho; major Salvador de Queirós Telles; Drs. José Vicente, Aquilino Leite, Conceição, Almeida Netto, Eulalio, Paulo Egydio, Rabello e Silva, João Bernardo, Nabor Jordão, Pinto Gonçalves e Luiz Pinto; vereadores Dr. Bento Freitas e J. Garcia, srs. B. Barbosa e major Novaes, conego Manuel Vicente, drs. Valois e Antonio Celestino dos Santos.

Deixaram de comparecer alguns convidados, por ausentes ou por força maior.

Foi o seguinte o

MENU

du dîner du 19 Novembre

POTAGE

Consommé à la Deslinaque

HORS D'ŒUVRE

Boudinées à la Russe
Petits pâtés à la Parisienne

RELEVÉS

Dantaille sauce bordelaise garni de pommes de terre

ENTRÉES

Filet de bœuf à la Godart
Côtelettes de mouton à la soubise
Galantine de chapons truffés à l'aspic
Punch à la Romaine

RÔTIS

Perdreux rôtis aux croutons
Salade à la vénitienne
Dinde farcie à la Brésilienne
Jambon froid à l'aspic

ENTREMETS

Asperges sauce au beurre
Glace masquée à la Napolitaine
Gâteau à la Marguerite

DESSERT

Pâtisserie.—Fruits assortis.—
Café.—Liqueurs.—Cognac

VINS

Xerès, Funchal, Haut Sauterne,
Nürsteiner, Château Yquem,
Ranenthalerberg
Chateau Léoville, Chateau Lafitte, Chateau
Rauzan, Chambertin 1 re.
Romanés, Sentenay, Champagne
Cliquot
Porto W 6 Estrellas
Moët & Chandon

O serviço, profuso e delicado, faz honra ao Hotel de França, bem conhecido na provincia pelo esmero com que sabe acudir ao serviço de sua numerosa clientella e do publico.

Ao *dessert* principiaram os brindes, dos quaes nos recordamos os seguintes:

O Sr. Conselheiro Antonio Prado brindou ao Sr. Visconde do Parnahyba, a quem os seus amigos politicos offerciam

naquelle momento aquella pequena prova de seu muito reconhecimento e grande affeição, pelos serviços relevantes prestados á Provincia de S. Paulo durante a sua benefica e fecunda administração.

Em boa hora obteve de seu illustre amigo o sacrificio de seu repouso, afim de collaborar na obra do engrandecimento da provincia e de prestar os serviços que o seu partido e o paiz estavam no direito de impôr ao patriotismo, abnegação e intelligencia de S. Ex.

Em phrases elevadas e conceituosas, o illustre senador historiou as phases mais salientes da presidencia do nobre Visconde, que se tornara credor de toda a gratidão e alto apreço, não sómente de seus correligionarios politicos, sinão de todos os paulistas dignos deste nome.

E, pois, interprete dos sentimentos geraes do partido e da provincia, erguia um brinde ao Visconde do Parnahyba.

O Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves disse que vinha tomar parte, já em seu nome proprio, já em nome do governo, no banquete offerecido ao seu digno predecessor.

E passou a lêr um telegramma, expedido ás 3 horas da tarde, pelo Exm. Sr. Conselheiro Rodrigo Silva, no qual o governo congratulava-se com o Sr. Visconde do Parnahyba pela sua brilhante administração e protestava-lhe o seu reconhecimento pelos serviços que prestára á provincia.

O Sr. Visconde do Parnahyba disse que, honrado pelo Governo Imperial com a nomeação de primeiro vice-presidente desta provincia, cuja administração assumiu após a retirada do Sr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, entendeu que não podia furtar-se ao dever que era exigido pelo nobre ministro d'Agricultura de então, o Sr. Conselheiro Antonio Prado, de aceitar a presidencia effectiva, correspondendo ás provas de confiança do chefe do partido e do actual ministro d'Agricultura, o Sr. Conselheiro Rodrigo Silva.

Conservador por tradição, por familia e por principio, corria-lhe o dever de, na presidencia, zelar os interesses do partido conservador Paulista, o depositario dos grandes principios de ordem e conservação social. Dizia-lhe, porém, a consciencia, que nunca sacrificára os interesses da provincia aos do seu partido, e que os seus esforços pelo engrande-

cimento de sua terra natal não haviam sido de todo improficuos.

Agradecendo a manifestação de tantos e tão prestimosos amigos, brindava o sempre pujante partido conservador de S. Paulo na pessoa do preclaro chefe, que tão sabia e intelligente direcção tem dado ao mesmo partido, levando-o unido á plena consecução de seu objectivo: ao partido conservador, na pessoa do Senador Antonio da Silva Prado.

O Sr. Conselheiro Duarte de Azevedo saudou a união do partido conservador, e pediu licença para synthetisar o seu brinde na pessoa de uma das mais brilhantes esperanças do partido, de um filho distincto da provincia, já glorioso nas pugnas da intelligencia e da politica: ao Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves.

O Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves, saudou á união dos conservadores e ao seu digno chefe, o Senador Antonio Prado, a quem, em boa hora, succedera no patriotico gabinete 20 de Agosto o Sr. Conselheiro Rodrigo Silva. Disse que havia fazer por não desmerecer da confiança de seu partido e da provincia, a cujo progresso dedicava-se em corpo e alma, ambicionando trilhar o caminho tão gloriosamente aberto pelo Sr. Visconde do Parnahyba.

E sentir-se-ha orgulhoso, reputar-se-ha muito feliz si puder, ao deixar a presidencia, ver reunidos todos os seus chefes politicos, todos os seus amigos, como signal de adhesão, apreço e reconhecimento á sua administração.

O Sr. Visconde do Parnahyba brindou ao gabinete 20 de Agosto, e de entre os seus illustres membros, destacava dous nomes: o do venenando *Pontifex maximus* do partido conservador, o politico consummado, glorioso representante de uma geração de estadistas que encaminhara o Brazil na senda do governo parlamentar representativo; e o nome do paulista distincto, talento de primeira agua, e intelligencia fóra do commum, em quem S. Paulo deposita as mais gratas esperanças:—ao Barão de Cotegipe, ao Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva.

Os Rvms. Srs. conego Manuel Vicente e Dr. Valois brindaram, o primeiro ao Visconde do Parnahyba; o segundo, ao Sr. Dr. Elias Chaves.

O Sr. Conselheiro Duarte de Azevedo saudou á Exm Sra. Viscondessa do Parnahyba; e brindando á digna e virtuosa

consorte do illustre ex-presidente, fazia votos pelo completo restabelecimento de sua saude.

O Sr. Visconde do Parnahyba saudou aos dois illustrados lentes da Faculdade de Direito, primeiro e segundo vice-presidentes da provincia, Drs. Dutra Rodrigues e Vieira de Carvalho.

O Sr. Dr. Paulo Egydio brindou ao Senador Antonio Prado, como digno substituto de outro paulista illustre, no ramo vitalicio do parlamento.

O Sr. Visconde do Parnahyba, fazendo referencia aos principios religiosos, que constituem a base da familia e da sociedade, saudou os sacerdotes presentes.

O brinde de honra foi erguido pelo Exm. Sr. Dr. Presidente da Provincia, em termos os mais commovidos e eloquentes, ao Augusto Chefe do Estado, ora ausente, a Sua Magestade o Imperador.

O banquete, começado ás 7 horas, terminou ás dez da noite, no meio da maior cordialidade e contentamento de todos os convivas.

Estes, sem duvida, levarão grata lembrança dessa festa politica, justo preito de homenagem ás qualidades eminentes do Sr. Visconde do Parnahyba e aos serviços incontestaveis e numerosos prestados por S. Ex. á causa publica.

Mais uma vez: honra ao Visconde do Parnahyba, benemerito paulista!

VII

UM ANNO DEPOIS

(Do *Correio Paulistano*.)

O dia 6 de Maio é uma data lugubre nos annaes de nossa Historia Paulista: de facto, elle rememora o passamento do Conde do Parnahyba.

Anniversario luctuoso, o de amanha, para a Provincia de São Paulo, que perdeu um de seus filhos dilectos, um dos obreiros incansaveis de seu progresso e engrandecimento.

Luctuoso, sobretudo, e fatal para o grande e generoso Partido Conservador, que viu desaparecer para sempre um de seus chefes mais prestimosos e queridos.

Faz um anno... Graves acontecimentos decorreram após a catastrophe que tão desapiedadamente golpeou a Patria e a Provincia. Mas o vácuo ahi está; ahi ficou impreenchida a lacuna, e impreenchível certamente.

Escreviamos á beira de seu ataúde, nestas mesmas columnas :

« Conservador de principios, elle consagrou toda a sua vida á defeza das idéas conservadoras.

O Conde do Parnahyba não era um simples legionario : empunhava galhardamente o bastão do commando. Nas pugnas eleitoraes, em campanhas memoraveis e em assig-naladas victorias, conquistára as dragonas de general.

Era um dos braços fortes do partido conservador, um de seus invenciveis baluartes, um chefe prestimosissimo e acatado por todos.

Ninguem o excedeu jámais na coragem, no entusiasmo palas grandes idéas de sua causa, na dedicação, e tambem na lealdade e no cavalheirismo.

Como presidente da provincia de São Paulo—cargo que foi imposto pelo gabinete 20 de Agosto ao seu civismo, e acceito nas mais difficeis conjuncturas economicas e sociaes. — e que elle exerceu durante cerca de dous annos, alcançou ampla messe de louros para a nossa altiva provincia.

A administração do Conde do Parnahyba foi benefica, brilhante e fecunda.

E quando mais não fizesse, o impulso assombroso que deu ao movimento immigrantista, bastaria para a gloria de um homem e de uma provincia.

O seu espirito lucido e atilado comprehendeu perfeitamente quão temerosa era a crise por que passava a lavoura nacional.

Com o olhar firme e resoluto, devassou os horisontes; viu que os dias da escravaria estavam contados; que a negra instituição estava condemnada para sempre. E assim, operario do porvir, cioso da grandeza de S. Paulo, administrador de vistas largas, talhado para estadista, — foi pre-

parando, lenta e seguramente, a transformação do trabalho, cooperando na grande obra encetada pelo nobre chefe do partido conservador da provincia: Trabalho livre na Patria livre.

E lançou em largas e solidas bases os alicerces do edificio que estamos vendo erguer-se magestoso e imponente, desafiando a acção do tempo e dos homens, e consummando, pacifica e legalmente, sem abalos nem convulsões, a transicção do trabalho escravo para o trabalho livre.

Fallaremos das grandes e generosas qualidades do amigo, cujo coração, cheio de bondade, estava aberto a todos os sentimentos nobres e deixava-se impulsionar pela nagnanimidade de uma alma bem formada e christan?

Aquelles—e muitos são—que privaram com o Conde do Parnahyba e o acompanharam em sua carreira tão cheia de serviços á causa publica, podem, com sinceridade e *ex-abundantia cordis*, dar testemunho vivissimo da affabilidade, da generosidade do Conde do Parnahyba e do muito que fez pelos amigos e pela terra que o viu nascer.

A sua falta irá avultando com o tempo.

Nas horas da provança é que o seu partido e a provincia saberão aquilatar melhor o vácuo immenso que se abriu no seio da sociedade paulista e do partido conservador.

Podemos dizel-o com franqueza: a sua perda é irreparavel.

Sim: o Conde do Parnahyba foi o Conde do Parnahyba. Ninguem o substituirá.»

O que diziamos está de pé: ninguem o substituiu.

Porque ninguem o podia substituir.

Nesta nossa triste epocha de mercantilismo social e politico, — epocha de transicção, de transacção e de evolução litteraria, industrial, religiosa e psychologica, — quando, ao surdo rumor dos Barbaros que se aproximam, o velho mundo desmantela-se e o novo mundo, por igual, assiste ao desmoronamento dos caracteres e das instituições—quando

o carcomido edificio esboroa-se, ameaçando tudo arrastar em sua quéda estrondosa, — a vida do Conde do Parnahyba, em sua unidade magestosa, em sua coherencia magnifica, encerra grandes e fecundos ensinamentos, quaes as lições dos homens de Estado educados na escola do trabalho, do patriotismo e da mais acrysolada abnegação.

Ao partido conservador, que elle tanto amou—e serviu; ao partido conservador, por quem elle sacrificou, sem aspirar ás posições culminantes a que fazia jus pelo seu merecimento e pelo seu civismo de Paulista da velha tempera; a esse partido, que não soube pagar em gratidão á sua memoria veneranda tudo quanto delle recebera e delle usufruira prodigamente, — cumpre resgatar uma divida enorme, insolvavel, eregindo em sua honra, em honra de seu legionario dedicadissimo, um monumento digno delle e digno de si.

Cumpre perpetuar aos posteros a memoria dos serviços prestados pelo politico incansavel, pelo lavrador intelligente e perspicaz, pelo administrador modelo, pelo director de uma empreza potente que tem de ligar S. Paulo a Goyaz e Matto-Grosso, pelo herdeiro glorioso dos heroicos bandeirantes, que levaram a civilisação e a fama do nome Paulista até aos Andes, « e não só a fama de seu nome, — o nome de seus heroes, os heróes de sua immortalidade, a immortalidade do seu patriotismo. »

Amigo e admirador do Grande Paulista, — o Grande Paulista como Lesseps é o Grande Francez e Gladstone o Grande Inglez — cumprimos neste momento o piedoso dever de correligionario, grato na vida e na morte, commemorando a data, para sempre lugubre e fatal, em que o Conde do Parnahyba sumiu-se na voragem do tumulo.

Descança o grande luctador no campo santo do torrão natal, no mesmo pedaço de terra em que jazem os seus maiores.

Os acontecimentos se precipitam e os horizontes annuam-se; mudam os tempos e os homens: tudo passa e se transforma, ao embate das idéas, dos interesses e das paixões desencontradas.

A sombra, porém, do Conde do Parnahyba, como que paira, assumindo proporções gigantescas, por cima de nossas luctas hodiernas, parecendo alentar-nos com o seu exemplo e confortar-nos, consolar-nos com as suas tradições.

Um exemplo e uma tradição: é o que é o illustre morto, — honra e gloria da Provincia de S. Paulo e do partido conservador.

Imitemos esse exemplo.

E guardemos religiosamente, no sacrario de nossas convicções, o culto dessa tradição.

S. Paulo, 5 de Maio de 1889.

Iskander.

VIII

SECRETARIA DO GOVERNO

(Correio da Franca, 20 de Junho de 1889).

No dia 10 do corrente, a 1 hora da tarde, despediu-se de seus collegas da Secretaria o sr. dr. Estevam Leão Bourroul, que entrára pouco antes no exercicio do cargo de segundo tabellião da capital.

S. s dirigiu a seus collegas, reunidos todos no seu gabinete, uma allocução sentidissima; e, ao rematar as suas palavras, não pôde contar as lagrimas que lhe embargaram a voz: e abraçou saudoso a cada um de seus ex-collegas.

Ao retirar-se do palacio da presidencia, o pessoal da Secretaria acompanhou o Dr. Bourroul até á porta do seu cartorio.

O nosso presado amigo pediu aos empregados da Secretaria que não promovessem a manifestação de apreço e pezar que tencionavam fazer-lhe, com toda a pompa do estylo, adduzindo razões que muito honram ao seu character e poem em alto relevo a sua excessiva modestia.

O Sr. Dr. Bourroul exercia o cargo de juiz municipal e de orpãos do termo da Franca, quando foi nomeado, por Decreto Imperial de 26 de Junho de 1886, Secretario da

Provincia. Fôra lembrado e convidado para este lugar de elevada confiança politica e pessoal pelo Exm. Sr. Conde do Parnahyba, em Outubro de 1885, isto é, cerca de 6 mezes antes de S. Exc. assumir as redeas da administração. (1)

Em consequencia de grave incommodo em pessoa de sua familia, que o reteve cerca de um mez no Ribeirão-Preto, onde ainda assim presidiu á reorganisação do partido conservador, só tomou posse do cargo de Secretario a 17 de Agosto daquelle anno.

Serviu até 8 do corrente, quasi 3 annos, com os seguintes presidentes: Conde do Parnahyba, Dr. Elias Chaves, Conselheiro Rodrigues Alves, Dr. Dutra Rodrigues, Dr. Pedro Vicente e, ultimamente, Dr. Barão do Jaguára.

Destes Presidentes dois já são fallecidos: o Conde do Parnahyba e o Conselheiro Dutra Rodrigues.

Consta-nos que o Sr. Dr. Bourroul tem preciosos apontamentos politicos e administrativos acerca da phaze em

(1) O Dr. Estevam Leão Bourroul, nascido a 18 de Maio de 1856, cursou as aulas de Humanidades no Lyceu Imperial de Nice, França, de 1865 a 1872, e recebeu o gráu academico pela Faculdade de Direito de São Paulo a 28 de Novembro de 1881. Casára-se com D. Maria da Gloria Bourroul, natural de Taubaté, a 8 de Dezembro de 1879, na capella episcopal desta capital. Era então estudante do 3º anno.

A 26 de Dezembro de 1881 foi eleito, em segundo escrutinio, deputado á Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo nono districto, recebendo votação dos tres partidos militantes.

Guerreado por todas as politicas na eleição de 1883, por se apresentar como *conservador* e *autonomista*, fôra de todas as chapas officiaes, não logrou ser reeleito, obtendo comtudo honrosa votação.

Em Julho de 1882 seguiu para a cidade da Franca do Imperador, a convite de amigos dedicados; e ahi fixou residencia. Advogou até 1885, quando, com a chamada ao poder do partido conservador, foi nomeado Juiz Municipal e de Orphãos do mesmo termo (Decreto de 21 de Novembro), cargo que exerceu até Julho de 1886.

Nomeado Secretario da Provincia, tomou posse do lugar a 17 de Agosto do mesmo anno e o exerceu até 5 de Junho de 1889, em cuja data foi pelo Presidente, Exm. Sr. Barão do Jaguára, provido na serventia vitalicia do segundo officio de tabellião de notas da capital de S. Paulo, sendo confirmado neste cargo pela situação liberal nascente, e depois, pelo Governo Provisorio deste Estado.

Redigiu grande numero de jornaes catholicos e politicos, de feição essencialmente conservadora, e escreveu diversas obras e folhetos de polemica e propaganda, todos tendentes ao mesmo fim.—E' advogado do fóro ecclesiastico por Provisão de 10 de Fevereiro de 1882; foi membro do Conselho Municipal da Franca e o é de varias associações litterarias.

que occupou o cargo de Secretario, mormente sobre o movimento abolicionista durante a presidencia do Conde do Parnahyba e a *bernarda* de 24 de Novembro de 1888 durante a do Dr. Pedro Vicente.

Si não houver algum inconveniente, será bom o auctor dar á publicidade taes apontamentos, escriptos em seu cahinho de observador, *au jour le jour*.

Devem ser interessantissimos. (1)

IX

LEGISLAÇÃO PROVINCIAL E FONTES

A Legislação Provincial é a fonte mais segura de estudo da Presidencia do Conde do Parnahyba, assim como os trabalhos da Companhia Mogyana a base mais certa para acompanhar o desenvolvimento assombroso do espirito industrial e economico do Patriota, e os seus Relatorios de 17 de Janeiro e 19 de Novembro de 1887 pharóes que lançam vi-vissima luz sobre toda uma phaze dos Années Paulistas.

Das 73 Leis e Resoluções, sancionadas de 28 de Abril a 8 de Junho de 1886 e das 125 sancionadas de 5 de Fevereiro a 3 de Maio de 1887, ao todo 198, ha muitas de méro expediente legislativo, é certo; mas ha, igualmente, grande numero que, votadas sob a inspiração do Administrador vigilante e zeloso pelo bem publico, concorreram poderosamente para a felicidade e a marcha ascendente da Provincia.

Os debates da Assembléa attestam este facto.

(1) Opportunamente serão publicados. E' apenas questão de tempo Sim, porque ha *tempus loquendi* e *tempus tacendi*.

De resto, *Veritas quæ sera tamen*.

Assim : a prorrogação do prazo para a conclusão das obras de construcção do ramal ferreo do Rio Pardo ;—a concessão á Companhia Ytuana do privilegio para a navegação a vapor no rio Tieté, desde Remedios até ao salto do Avandava ;—a authorisação para construcção de uma ponte, systema Bow String americano, na villa da Bocaina ;—a reorganisação do archivo da Secretaria da Instrucção Publica ;—a reconstrucção da ponte sobre o rio Atibaia ;—outra sobre o rio Parahyba, em Pindamonhangaba ;—privilegio para construcção de uma estrada de ferro da estação do Cruzeiro á cidade do Bananal ;—approvação dos traçadas das Companhias Ytuana e Sorocabana ;—privilegio para linha de bonds do Cambucy e Ypiranga ;—outro para linha de bonds em S. Carlos do Pinhal ;—privilegio para exploração de uma estrada de ferro entre Boituva e Porto-feliz ;—outros para linhas de bonds do Quiririm ao Parahyba e de Bragança á estação ;—outro á Companhia de Santo Amaro para trazer a sua linha de bonds da Villa Mariana ao Mercado ;—estabelecimento de colonias indigenas e serviço de catechese das mesmas ;—refórma da Instrucção Publica ;—concessão aos immigrants que se estabelecerem na provincia, de favores independentemente de entrarem para a hospedaria ;—concessão de privilegios para uma linha de bonds entre Rio Claro e Piracicaba e para uma estrada de ferro entre Taubaté e S. Luiz do Parahytinga ;—de privilegio para prolongamento da linha ferrea Rio Claro, da villa do Jahú á freguezia do Sapé ;—para uma linha de tramway a vapor da barranca do rio Parahyba ás raías da provincia de Minas ;—para uma linha de bonds da villa de Brotas á estação, e innumeradas disposições orçamentarias (leis ns. 124 de 28 de Maio de 1886 e 95 de 11 de Abril de 1887) cuja enumeração fóra

fastidiosa, são outras tantas sancções que bem confirmam o criterio administrativo do Presidente.

Elaborou e firmou os seguintes Regulamentos :

Sobre a entrega de auxilios a immigrants.—Instrucções de 10 de Agosto de 1886.

Para o serviço da colonisação provincial.—14 de Agosto.

Para o lançamento e cobrança do imposto de capitalistas.—24 de Setembro.

Para a Mesa de rendas da cidade de Santos.—21 de Outubro.

Regulamento para a Escola Normal. — 3 de Janeiro de 1887.

Regulamento para a Instrucção Publica Provincial.—22 de Agosto.

Instrucções para execução do Regulamento da mesma Escola.—24 de Agosto.

Instrucções para execução da lei n. 87 de 6 de Abril de 1887 reformando a Instrucção Publica.—23 de Agosto.

Regulamento para o serviço de Immigração.—30 de Agosto.

Regulamento para o Corpo Policial Permanente.—7 de Novembro.

Leis annuas.

Além das de orçamento provincial já mencionadas :

De força policial para o exercicio de 1886—87.—N. 78 de 3 de Maio de 1886.

Para o exercicio de 1887—88.—N. 29 de 24 de Março de 1887.

De Camaras Municipaes (orçamento) para o exercicio de 1886—1887.—N. 125 de 7 de Junho de 1886.

Para o de 1887—88.—N. 111 de 30 de Abril de 1887.

Bases para refórma da Instrucção Publica. — Relatorio de 17 de Janeiro de 1887, pags. 47 *usque* 51.

Bases para refórma do Thezouro Provincial.—Relatorio á Assembléa L. Provincial, pags. 102—103.

Estatistica por meio do systema das Monographias (Escóla do grande Le Play.)—Relatorio á Assembléa, pag. 103—106.

Finanças.—Exposição do estado do Thezouro da Provincia e bases para uma reorganisação racional. Relatorio á Assembléa, pags. 111—116.—Exposição ao Exm. Dr. Rodrigues Alves, pag. 134—138.

Bases para refórma penitenciaria. — Relatorio á Assembléa, pags. 127—131.

Estatistica judiciaria.—Relatorio á Assembléa, pags. 131—149.

Bases para refórma da Secretaria do Governo.—Relatorio á Assembléa, annexo n. XIII.—Exposição ao Exm. Dr. Rodrigues Alves, pags. 140—141.

Bases para reorganisação da Catechese e civilisação dos Indios.—Exposição de 19 de Novembro, pags. 33—34.

Decisões administrativas sobre diversos ramos, todos importantes, do serviço publico (elemento servil,

instrucção publica, municipalidades, etc., etc.) —Relatorios de 17 de Janeiro e 19 de Novembro de 1887, e expediente da Presidencia, publicado no *Correio Paulistano*, secção official.

Informação ao Exmo. Snr. Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho de ministros, sobre o estado financeiro da Provincia de S. Paulo, pelo Exm. Barão do Parnahyba, Presidente da mesma Provincia, em 20 de Abril de 1887. Com quadros comparativos e tabellas.—*Breve noticia do Estado financeiro das Provincias*. Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1887. Informação n. 2.

Para consulta

Relatorios presidenciaes, de 1886 a 1889, dos Exms. Snrs. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Barão e Visconde do Parnahyba, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues, Dr. Pedro Vicente de Azevedo e Dr. Barão do Jaguará.—8 vol. J. Seckler & Comp. S. Paulo.

Relatorios do Thezouro Provincial, annos de 1886—89.—4 vol. J. Seckler & Comp. S. Paulo.

Relatorios da Directoria da Companhia Mogyana, de 1873 a 1888.—Campinas e S. Paulo.

A Provincia de São Paulo. Commissão Central de Estatistica.—Relatorio apresentado ao Exmo Snr. Presidente da Provincia de S. Paulo 1 vol. de 578 pags. S. Paulo, 1888.

Annaes da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo, sessões de 1854—55, 1855—56, 57—58, 59—60, e sessões de 1886—1889.

Annaes da Camara dos Deputados, sessões de 1886, 1887, 1888.

Annaes do Senado, sessão de 1887.

Discursos do Barão de Cotegipe sobre as fugas de escravos de Campinas e a politica do gabinete 20 de Agosto.—1 folheto de 84 pags.—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887.

Artigo biographico do Snr. José Felizardo Junior, de 1886, no *Diario Mercantil*, com um bom retracto.

Dr. Leite Moraes.—*Apontamentos* e ligeiras considerações sobre o prolongamento da E. de F. Mogyana de Casa Branca a Matto Grosso.—1881.

Manuel Eufrazio de Azevedo Marques.—*Apontamentos historicos*, etc.

Collecções de Leis e Posturas Municipaes. 1886, 1887, 1888, 1889.—4 vol. broch. S. Paulo. Typ. do *Correio Paulistano e Internacional*.

Relatorio da Directoria da Associação Promotora da Imмиграção.—18 de Novembro de 1887.

Relatorio do Exm. Snr. Conselheiro Antonio da Silva Prado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.—Côrte, 1887.

Dito do Exm. Snr. Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, idem.—1888.

Senador Dr. Joaquim Floriano de Godoy:—*O Elemento Servil e as Camaras Municipaes*.—1889.

—*Provincia de São Paulo*.—Tentativas centralisadoras do governo liberal.—Rio de Janeiro, Typ. do *Cruzeiro*, 1882.

Estevam Leão Bourroul: *Relatorios da Secretaria do Governo*, annos de 1887 e 1888. Annexos aos

Relatorios e impressos em avulso pela casa J. Seckler & Comp. 3 fasciculos.

Dr. Paulo Egydio.—*A Provincia de São Paulo em 1880* (Ensaio historico — politico).—S. Paulo 1889. E' a apotheose do Conselheiro Antonio Prado; ha gravissima omissão, certamente não proposital, no tocante á presidencia do Conde do Parnahyba.

A Procellaria, redactor Julio Ribeiro, n. 5 de 6 de Fevereiro de 1887.

E outras.—Cito de memoria.

X

O PARTIDO CONSERVADOR

S. Paulo, 31 de Julho de 1887.

A interpellação do inspirado poeta Sr. Affonso Celso Junior forneceu ao benemerito presidente do conselho de ministros optimo ensejo para, mais uma vez, definir a indole e os intuitos do partido conservador brasileiro.

O nobre Sr. Barão de Cotegipe está nas tradicções da historia politica, e as suas palavras têm muito peso nas actuaes circumstancias, hoje que certos espiritos irrequietos e turbulentos procuram turvar as aguas e torcer os programmas dos partidos, sophismando as tendencias e invectivando o passado glorioso do partido conservador.

A esses, nem soccorre a desculpa que assiste a um Randolpho Churchill, a um Raoul Duval, a um Emilio Ollivier: seriam, quando muito, coveiros do seu partido, si a existencia do partido dependesse de tão altas capacidades.

Mas não será a eloquencia de Sylvio Dinarte nem a rhêtorica dos seus co-redactores da *Immigração* que hade abalar o partido conservador e desvirtuar-lhe o programma, compromettendo o futuro das instituições juradas.

Verba, verba, pretereaque nihil.

Disse o Snr. Barão de Cotegipe, na Camara dos Deputados, sessão de 26 do corrente :

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*).—Eu respondo que a politica do gabinete não soffreu modificação alguma.

Procurou-se achar nas palavras do meu honrado collega, Senador pela provincia de Pernambuco, uma nova phase da politica.

O SNR. LOURENÇO DE ALBUQUERQUE.—Politica do futuro.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*).—Snr. Presidente, não vi nas expressões daquelle honrado Senador sinão a prova do que succede em todos os partidos. (*Apoiados*). Não é possível que, em todos os pontos, em todas as questões haja perfeito accôrdo e uniformidade entre os membros do mesmo partido. Ha idéas que poderão ser realisadas pelo mesmo partido, mas que ainda não estão amadurecidas. Entretanto, chegada a oportunidade, uns são mais aptos para realisar do que outros, que trabalham em sentido opposto, ou em sentido mais conservador de determinadas instituições. Eu, especialmente, sou apontado como o symbolo dos emperrados. (*Hilaridade*)

O SNR. ANDRADE FIGUEIRA :—E' uma grande injustiça que fazem a V. Exc. : é dos reformadores mais audazes.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—Pois, Snr. Presidente, deixo que empreguem esses meios, que usem desses recursos de partido, e sorrio-me.

O SNR. AFFONSO PENNA :—O nobre deputado pelo Rio de Janeiro acaba de accusar V. Exc. de ser reformador dos mais audazes.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—Ha outros mais do que eu.

O SNR. ANDRADE FIGUEIRA :—Protesto contra a injustiça que fazem ao Snr. Presidente do Conselho, que é um dos reformadores mais audazes que temos tido ; e proval-o-hei quando quizerem.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—Snr. Presidente, já em outra occasião eu disse que não gostava de trazer a minha aucto-

ridade para justificar-me ou justificar os meus argumentos. Mas como o caso é pessoal, é de opinião, posso lembrar que, nos antigos tempos, quando dominava o partido liberal, de 1862 a 1867, estive á testa da politica um liberal, conservador por indole e conservador por acto—o Snr. Conselheiro Zacariás. (*Apoiados*). Então accusavam o partido conservador de ser um partido que não queria nem promovia o progresso do paiz.

O SNR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— A esse conservador fez V. Exc. como liberal, a mais terrivel opposição.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—Tive de responder-lhe então, e com applausos dos liberaes historicos, que diziam: « venham antes os conservadores do que liberaes desta natureza ».

Por ventura, dizia eu, o partido conservador é um marco miliario? a conservação é o immobilismo? é não progredir?

Não; o partido conservador, quando as paixões se desencadeiam, quando as idéas avançadas ameaçam instituições fundamentaes e a subversão mesmo do paiz, o partido conservador toma a posição de resistencia, não auxilia, reage; põe a *juncta do couce*. (*Hilaridade*). Quando, porém, correm os dias serenos, o partido conservador, inspirando-se nas idéas do progresso reflectido, gradual, realisa os melhoramentos que a experiencia tem demonstrado serem oppor-tunos e põe-se á frente da propaganda sensata. (*Apoiados*).

Esta é que é a sua missão.

O SNR. MANUEL PORTELLA (*ministro do imperio*):—Tem sempre dado provas disso.

O SNR. AFFONSO CELSO JUNIOR dá um aparte.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—E olhai, senhores, olhai para este paiz e dizei-me si ha algum progresso em que os conservadores não tenham posto a mão? (*Apoiados*).

UM SNR. DEPUTADO:—Depois de preparados pelos liberaes.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—E' o que acontece em todos os partidos liberaes; uma vez realisada a idéa pela qual pu-

gnaram, tratam logo (e isso está em sua indole, em sua missão), de atirar a barra além, de explorar novos horizontes, semear novas idéas; e, então, o nosso trabalho, o nosso papel consiste em combater essa tendencia, que se tornaria perigosa em seus resultados, até que chegue a oportunidade e a experiencia demonstre que dalli, em vez de desvantagem vem vantagem á nação. Deste choque resulta o equilibrio. (*Apoiados*).

Costumam os nossos adversarios usar de certas palavras, não direi tabelliôas, porém logares communs—«idéas adiantadas, progresso, civilisação moderna, evolução.» Quando se entra no exame de alguma dessas idéas adiantadas, vê-se que, si ellas fossem realisadas ao menos desde logo, como querem, anarchisariam o paiz (*apoiados*); para casos taes applica-se a junta do couce. (*Hilaridade*).

Provocam-nos a nós outros conservadores, aquelles que tem algumas idéas mais adiantadas, a que se separem do partido e promovam a realisação dessas idéas. Já tambem fui assim provocado: tenho longa experiencia das tentações. (*Hilaridade*). Fui partidario, e por causa da idéa da eleição directa deixei de ter a honra de fazer parte do ultimo ministerio do Snr. Visconde do Rio Branco. Aconteceu, porém, que tive de ser chamado para substituil-o, na occasião da segunda viagem de Sua Magestade o Imperador, e aceitei a pasta, que me foi offerecida com instancia pelo meu illustre e chorado amigo o Snr. Duque de Caxias.

Havia então em discussão no senado uma reforma eleitoral, que não era a da eleição directa, mas que produzia, pelo modo por que se fazia a votação, a representação das minorias.

A opposição tentou-me, invocou os meus principios, invocou minha opinião manifestada sobre a eleição directa e disse:—E' a occasião: ou agora ou nunca; estaes no ministerio; realisae as vossas idéas.

Tiveram-me por contradictorio, porque não tomei o conselho; mas eu não tinha aceitado o ministerio para realisar as minhas idéas, tinha aceitado o ministerio para ir de accordo com as idéas até então do partido conservador, sem comtudo renunciar aquellas que eu tinha. (*Apoiados*) Respondi-lhes:—«Sim senhores, sou partidario da eleição directa, mas para realisal-a com o meu partido: é preciso

que elle queira adoptar (*apoiados*; *muito bem*); enquanto eu não convencer ao meu partido de que deve adoptar a refórma, não a provocarei, produzindo uma scisão, porque prefiro sacrificar momentaneamente minha opinião á opinião da generalidade daquelles com quem vivo (*apoiados*).

O SNR. AFFONSO CELSO JUNIOR:—Vá a carapuça a quem toca.

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—... Si, porém, em algum tempo os liberaes subirem e precisarem do meu auxilio, o encontrarão franco, como hoje prometto.» E realisei a minha promessa. (*apoiados*)

O SNR. PEDRO LUIZ:—Si não fosse V. Exc., não se tinha feito a refórma

O SNR. BARÃO DE COTEGIPE (*presidente do conselho e ministro de estrangeiros*):—... separando-me então com pezar de alguns amigos que não commungavam na mesma opinião.

Portanto, quem realisou a eleição directa foi o partido liberal. A elle cabe esta honra; a mim apenas cabe a de Cyrineu, e mais nada.

Eis, Snr. Presidente, como procede um homem politico; não é procurando questiunculas ou idéas que tenha, mais ou menos adiantadas para levar ao seio do seu partido a dissidencia, as separações e, portanto, o enfraquecimento. (*Muito bem*)

E' isto mesmo.

Conforma-se com a doutrina geralmente proclamada pelos publicistas da escola conservadora.

Hallam, em sua apreciada *historia constitucional da Inglaterra*, descrevendo os caracteres originarios dos dous partidos *tory* e *whigt*, assim se exprime:

« Ambos esses partidos estavam de accordo sobre a manutenção da Constituição, isto é, do regimen por um soberano hereditario, e sobre o concurso delle com duas camaras do parlamento na confecção das leis, como ainda sobre outras instituições reputadas antiquissimas e fundamentaes.

« Mas para um *tory* a Constituição era um ponto extremo, ao passo que um *whigt* julgava que todas as fórmulas do regimen eram subordinadas ao bem publico, e portanto sujeitas a modificações toda a vez que não attingisse aquelle fim.

Regeitando ambos toda a innovação inutil, uns, os *whigt*, tinham natural tendencia, e os outros, os *tory*, aversão aos melhoramentos políticos: uns acatavam mais os prestigios dos subditos, os outros as prerogativas da Corôa. Pouco tardou que o principio dos *whigt* fosse o melhoramento, e o dos *tory* a conservação. Ambos os partidos, porém, appareceram por si mesmos, armados de um caracter moral que suffocava o egoismo e o espirito faccioso. »

Aqui temos os dous partidos constitucionaes, em theze.

Certamente o partido liberal não se reveste sempre desse caracter moral de que nos falla o publicista inglez, nem deixa de suffocar o egoismo, o espirito faccioso, que é antes o seu caracteristico em as refôrmas radicaes que apregoa na tribuna.

Ao partido conservador, porém, cabe a missão de reagir e contrabalançar, quando não inutilisar uma propaganda funesta e perigosa, que põe em risco de vida as instituições fundamentaes do paiz.

—Não parar, não retroceder, nem precipitar, tal a divisa do partido, á frente de cujo governo se acha o venerando Presidente do Conselho.

Fóra dahi, não ha salvação politica.

ISKANDER.

(*Correio Paulistano*)

N'esta mesma ordem de principios, escrevi, em 9 de Maio de 1889, um mez antes da quéda da situação conservadora, seis mezes antes da quéda da situação liberal e do desmoronamento do Throno, o seguinte edictorial no *Correio da Franca*, no qual, como que previa os acontecimentos:

XI

O PRINCIPIO DA AUTORIDADE

Na quadra afflictiva que atravessa o paiz, o signal mais caracteristico do desmantelamento geral é o enfranquecimento do principio da autoridade.

Nunca, em tempo algum, foi a autoridade mais desprestigiada, sob todas as suas fórmulas.

E, infelizmente, cumpre confessar, os governos, responsaveis perante a Corôa e a opinião nacional, não têm tido a coragem necessaria para oppor um dique á invasão dos principios damninhos e subversivos.

A culpavel tolerancia dos governos é que tem acoroçoado o movimento republicano-anarchista e o torpe florescimento do *pensamento livre*.

A Constituição, garantindo a propriedade e a liberdade, tem sido violada abertamente e apunhalada pelos sectarios. A imprensa demagogica e impia é quem dicta leis. A imprensa constitucional, esta, em vez de congregar os seus esforços para fazer face ao inimigo commum, pleitêa eleições e primazias de campanario e, quaes os rhetôres do Baixo Imperio, discutem sobre a essencia do ser e do não ser e arredondam phrazes, quando as hostes barbaras batem ás portas da cidade.

Sem a restauração do principio da autoridade e a sua affirmação franca e corajosa, nada poderemos conseguir em prol da Monarchia Brazileira e da Religião do Estado.

Sentinellas perdidas no vasto campo da batalha, clamamos no deserto, porque os proprios depositarios do poder publico dão o tristissimo exemplo da pusillanimidade e da transigencia no terreno dos principios.

Esquecem-se, porém, que os principios não são o patrimonio de individuos, nem de familias, nem de corrilhos. Os principios de conservação social e religiosa pertencem a um partido e pertencem á nação.

Não ha sophismal-os nem desvirtual-os. E quem inaugurar a politica sem entranhas do convencionalismo, do respeito humano e do nepotismo, será tragado pelo Minotauro revolucionario.

Cumpre, antes de tudo, salvar o principio da autoridade de um naufragio inevitavel, que seria uma catastrophe tremenda.

Terá o gabinete 10 de Março a força e o prestigio necessario para resistir e inaugurar nova ordem de cousas?

Elle que conta no seu seio um philosopho christão, como Ferreira Vianna, e um grande proprietario e influencia poderosa incontestada, como Antonio Prado, poderá, querendo, evitar o cataclysmo e levar a náu do Estado a porto de salvação, hasteando resolutamente a bandeira da reparação, da compressão e da restauração.

E si não, antes de sujeitar-se a uma derrota ingloria, ceda o lugar ao mais digno e deixe que os acontecimentos se precipitem.

A hora de Deus hade soar fatalmente.

Até ahi, salvem-se ao menos as apparencias.

E' bello cahir por entre ruidosas palmas, como o gladiador romano. Mas é triste morrer, como Vitellio, acossado pelos sicarios em lugares vedados.

Salvemos o principio da autoridade! tal deve ser o grito de alerta do partido conservador.

Mas... é bem certo que—*quos vult Deus perdere dementat prius*.

A pedra que era arremessada do alto da montanha não podia ser sustada em sua vertiginosa carreira.

O chefe do gabinete mandára que—crescessem e apparecessem.

Assim fizeram.

Bem o eu tinha dito e previsto:—a hora de Deus havia de soar fatalmente.—*Erat in fatis*.

Os principios da Escóla Conservadora são inabalaveis e imperscriptiveis.

Não são o patrimonio de um homem nem de um grupo.

As idéas apregoadas solemnemente pelo Barão de Cotegipe do alto da tribuna senatorial continuam a ser o lemma dos conservadores Brasileiros.

O Barão de Cotegipe, o émulo dos maiores estadistas constitucionaes, dos Bernardo Pereira de Vasconcellos, dos Euzebio, dos Nabuco, dos Olinda, dos Paraná, dos Montalegre, dos Aureliano, dos Zacarias, dos Paranhos, dos Candido Mendes e outras columnas do Imperio,—continuará a refulgir no sol de nossa Historia Politica como uma das estrellas mais brilhantes do Parlamentarismo.

A fórma póde mudar. O fundo, porém, sempre fica.—*Manet immota fides.*

O Conde do Parnahyba pertenceu á escóla do partido conservador genuino.

Era democrata quanto soía a um monarchista Brasileiro, pois a nossa Monarchia foi essencialmente democratica, nivelladora e liberal em excesso. E pereceu no vacuo por isso mesmo.

Napoleão III, por igual, espirito culto e coração magnanimo, e um dos monarchas que mais tem honrado o throno de S. Luiz e de Philippe Augusto, cahiu pelo mesmo motivo.

A causa da quéda do Imperio francez não foi o desastre de Sedan: foi o ministerio liberal do generoso e eloquente Emilio Ollivier.

O papel do partido conservador Brasileiro não está terminado.

Bem o disse em seu memoravel Manifesto o Snr. Barão do Jaguára, um dos Paulistas a quem caberá

certamente, em breve, notavel papel no scenario politico do paiz, sob o novo regimem que surgir da eleição do Parlamento :

« Com a quéda da Monarchia teria desaparecido o partido conservador ?

« Não.—Podemos ser tão bons conservadores na Republica como o fomos na Monarchia.

« Entendo que o partido conservador ainda tem uma grande missão a cumprir, qual a de ser o elemento ponderador no meio dos embates das doutrinas, dos choques das paixões e interesses que por ventura se derem.

« A obra da nova organização politica e social precisa do concurso esclarecido de todos os cidadãos, e nella deverão os antigos partidos prestar assignalados serviços, competindo ao partido conservador guardar o deposito sagrado dos principios que sempre defendeu, afim de dar ao novo regimem a feição conservadora dos governos de Thiers e Mac-Mahon, e evitar convulsões sociaes, ás quaes seriamos arrastados pela má comprehensão da liberdade civil e politica.

« O que não convém por fórma alguma é desamparar a causa conservadora e deixar correr á revelia os pleitos eleitoraes.

« Hoje mais do que nunca devemos intervir activa e effcazmente na grande obra da reorganização do paiz, para que as novas instituições sejam vasadas em molde conservador, offerecendo garantias de ordem, estabilidade e progresso. »

A sociedade Brasileira está sobre um vulcão.

Muitos e melindrosos são os problemas políticos, sociaes e religiosos que convulsionam a actualidade.

E, dóe-nos confessar, o Governo Provisorio, detentor de um poder immenso e absoluto, não lhes tem dado a solução mais racional e consoante á indole do nosso povo, tão ordeira e tradicionalista.

Assim, a separação da Igreja do Estado,—o casamento civil, — a secularisação dos cemiterios,— e outras medidas radicaes, não produziram bom effeito no *povo bestializado*, nem são feitas para attrahir sympathias fervorosas á nova ordem de cousas, unica existente.

Ao partido conservador cumpre resistir á invasão do radicalismo. E para isso é mister que se arrigmente e aggremie, constituindo um todo e acclamando chefes idoneos e respeitaveis, sem compromissos com a impiedade nem com a Revolução cosmopolita, e tendo em mira unicamente a reconstrucção da patria e a restauração dos bons principios.

E' um prodromo de feliz agouro a idéa que, em muitas partes do paiz, surge triumphante,—de um Partido Catholico.

E esse não poderá deixar de ser o partido conservador, como na Belgica, França, Hespanha, Baviera, Italia, Austria, Chile, etc.

Não se trata de fórma de governo. O partido conservador paira acima das modalidades partidarias e apenas cogita do bem da Patria e da salvação da sociedade.

N'esta ordem de cousas, a vida do Conde do Parnahyba é um exemplo cheio de lições proveitosas e de elevados ensinamentos.

Foi partidario convicto e politico inquebrantavel, mas nunca sacrificou os seus principios nas aras de uma popularidade van e ephemera e de interesses transitorios e despídos de grandeza.

Com elle, o partido conservador Paulista attingiu ao seu fastigio; e o seu nome é um symbolo de honradez e patriotismo.

Ao partido conservador não faltam homens.

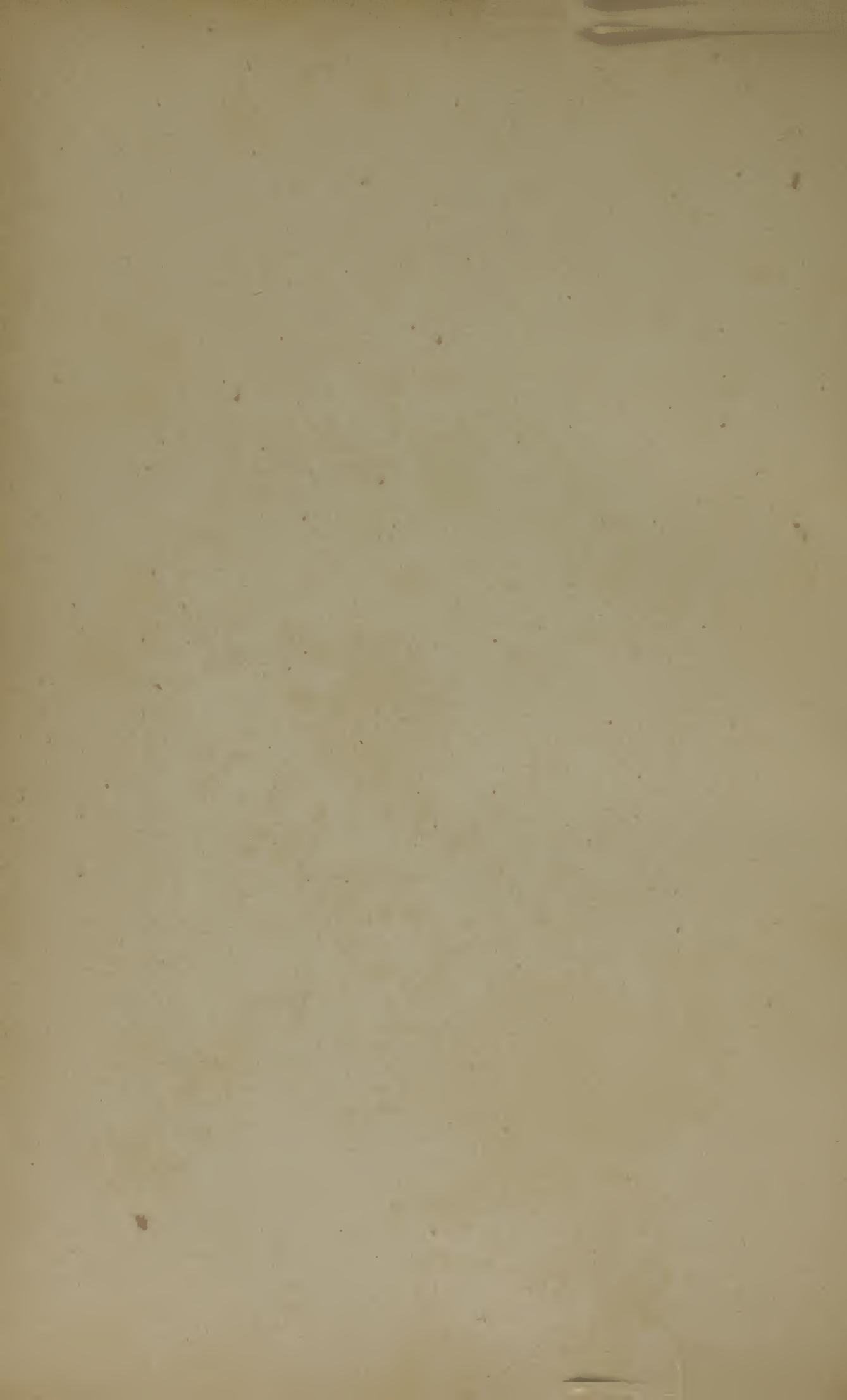
Elle os tem, e bons, e dignos de sua missão. Colloquem-se francamente á testa do movimento regenerador, chamem a si os antigos liberaes amigos da liberdade e da ordem, e implantem neste Estado e no paiz o regimem da autonomia, da independencia, do amor ás liberdades publicas, á tolerancia e ás crenças religiosas da immensa maioria dos cidadãos. (1)

A memoria do Conde do Parnahyba servir-lhes-ha de exemplo, alento e conforto.

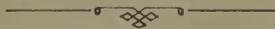
Mãos á obra, e, — concluindo como principiei — reergamos o partido conservador, para melhor servir ao Brazil; porque assim reerguêremos o nivel moral e intellectual do paiz e, desassombrados encaminharemos a Terra da Vera Cruz aos seus gloriosos destinos, — POR DEUS E PELA PATRIA.



(1) D'ahi a necessidade do partido conservador, ao qual deverão adherir os liberaes amigos da liberdade calma e reflectida, e os republicanos que presarem mais as idéas do que os homens, os republicanos que não querem o Estado sem Deus, a Escóla sem Christo, a Officina sem Decalogo, o Poder sem correctivo, a Familia sem Religião, o Cemiterio sem bençã, e o nosso vasto territorio sem a sua magnifica e providencial Unidade. -- Verdadeiro Partido Nacional — (Não, simples resposta a uma Consulta, por Estevam Leão Bourroul, pag. 18).



ERRATA E ADDITAMENTO



A' pag. 5, linha 6 e 7, em vez de José Ribeiro de Camargo leia-se José Ribeiro de Araujo, e em vez de D. Anna Blandina de Almeida Prado leia-se D. Anna Pedroso de Almeida.



Escaparam agluns erros typographicos, de pouca monta



Additamento á pag. 5, *in fine*.

Legislatura provincial de 1856—1857:

«A commissão apurou os votos de todos os collegios, e entendendo que não era fundada a separação feita pela camara em razão de algumas notas das differenças, reunio esses votos nas mesmas pessoas, bem certa que a eleição não era destinada para diversos nomes, ou candidatos diversos. E em resultado offerece a lista dos trinta e seis deputados e outros tantos supplentes que na sua opinião devem ser

como taes approvados e declarados para a legislatura, além dos outros votados por sua ordem.

1. ^o	Barão do Tieté.....	525
2. ^o	Dr. Joaquim Octavio Nebias.....	482
3. ^o	Dr. Antonio Joaquim Ribas.....	482
4. ^o	T.-cor. Amador R. de Lacerda Jordão	469
5. ^o	Salvador Corrêa Coelho.....	463
6. ^o	Conselheiro Carlos Carneiro de Campos	455
7. ^o	Dr. Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra.	440
8. ^o	Major Antonio Joaquim da Rosa.....	440
9. ^o	Dr. José Alves dos Santos.....	436
10.	Comm. Antonio de Queirós Telles...	428
11.	Coronel Francisco de Paula Machado.	424
12.	Dr. Diogo de Mendonça Pinto.....	417
13.	Dr. João Sertorio Junior.....	416
14.	Dr. Antonio G. Barboza da Cunha...	415
15.	Conego Joaquim Manuel G. d'Andrade	401
16.	Dezemb. Fernando Pacheco Jordão...	394
17.	Dr. Pedro Taques de Almeida Alvim.	382
18.	Padre Francisco de Paula Toledo....	381
19.	Dr. Joaquim Floriano de Godoy Junior	368
20.	Martinho da Silva Prado.....	364
21.	Coronel Marcellino José de Carvalho..	353
22.	Manuel Affonso Pereira Chaves.....	351
23.	Martim Francisco Ribeiro de Andrada	339
24.	Dr. Antonio de Queirós Telles.....	338
25.	Dr. Manuel Marcondes de Moura e Costa	337
26.	Dr. Francisco A. de Almeida e Mello	332
27.	Senador José Manuel da Fonseca.....	332
28.	Padre João Vicente Valladão.....	331
29.	Dr. Joaquim Pinto Porto.....	328
30.	Dr. Francisco Honorato de Moura....	328
31.	Dr. José Pedro de Azevedo Segurado	326
32.	Dr. Francisco Emygdio da Fonseca..	323
33.	Barão de Guaratinguetá.....	322
34.	Dr. João Baptista da Silva Gomes Barata	318
35.	Dr. João da Silva Carrão.....	313
36.	Dr. Ignacio José de Araujo.....	308

Supplentes :

1. ^o	Senador José Ignacio Silveira da Motta	305
2. ^o	Dr. Prudencio G. T. da Veiga Cabral	297
3. ^o	Conego Manuel Teixeira de Almeida.	296

4. ^o	Manuel Eufrazio de Toledo.....	295
5. ^o	Dr. José Elias Pacheco Jordão.....	292
6. ^o	Dr. João Dabney de Avellar Brotero.	286
7. ^o	Antonio Augusto da Fonseca.....	279
8. ^o	Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos	278
9. ^o	Joaquim Egydio de Souza Aranha..	266
10.	Dr. João Theodoro Xavier de Mattos.	263
11.	Manuel Venancio Campos da Paz....	256
12.	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	245
13.	Manuel Eufrazio de A. Marquês Sobrinho	238
14.	Antonio Gomes dos Reis.....	228
15.	Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior....	227
16.	Dr. Manuel Bento Guedes de Carvalho	226
17.	Dr. João Nepomuceno de Souza Freire	220
18.	Luiz Alves da Silva.....	219
19.	José Porfirio de Lima.....	206
20.	Manuel Antonio Bittencourt.....	205
21.	Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno.	203
22.	Dr. Daniel Augusto Machado.....	199
33.	José Vicente de Azevedo.....	197
24.	Dr. José Carlos d'Alambary Luz....	195
25.	Vigario José Antonio Pinto.....	194
26.	Dr. Bernardo Avelino Gavião Peixoto	187
27.	Dr. Joaquim Ignacio Ramalho.....	184
28.	Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar	179
29.	Dr. Francisco José de Azevedo Junior.	176
30.	João Gonçalves Pereira.....	172
31.	Dr. Antonio Gonçalves Gomide.....	171
32.	Dr. Manuel Dias de Toledo.....	157
33.	Dr. João Mendes de Almeida.....	155
34.	Francisco Ignacio dos Santos Cruz...	155
35.	Antonio Moreira da Costa Guimarães.	152
36.	Brigadeiro José Joaquim M. de Oliveira	149

Sala das sessões, 13 de Fevereiro de 1856.—*Joaquim Octavio Nebias—Ribas—Mendonça.*

Additamento á pag. 14.

O Dr. Queirós Telles, em Roma, obteve uma audiencia especial do Glorioso Pontífice, de Santa Memoria, PIO IX O GRANDE, para si e sua christianissima familia. E nelle affirmou os seus principios orthodoxos.

Vide pag. 67 *in fine*.

Additamento á nota da pag. 93.

O Dr. João Alvares Rubião Junior era o Secretario do Conselho Director da *União Conservadora*, hoje dissolvida. S. s. é hoje membro conspicuo da Intendencia Municipal da Capital, que veiu substituir a Camara Municipal, eleita legalmente pelo povo e dissolvida sem razão pelo illustrado e integro Snr. Dr. Governador do Estado, Prudente José de Moraes Barros.

O periodo da presidencia do Conde do Parnahyba, relativo á questão servil, fará o objecto de uma monographia especial, que mais tarde será publicada.

O complemento desta biographia será publicada na segunda eddicção, a que forçosamente terei de proceder, por estar de antemão esgotada a primeira edicção.



O FAC--SIMILE

Este bilhete é de 29 de Outubro de 1886.

O Barão do Parnahyba viajava com SS. MM. Imperiaes, quando occorreu o lamentavel passamento do Senador José Bonifacio de Andrada e Silva.

Não havendo tempo para consultar S. Exc. sobre as honras funebres a prestar ao illustre finado, o então Secretario da Provincia deliberou, em virtude de estar a seu cargo o expediente diario da presidencia, na ausencia do Barão, —mandar prestar ao Conselheiro José Bonifacio todas as honras compativeis com a alta posição que occupava.

O Barão do Parnahyba, lendo nos jornaes desta capital, a noticia do enterro, escreveu este bilhete ao Secretario da Provincia.

Tendo de dar um *fac-simile* do biographado, escolhi este, que caracteriza a nobreza do coração de S. Exc.

Mr Dr Bourroul.

Approvo tudo quanto se fez para
o entendo de todos os Bonifacistas,
sem nome mais é pertencente do a um
partido, é a 'Prova' e ao Povo, e deves todos, especial
mente os Paulistas cobrirem se de tudo.

B. de Paranhos

« Não ha tempo para o amor certo -

DOUS ANNOS DEPOIS

As folhas de São Paulo publicaram, a 6 de Maio do corrente anno, em sua *secção livre*, o seguinte artigo :

Conde do Parnahyba

Hoje, segundo anniversario do passamento do benemerito Paulista e insigne patriota, devia ser dada á luz da publicidade a *Biographia* que delle escrevi, e mandei imprimir na casa J. Seckler & Comp.

Deu-se, porém, grave contratempo, devido a não ter o retrato ficado prompto opportunamente.

Por isso, pedindo desculpa pelo facto de não poderem ser publicados no dia proprio os *Apontamentos biographicos* do grande cidadão, cumpre-me assegurar que a demora será de poucos dias.

E peço aos meus amigos o obsequio de me devolverem as listas que lhes remetti.

* * *

Honra e gloria da provincia de São Paulo, o Conde do Parnahyba faz jus a todo o fervor de nossas sinceras homenagens.

Paulista acima de tudo, o illustre patriota elevou a nossa Provincia a altura que nunca attingira até ahi. E preparou com admiravel lucidez e previdencia admiravel a transição, legal e pacifica, do trabalho escravo para o trabalho livre.

Esta data não póde, portanto, nem deve passar desapercibida.

E' uma data luctuosa para a provincia de São Paulo.

Honrando a memoria veneranda do Conde do Parnahyba, prestaremos por igual homenagem ao progresso, ao engrandecimento e á civilisação deste abençoado torrão paulista.

S. Paulo, 6 de Maio de 1890.

ESTEVAM LEÃO BOURROUL.

Les morts vont vite.

A imprensa, que costuma publicar artigos encomiasticos e louvaninheiros a quanto acrobata e artista de merecimento mais ou menos duvidoso aporta ás nossas plagas; e que prefere rememorar as *glorias* estrangeiras á memoria dos heróes da patria,—solemnisou este anno com a Conspiração do Silencio o segundo anniversario do insigne Paulista.

Antes assim. O coração do povo é que não esquece, porque a gratidão popular, felizmente para a dignidade humana, sobrevive á ingratição das aggremações politicas e ao uivar dos sordidos interesses do Mercantilismo social.

O que Eduardo Drumont escreveu em suas monumentaes obras—*La fin d'un monde* e *Dernière Bataille*—applica-se, adapta-se perfeita e maravilhosa (e infelizmente) ao nosso Brazil.

.

Pobre raça latina !

Sem termos a ventura de possuir um Kosciusko, é mesmo o—*finis Poloniae*.

Ohé, les races latines, ohé ! (1)

In memoria æterna erit Justus.

A *Imprensa Ytuana*, em seu numero de 18 de Maio, escreveu o seguinte :

Recebemos a seguinte carta do Dr. Estevam Leão Bourroul, que, com a devida venia, publicamos :

S. Paulo, em 13 de Maio de 1890.

Illm. Snr. Redactor da *Imprensa Ytuana*.

Agradeço cordialmente as suas honrosas referencias á *Biographia*, que vou publicar, do nosso sempre lembrado Conde do Parnahyba.

Os artigos que a *Imprensa Ytuana* editou sobre a morte e as exequias do benemerito Paulista, que extremecia a Fidelissima Cidade. acharão lugar tambem no appendice.

Entendo que Ytú deve concorrer poderosamente para a impressão de minha obra, que deve ter cerca de 200 paginas, com retrato e *fac-simile*, e uma vista do palacio da Imigração.

Pretendo apenas salvar as despezas de impressão. O excedente, si o houver, será consagrado a qualquer obra pia em homenagem á memoria veneranda do grande cidadão.

Ficarei grato si quizer dar esta noticia aos seus leitores.

Creia-me, Snr. Redactor, com affecto e consideração, o seu

Collega, patricio e admirador,

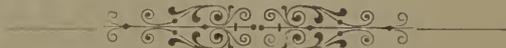
ESTEVAM LEÃO BOURROUL.

(1) Joséphin Péladan, *Le Vice Suprême*, pag. 216

A população desta cidade não deve ficar indifferente diante do appello do illustre Paulista, que trata de prestar uma homenagem áquelle que foi seu melhor amigo e que esta cidade tanto estremecia—o Conde do Parnahyba.

Muitos outros orgams da imprensa patria noticiaram em termos benevolos este singelo trabalho.

Espero que lhe dispensem o acolhimento a que faz jús, não pelo valor litterario, que é nenhum, mas pelos nobres intuitos que o engendraram.





INDICE

PRIMEIRA PARTE

BIOGRAPHIA

	Ao leitor.....	pag.	1
I	Notas genealogicas.....	»	3
II	Advogado e deputado.....	»	7
III	O politico conservador.....	»	8
IV	Em Ytú.....	»	10
V	A Companhia Mogyana.....	»	11
VI	Periodo presidencial.....	»	15
VII	Os prodromos da abolição e o gabinete Cotegipe....	»	23
VIII	Viagem de SS. MM. Imperiaes.....	»	37
IX	A morte e as exequias.....	»	40

SEGUNDA PARTE

JUIZOS DA IMPRENSA

I	Editorial do <i>Correio Paulistano</i> , de 8 de Maio de 1888 ...	pag.	48
II	Notas do mesmo—9 de Maio.....	»	51
III	Revista dos jornaes » »	»	51
IV	Editorial do <i>Correio de Campinas</i> , 8 de Maio.....	»	52
V	Artigo da <i>Gazeta de Campinas</i> » »	»	56
VI	Exequias em São Paulo.....	»	59
VII	Oração funebre do Revm. Pad Camillo Passalacqua...	»	68
VIII	Artigo da <i>Imprensa Ytuana</i>	»	68
IX	» » » »	»	69
X	Exequias em Ytú.....	»	70
XI	Communicações á Imprensa.....	»	76
XII	Artigo d' <i>A Provincia de São Paulo</i>	»	81

XIII	Dito do <i>Correio da Limeira</i>	pag.	82
XIV	Jahú.....	»	83
XV	Notas a lapis.....	»	86
XVI	<i>Gazeta de Noticias da Côrte</i>	»	92
XVII	Companhia Mogyana.....	»	95
XVIII	O Barão de Jundiaby.....	»	95

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS

I	A via-ferrea Mogyana na Franca.....	pag.	99
II	Immigração provincial.....	»	102
III	Immigração e colonisa ão.....	»	107
IV	Alojamento de immigrants.....	»	123
V	Desordens na provincia.....	»	131
VI	Banquete politico.....	»	139
VII	Um anno depois.....	»	144
VIII	Secretaria do governo.....	»	148
IX	Legislação Provincial e Fontes.....	»	150
X	O partido conservador.....	»	156
XI	O principio da autoridade.....	»	166
XII	Conclusão.....	»	167
XIII	Errata e additamento.....	»	169



DO MESMO AUCTOR

OBRAS IMPRESSAS

FREI CAETANO DE MESSINA, estudo historico-religioso, com retrato e *fac-simile* do moderno Apostolo do Brazil, com uma introdução do Dr. Antonio Manuel dos Reis.—S. Paulo, 1879, typ. Seckler, 1 vol. de XXI—138 pag.

Perfis contemporaneos. I—PIO NONO O GRANDE.—S. Paulo, typ. da *Tribuna Liberal*, 1879.

OS ESTUDANTES BRAZILEIROS NA BELGICA, (folheto de propaganda catholica, distribuição gratuita).—S. Paulo. typ. Perseverança, 1880.

O PARTIDO CONSERVADOR DA FRANCA, breves considerações sobre politica hodierna.—São Paulo, typ. Seckler, 1883.

IMPRESSÕES DE UM ROMEIRO (de São Paulo a Pirapóra) São Paulo, typ. do *Correio Paulistano*, 1888.

NÃO,—Simple Resposta a uma Consulta— São Paulo, typ. King, Maio 1890.

A IMPRIMIR

Perfis presidenciaes:—*O Conselheiro Rodrigues Alves.*—*O Conselheiro Dutra Rodrigues.*—*O Dr. Pedro Vicente de Azevedo.*—*O Barão do Jaguára.*—*O Brigadeiro Dr. Couto de Magalhães.*—*A Trilogia do Governo Provisorio neste Estado.* **Paginas de historia contemporanea**, 1 vol.—com retratos e *fac-simile*.

Annaes Paulistas, 1817 a 1850.—Introdução á **Consolidação da Legislação Provincial** de 1835 a 1890.

Monographia do municipio da Franca.—1 vol.

Notas Politicas (1875—1890), 1 vol.

A reforma do tabellionato, ensaio juridico—philosophico, brochura.

IMPRENSA ACADEMICA

O Onze de Agosto (1876).

O Catholico (1876).

A Reacção (1877—79)

A Vanguarda (1878).

POLITICA

A Justiça (1884—1888).

Correio da Franca (1889).

Correio Paulistano (Setembro de 1887 a Julho de 1888).

RELIGIOSA

Monitor Catholico (1878—82).

